

5

“*Digital divide*”: desigualdades de usos e acessos

Mundo todo na ampla discussão
O neuro-cientista, o economista
Opinião de alguém que esta na pista
Opinião de alguém fora da lista
Opinião de alguém que diz que não
(Banda Larga Cordel, Gilberto Gil)

Antes de começar a discutir o chamado ‘Digital divide’, penso que se faz necessário considerar os ganhos e as perdas que o processo de globalização trouxe consigo. A interdependência entre nações, tanto no que se refere aos processos de produção de bens materiais, quanto culturais pode, ao mesmo tempo, ampliar mercados e o intercâmbio de conhecimentos, como também concentrar riquezas e aprofundar as desigualdades entre indivíduos e entre países. A globalização que possibilita e agiliza a troca e a comunicação entre culturas é, ao mesmo tempo, aquela que tenta impor comportamentos e idéias homogeneizantes em realidades diferenciadas, acentuando desigualdades e disparidades.

No contexto atual isso ocorre, principalmente porque é ainda pequena a parcela da população, em diferentes países, que possuem acesso aos meios de informação digital, que se apropriam dos conteúdos disponibilizados e que possuem as condições necessárias para participar do processo de produção de conhecimento. A grande maioria despossuída desses pré-requisitos permanece excluída com pouca chance de participação. Como afirma Balboni, “importa perceber que a apropriação e os usos das tecnologias, bem como o controle dos fluxos de informação, são novas questões políticas e sociais” (2007, p.10).

A desigualdade digital é considerada o principal desafio a ser enfrentado não somente pelos países em desenvolvimento, mas também por aqueles mais desenvolvidos. Hoje, o acesso às TIC’s é fundamental para que os países em via de desenvolvimento reduzam a distância que os separam daqueles mais desenvolvidos. Assim, os questionamentos sobre o chamado *digital divide* – também identificado como divisória digital, brecha digital e, mais comumente como exclusão digital – surgiram e se multiplicaram a partir de 1990, com os impactos provocados pela crescente penetração da Internet no mundo (Warschauer, 2006; Canclini, 2007; Bauman, 2007).

“*Digital divide*” é uma expressão com origem na língua inglesa e significa algo como “divisória digital”. Hoje, conforme a situação é comum encontrar outras expressões como exclusão e/ou inclusão digital, democratização da informação, universalização da tecnologia e tantas variantes similares e politicamente corretas. Contudo, a origem do termo “digital divide” permanece obscura, sendo quase impossível descobrir como e quem utilizou este termo pela primeira vez. Segundo Andy Carvin, pesquisador do programa de Comunicação Política da Benton Foundation:

Ninguém sabe quem inventou o termo. Eu escrevi a Amy Harmon e ele respondeu negativamente. Alguns dão o crédito a Larry Irving, mas também ele nega, ainda que o tenha utilizado com Bonnie Bracey, no ano de 1995. Nesse mesmo ano, Al Gore iniciou a usá-lo nos seus discursos e Clinton o seguiu. Então ninguém sabe quem o inventou, Gore, Clinton, Harmon contribuíram para torná-lo popular através dos meios, enquanto que Larry e Bonnie o difundiram entre os estudiosos e políticos. (Digital Divide Network, 31 maggio 2004)
66

As diversas hipóteses de como o termo começou a ser utilizado, são importantes porque se vincula com as situações de uso e significados diversos. Há os que inicialmente utilizaram o termo para fazer distinção entre a postura de otimismo ou de pessimismo no confronto com as inovações tecnológicas. Em outros momentos o termo foi utilizado para indicar problemas técnicos, como incompatibilidades entre as redes analógicas e digitais dos celulares, dos televisores e das transmissões via satélite. Mais recentemente, o termo passou a ser utilizado para definir a desigualdade existente entre os que possuem e os que não possuem acesso às novas tecnologias, principalmente a Internet, e sobre as possibilidades de uso das informações que se encontram ali disponibilizadas.

Contudo, a cada novo estudo produzido, se alarga o horizonte de significados aos quais o termo faz referimento, posto que novos aspectos (econômicos, sociais, tecnológicos) vão sendo agregados em sua definição. Hoje o termo é considerado polissêmico, relativo a um fenômeno em constante evolução e que requer um contínuo processo de revisão. (Sartori, 2006).

⁶⁶ <http://www.digitaldividenetwork.org>.

Sob esse ponto de vista, aprofundar o estudo sobre a ‘divisão digital’ - termo que adotarei livremente nesta tese – resulta fundamentalmente relevante para minha investigação. Não só por assumir centralidade dentre as questões aqui discutidas, potencialmente uma chave de leitura sobre as práticas dos jovens na Internet, mas, também por se tratar de um fenômeno social parte da luta pela inclusão dos ‘desiguais, diferentes e desconectados’ no que tange ao acesso à informação, aos bens e aos serviços disponibilizados pela chamada ‘sociedade da informação’.

Assim, interessa aqui superar a visão reducionista que concebe o fenômeno da ‘divisão digital’ como uma polarização entre os que tem e os que não tem acesso a rede, ampliando as perspectivas de análise, visando assim minimizar os riscos de subavaliar a complexidade do fenômeno. Como conceito multifacetado, imerso em um contexto social complexo e em constante evolução, não é suficiente considerar apenas a disponibilidade física de um computador ou mesmo as condições de infraestrutura para o acesso. É preciso ter em conta uma série de fatores, históricos, econômicos, culturais, sociais, cognitivos e relacionais para realizar uma aproximação menos simplista, em uma perspectiva multidimensional.

5.1 Discutindo a divisão digital no mundo

Partindo da premissa que a Internet é a porta de entrada para a ‘sociedade da informação’, tanto os estudiosos quanto os governos de várias partes do mundo vêm demonstrando, há décadas, grande preocupação e inquietude com o seu desenvolvimento e com a importância que a questão do acesso à informação, vem assumindo como recurso econômico, político, cultural e social indispensável para a emancipação democrática. O relatório de Simon Nora e Alain Minc (1980), um dos primeiros documentos a exprimir essa inquietude, aborda a informática como centro da "revolução" tecnológica. Isto porque, segundo eles, a informática incide no tratamento e conservação da informação, permite à integração de vários meios comunicacionais, é passível de utilização via telecomunicações, e sua acessibilidade, através da microinformática, é viável técnica e comercialmente a uma massa de usuários. Segundo suas previsões (feitas há aproximadamente vinte e nove anos),

A telemática deveria integrar imagens, sons e memórias, o que exprime a possibilidade de integrar os meios de comunicação de massa preexistentes - o jornal, o rádio e a televisão. O acesso individual e de massa aos processos de telecomunicações ocorreria através da interação de um usuário com determinado estoque de informações ou entre dois ou mais usuários. (Nora, S. & Minc, A., 1980).

Na ótica visionária desses autores, estas novas formas de interatividade abrangeriam consulta a fontes centralizadas de memória (banco de dados), selecionar "páginas-programa" de imagem e de som em TV (o que a tevê a cabo já permite) ou trocas informacionais de forma autônoma.⁶⁷ Mais tarde, Em *Tecnologias da Inteligência*, Pierre Lévy defende a tese de que as formas de relações comunicacionais têm na informática uma nova base. Por integrar em uma só tecnologia diversas características já presente separadamente em outros meios, (textos, sons, ícones, signos) a informática constrói um nova "ecologia cognitiva" e se constitui em uma zona de conflito entre várias estratégias sociais em que,

a inserção no processo "sociotécnico" se constitui num espaço privilegiado de construção da realidade social, especialmente na medida em que nele se definem os ambientes cognitivos e comunicacionais. (Levy, 1994, p.53).

Considerado por muitos um dos visionários da era digital, Nicholas Negroponte, que em seu laboratório no MIT estuda e experimenta futuras formas de comunicação humana, do entretenimento à educação, programas que incluem televisão do amanhã, escola do futuro, informações e sistemas de entretenimento e holografia, também admite que,

toda tecnologia ou dádiva da ciência possui seu lado obscuro, e a vida digital não constitui exceção. Enfrentaremos o vandalismo digital, pirataria de software e roubo de dados. Pior que isso, haverá casos de abuso de propriedade intelectual, de invasão de nossa privacidade e testemunharemos a perda de muitos empregos para sistemas totalmente automatizados. (Negroponte, 1995 p.215).

Mesmo para Castell (1999), considerado por muitos um entusiasta da 'sociedade da informação', parcelas significativas da população mundial, não

⁶⁷ NORA, Simon & MINC, Alain.(1980). *A informatização da sociedade*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.

possuem condições materiais, cognitivas e econômicas para se conectar a rede, devido principalmente à velocidade do processo de difusão tecnológica que é seletiva tanto social como funcionalmente. O autor destaca que,

A centralidade da Internet em muitas áreas da atividade social, econômica e política equivale à marginalidade para aqueles que não tem acesso a ela, ou têm apenas um acesso limitado, bem como para os que são incapazes de usá-la eficazmente. (Castell, 2003 p.203).

Tendo em conta que o objetivo da minha pesquisa é contribuir para ampliar as perspectivas de análise visando à superação de visões bipolares e simplistas sobre o fenômeno da divisão digital, não me deterei aqui a discorrer sobre a gasta discussão que sustenta esta, apenas sobre a questão da diferenciação entre os que têm e os que não têm acesso à Internet. Contudo, vale ressaltar que nos diferentes estudos e pesquisas que se dedicam a entender as mudanças introduzidas pelas tecnologias da informação, particularmente pela Internet, se faz presente a preocupação com o modo como estas tecnologias alteram e re-configuram as organizações econômicas e sociais, e o modo de viver, de produzir e de se relacionar nas sociedades contemporâneas, altamente informatizadas ou não. Com relação ao acesso, fica evidente que efetivamente, a falta de infra-estrutura eficiente e a desigualdade de acesso, podem representar diferentes formas de exclusão, que pode se traduzir desde a dificuldade de participação de um país no processo de desenvolvimento tecnológico, “como acentuar a histórica exclusão social de indivíduos que não possuem as condições e o capital social e cognitivo necessário para se beneficiar da cultura digitalizada disponível na rede”. (Mattelart, 1996).

Depois de apresentar os recortes acima que refletem a preocupação de diversos teóricos sobre as potencialidades inerentes aos meios digitais tanto para diminuir, quanto para acentuar as desigualdades sociais, me parece ser de fundamental importância que os governos e a sociedade civil sejam capazes de analisar e compreender as mudanças, com o objetivo real de garantir uma redistribuição igualitária dos conhecimentos e das tecnologias, assumindo o compromisso de colocá-los a serviço da democracia e do desenvolvimento humano.

Mobilizados, por esta e outras questões, foi que em setembro de 2000, os presidentes de 189 países, incluindo o Brasil, se reuniram no evento chamado *Cúpula do Milênio*, promovido pela Organização das Nações Unidas (ONU), para

debaterem sobre os principais problemas que afetam o mundo no novo milênio. Como resultados dos debates realizados durante esse evento, estabeleceram-se os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), em que os presidentes se comprometeram a colocar em prática ações para que tais objetivos sejam alcançados até o ano de 2015 (tomando como base as estatísticas de 1990).

Cada objetivo tem uma ou mais metas, que deverão ser cumpridas por todos os países participantes. No curso das discussões, as tecnologias da informação e da comunicação assumiram papel preponderante como ferramentas essenciais para que os objetivos estabelecidos fossem atingidos. Como declarou Kofi Annan, secretário geral da ONU na época, fazendo referência aos países em desenvolvimento “Hoje estar de fora dos serviços de telecomunicações é uma falta tão grave quase como a falta de comida, de trabalho, de habitação, de assistência médica e de água potável”.⁶⁸

Também dentre a elite privilegiada com acesso à rede verificam-se discrepâncias que implicam em experiências qualitativamente diferentes de navegação no ciberespaço. A heterogeneidade das condições de conexão, configuradas pela confiabilidade e capacidade da infra-estrutura de telecomunicações e pelas formas de taxaço dos serviços, refletem, mais uma vez, as diferenças político-geográficas entre as várias regiões. Tarifas vergonhosamente caras e /ou conexões sofríveis para equipamentos e acesso determinam a clara desvantagem das nações menos desenvolvidas, das minorias étnicas e raciais, dos residentes em áreas rurais ou em cidades pequenas e das comunidades com menos renda e menores níveis educacionais.

Muitas vezes, essas condições precárias de acesso equivalem às disponíveis para as elites das nações mais pobres: redes telefônicas obsoletas, taxaço por tempo de permanência online, perdas frequentes de conexão, oscilações e interrupções no provimento de energia elétrica afetam significativamente a experiência de muitos usuários nas regiões mais ricas da América Latina, por exemplo. Ao redor do globo, a comercialização do acesso e a convergência das redes privadas de telefonia adotaram uma estratégia oportunista de curto prazo em que a provisão de serviços é direcionada, majoritariamente, para as maiores e mais ricas concentrações urbanas.

⁶⁸ Ver a Declaração do Milênio, Metas do Milênio, Declaração dos Princípios e Planos de ação em http://www.itu.int/dms_pub/itu-s/opb/pol/s-pol-wsis.od-4-2006-pdf. Acesso 29/10/2009.

Questões de escala também influenciam largamente a substituição, complementação e elaboração de infra-estrutura, reiterando a atração dos mercados urbanos e reduzindo os investimentos em conexões para áreas geograficamente afastadas.

Tabela 1 - Estatística de Usuários de Internet e População no Mundo

REGIÕES MUNDIAIS	População (Est. 2009)	Usuários de Internet 31 dez. 2000	Usuários de Internet, Última Data 30/06/2009	Penetração (%) população	Cresc.% 2000 - 2009
África	991,00	4,514	65,903	6.7	1,3
	2,342	,400	,900	%	59.9 %
Asia	3,808,	114,3	704,21	18.5	516
	070,503	04,000	3,930	%	.1 %
Europa	803,85	105,0	402,38	50.1	282
	0,858	96,093	0,474	%	.9 %
Oriente Médio	202,68	3,284	47,964	23.7	1,3
	7,005	,800	,146	%	60.2 %
America do Norte	340,83	108,0	251,73	73.9	132
	1,831	96,800	5,500	%	.9 %
América Latina/ Caribe	586,66	18,06	175,83	30.0	873
	2,468	8,919	4,439	%	.1 %
Oceania/ Austrália	34,700	7,620	20,838	60.1	173
	,201	,480	,019	%	.4 %
TOTAL NO MUNDO	6,767,	360,9	1,668,	24.7	362
	805,208	85,492	870,408	%	.3 %

Fonte: www.Internetworldstats.com

A tabela 1 apresenta uma visão global da situação da Internet no mundo com dados populacionais e de acesso à Internet, com última atualização em 30/06/2009. Embora as fronteiras físicas entre as nações sejam de fato irrelevantes para os dados em circulação, especificidades regionais afetam significativamente a disponibilidade e condições de acesso ao ciberespaço.

A concentração dos investimentos em infra-estrutura ajuda a compreender porque o *backbone* (*coluna dorsal*) das grandes cidades norte-americanas supera largamente o volume atual de tráfego, contando com vários cabos ainda 'apagados', enquanto o acesso internacional continua congestionado em cabos submarinos insuficientes (Fragoso, 2003, p. 212- 231).

Assim, ao elencarmos nesse capítulo algumas questões conjunturais que contribuem para acentuar e ou perpetuar a exclusão social, surgem como

problemas significativos: a já sabida desigualdade na distribuição de renda e, para minha surpresa, as condições de longevidade da população. Esse dado foi revelado pelo Relatório de Desenvolvimento Humano (RDH), divulgado recentemente pelo PNUD 2009 ⁶⁹, que chama a atenção para comparações discrepantes, tais como: De um lado, a esperança média de vida no Canadá é cinco anos mais elevada do que a do México, enquanto que os rendimentos são três vezes melhores. Do lado oposto, na Índia, uma mulher, moradora da zona rural e pertencente à considerada ‘casta inferior’, para sobreviver deve viajar para a cidade onde ganha R\$ 60 (1,20 dólares americanos ao dia), para trabalhar em obras e na construção. Pior, enquanto está longe de casa, os filhos não vão à escola porque esta fica demasiado longe do local da construção e, para mais, não sabem falar o idioma local.⁷⁰ Essas são algumas disparidades reais apuradas pelo RDH de 2009 que, por meio de um estudo aprofundado, concentra esforços no sentido de propor um conjunto de medidas práticas e políticas que visem fomentar o desenvolvimento humano e reduzir a exclusão social.

Sob a ótica de um plano macro de análise fica evidente que o nível de desenvolvimento econômico resulta um importante indicador do uso da Internet em um país. Contudo, aproximando a lente em um nível micro, podemos perceber que os índices educacionais e a renda familiar e/ou individual, também representam um fator determinante para a adoção do uso das tecnologias como instrumento de inclusão social. Ainda com base no Relatório do PNUD 2009, o documento aponta que as nações menores e mais pobres são as que concentram os piores índices educacionais e o menor número de trabalhadores com nível superior. “Esse tipo de mão-de-obra está deixando precisamente os lugares onde ela é mais escassa”, afirma o texto do pesquisador Michael A. Clemens. No total, elenca Clemens, 81 países têm pelo menos 15% de seus cidadãos formados vivendo fora, e em 34 dessas nações a proporção supera um terço.⁷¹

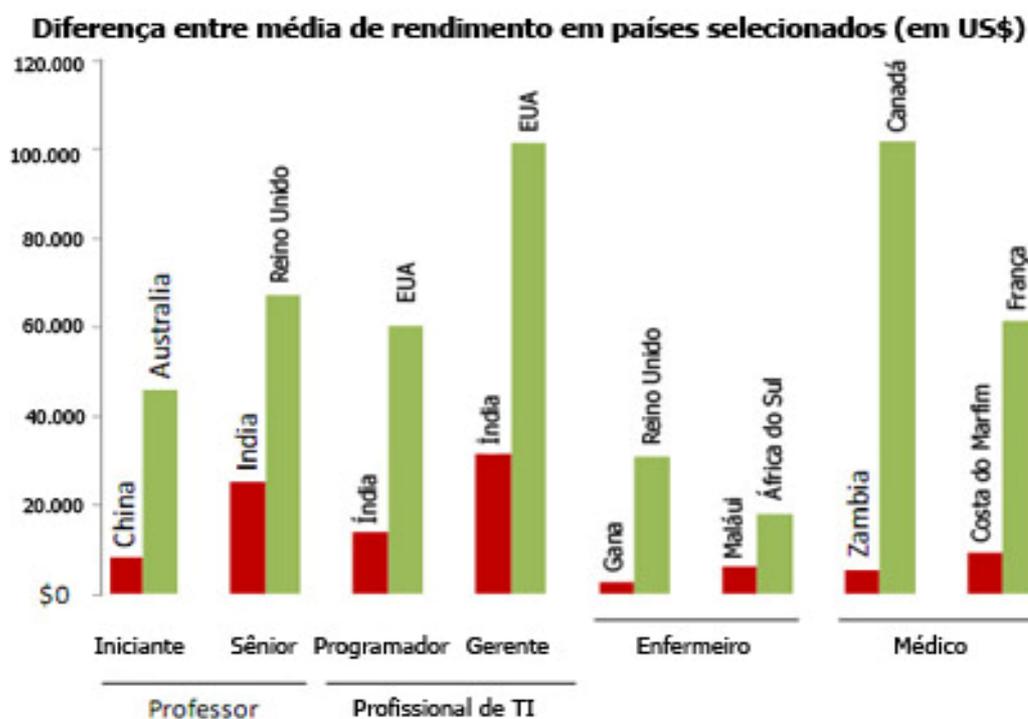
⁶⁹ Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD - trabalha para expandir as condições de cidadania plena e estimular a abertura de novas oportunidades socioeconômicas e políticas nas localidades com baixo Índice de Desenvolvimento Humano. Disponível em <http://www.pnud.org.br/rdh/>. Acesso 10/11/2009.

⁷⁰ Desnecessário dizer que esta é a situação de milhares de brasileiros e brasileiras, que habitam estados mais pobres, zonas rurais ou o entorno de baixíssima renda das grandes cidades.

⁷¹ Relatório do Desenvolvimento Humano 2009 - Disponível em http://hdr.undp.org/en/media/HDR_2009_PT_Complete.pdf. Acesso 10/11/2009.

O estudo foi feito com dados de 2000 referentes a 173 países membros da ONU. Uma das principais razões para esse movimento é o abismo salarial entre os países desenvolvidos e o restante. “Um desenvolvedor de *software* na Índia pode triplicar seus ganhos reais ao mudar para os Estados Unidos; um médico da Costa do Marfim pode multiplicar seu salário por seis se for trabalhar na França”, afirma o texto. Por ganho real, entenda-se o salário ajustado pela paridade do poder de compra, que elimina a diferença de custo de vida entre os países. O gráfico a seguir mostra alguns desses exemplos de disparidade de renda:

Gráfico 1 - Diferença entre média de rendimentos entre países



Fonte: PNUD 2009 ⁷²

Contudo, vale ressaltar que a desigualdade salarial, embora relevante, não é o único fator que contribui para que as pessoas com maior instrução deixem os países pobres. Conflitos armados, falhas nas instituições, corrupção, condições de trabalho precárias, poucas oportunidades de se aprimorar profissionalmente e repressão política também influenciam. Outra das razões, segundo o texto, é que

⁷² A média dos salários apresentados no gráfico é anual e são convertidos para dólares anuais E.U. e ajustado para as diferenças de poder de compra entre os países. Para maiores detalhes consultar http://hdr.undp.org/en/reports/global/hdr2009/papers/HDRP_2009_08.pdf. Acesso em 30.10.2009.

não há estudos que provem — e nada garante — que, ficando no país, os especialistas vão se dedicar à população menos favorecida e mais carente. “No Quênia, apenas 8,3% da população vive na capital Nairóbi, mas 65,8% dos médicos estão concentrados lá. Em Moçambique, apenas 8% da população mora na capital Maputo, que abriga 51% dos médicos do país”, argumenta.⁷³

Outro elemento importante de desigualdade no acesso diz respeito aos diferentes níveis de instrução e à bagagem cultural acumulada pelos indivíduos, seja entre países diversos, seja entre regiões de um mesmo país. Mesmo nos Estados Unidos, considerada uma das maiores potências tecnológicas do planeta, uma estimativa feita em 2003 pela Administração Nacional de Telecomunicação e Informação - Ntia,⁷⁴ apontou que existe um “*gap digital*”, uma lacuna em torno de 20% entre o acesso dos que terminam um curso universitário (84,9%), daqueles que fazem um curso de curta duração (68,6%), e daqueles que param antes os estudos (44,5%). Esta segregação social acontece também entre moradores da cidade e do campo, por exemplo. Um dado curioso é que, outra estimativa feita em 1999 pelo Departamento de Comércio⁷⁵, já apontava a diferença de acesso entre as diferentes raças na medida em que o estudo revelou que os americanos de origem branca e asiática tinham mais acesso à Internet (30% e 26% respectivamente), do que os negros e latinos (13% e 12% respectivamente). Várias pesquisas a nível internacional, gradativamente vem reafirmando o nível de instrução como um dos mais importantes fatores no acesso consciente à Internet.

Na Alemanha, por exemplo, pesquisa recente realizada pela Organizzazione per la Cooperazione e lo Sviluppo Economico⁷⁶ revelou que o nível de estudo dos genitores possui grande influência na qualidade e nos percursos de navegação dos filhos na rede. (Ocse, 2004 p.149). Com base nesses dados, em seu âmbito, a exclusão digital pode ser entendida como o hiato de conectividade que se verifica ampliado por fatores de “impedimento” variados, que podem ser de ordem geográfica, étnica, econômica, cultural e/ou educacional.

⁷³ Idem, PNUD, RDH 2009.

⁷⁴ Defining the digital Divide, ottobre 2004. Disponível em www.ntia.doc.gov. Acesso 10/11/2009.

⁷⁵ YANAKIEW, Monica. *O Estado de São Paulo* – 25/07/99.

⁷⁶ A criação da 'Organizzazione per la Cooperazione e lo Sviluppo Economico, OCSE, vinculada a Organisation for Economic Co-operation and Development - OECD, nasce da exigência de dar vida a uma forma de cooperação e coordenação do campo econômico entre as nações européias no período posterior a segunda guerra mundial. Para maiores informações consultar o site www.oecd.org.

Para autores, como Warschauer (2006), que defendem a educação e o aprendizado como fatores fundamentais no processo de construção de uma ‘sociedade da informação’, não é suficiente criar pontos de acesso, como os chamados “telecentros”, e tampouco basta meter à disposição modernas infra-estruturas de comunicação; é imprescindível promover condições que possibilitem aos usuários a transformação da informação em conhecimento, ou seja, uma transformação calcada em aspectos cognitivos.

Figura 4 – A Inclusão é digital ou social?



É que inclusão digital significa, antes de tudo, melhorar as condições de vida de uma determinada região ou comunidade com ajuda da tecnologia. Em síntese, este deve ser o destino final do fenômeno tecnológico de produção e de circulação da informação: criar conhecimento modificador e inovador do indivíduo e do seu contexto. Conhecimento, que conduza tanto o indivíduo como seu contexto a um melhor estágio de desenvolvimento. Nesse sentido, é hoje um dos maiores desafios apresentado pela rede, o desenvolvimento de novos processos educativos que possam criar as condições necessárias para que o indivíduo construa conhecimentos, autonomamente, interagindo com os múltiplos ambientes informacionais.

5.2 Os jovens: acessos e usos no Brasil

A Internet no Brasil apresentou, nos últimos anos, um grande crescimento, tanto no que se refere ao número de internautas, à quantidade de horas de acesso e à variedade de usos. A penetração da Internet abarca os mais diferentes grupos sociais e faixas etárias. Entretanto, como diversos especialistas já vêm registrando, a utilização vem ocorrendo de maneira mais intensa entre um público cuja faixa etária se confunde com os anos de popularização das TIC's e que, hoje, são jovens que compõem a chamada 'geração digital'. (Tapscott, 1999). Mesmo sendo difícil apontar a quantidade de usuários, muitos aspectos das pesquisas realizadas no Brasil apresentam dados aproximados, quanto ao perfil do usuário, tempo de acesso, preferências, hábitos e principais locais de acesso. As pesquisas mostram um aumento progressivo do número de internautas, crescimento da importância da Web nos domicílios brasileiros e entre o público jovem, notadamente entre os 16 e 24 anos de idade.⁷⁷

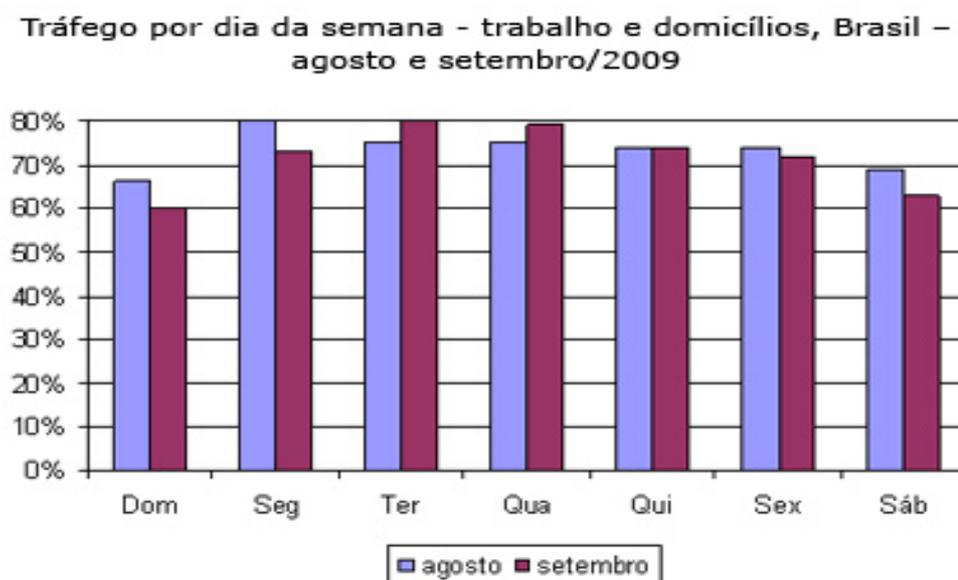
De acordo com os dados do Ibope Nielsen Online, em julho de 2009, o número de brasileiros que usou a Internet em casa ou no trabalho chegou a 36,4 milhões, um crescimento de 10% em relação aos 33,2 milhões de pessoas que acessaram a web nesses ambientes em junho do mesmo ano. Só no ambiente doméstico, a quantidade de internautas ativos ficou em 27,5 milhões -- 40,2 milhões de brasileiros vivem em residências onde há pelo menos um PC conectado, mas nem todos o utilizam. Se considerados também os acessos públicos (LAN houses, bibliotecas, escolas e telecentros), o Brasil conta com 64,8 milhões de usuários de Internet com mais de 16 anos, também de acordo com dados do Ibope. Marcelo Coutinho, analista e diretor de mercado do IBOPE, com base no cenário atual, acredita que a tendência é ainda de maior expansão para os próximos anos.⁷⁸

⁷⁷ Ver <http://www.artigonal.com/internet-artigos/jovens-e-o-acesso-a-internet-1091081>. Acesso 20/09/2009.

⁷⁸ Dados do Ibope Nielsen Online, disponível em <http://www.ibope.com.br>, acesso em 20/09/2009.

Em agosto, 80% dos usuários ativos utilizaram pelo menos uma vez em alguma segunda-feira do mês. Em setembro, esse índice caiu para 73%. Também houve diminuição da média de uso entre sexta e domingo. Por outro lado, cresceu o uso na terça e na quarta-feira.

Gráfico 2 - Tráfego na Internet por dia de semana – agosto/set. 2009.



Fonte: IBOPE Nielsen Online

O número de pessoas com acesso à Internet em qualquer ambiente (residências, trabalho, escolas, LAN houses, bibliotecas e telecentros), considerando os brasileiros de 16 anos ou mais de idade com posse de telefone fixo ou móvel, é de 64,8 milhões de pessoas, segundo o IBOPE Nielsen Online.⁷⁹

Na comparação com agosto, houve diminuição da conexão única principalmente das categorias Ocasões Especiais (-10,5%) e Informações Corporativas (-7,6%). No mesmo período, houve crescimento do acesso a sites de previsão do tempo, de fabricantes de automóveis, de gastronomia, de estilo de vida, de livros, de empréstimos e de corretoras de investimento.

⁷⁹ O IBOPE Nielsen Online é uma *joint-venture*, uma associação entre o IBOPE e a Nielsen, líder mundial em medição de audiência de Internet. Com o auxílio de um software proprietário, instalado em um painel de internautas representativo da população domiciliar brasileira com acesso à Web, a empresa detalha o comportamento dos usuários do meio digital. Disponível em <http://www.ibope.com.br>, acesso em 20/09/2009.

Tabela 2 - Tempo de uso e acesso por pessoas, números de usuários ativos

Tempo de uso por pessoa, número de usuários ativos e número de pessoas com acesso – trabalho e domicílios, Brasil – setembro/2009

	ago/09	set/09	variação
Tempo de uso do computador (hh:mm) – aplicativos incluídos	68:46	66:24	-3,4%
Tempo de uso do computador (hh:mm) – aplicativos excluídos	46:14	43:51	-5,2%
Número de usuários ativos (000)	37.289	35.503	-4,8%
Número de pessoas com acesso (000)	46.646	46.646	--

Fonte: IBOPE Nielsen Online

Ainda segundo a pesquisa do Ibope, o número de usuários ativos em setembro de 2009 no trabalho e em residências foi de 35,5 milhões, 4,8% menos que no mês anterior. O tempo de uso total, incluindo aplicativos, chegou há 66 horas e 24 minutos, e o tempo de uso sem aplicativos foi de 43 horas e 51 minutos por pessoa, em setembro. “A diminuição da quantidade de usuários ativos e do tempo de uso não é relevante já que está diretamente relacionada com o fim de semana prolongado ocorrido entre os dias 5 e 7 de setembro”, explicou Coutinho. O Ibope pesquisou também o tempo médio de acesso e os sites e serviços mais procurados pelos internautas.

Tabela 3 – Número de usuários e tempo de navegação.

Categorias – número de usuários únicos e tempo de navegação por pessoa, incluindo aplicativos – setembro de 2009

Categorias	Audiência Única (000)	Tempo por Pessoa (hh:mm:ss)
Buscadores, Portais e Comunidades	33.732	06:46:43
Comunicações/Serviços de Internet	33.474	09:38:23
Entretenimento	30.818	04:24:52
Computadores e Eletrônicos	29.243	01:46:04
Notícias e Informação	26.336	00:54:03
Comércio Eletrônico	23.819	01:17:35
Educação e Carreiras	20.996	00:44:43
Governo e Entidades sem Fins Lucrativos	19.497	00:55:39
Família e Estilo de Vida	18.926	00:41:36
Informação Corporativa	18.180	00:22:44
Finanças e Investimentos	17.902	00:54:23
Casa e Moda	16.842	00:25:50
Viagens e Turismo	15.220	00:26:43
Automotivo	8.095	00:18:19
Ocasões Especiais	6.903	00:09:27

Fonte: IBOPE Nielsen Online

Das subcategorias que cresceram em setembro, a de livros e a de montadoras de automóveis são as subcategorias que mais vêm se destacando nos últimos meses. “Em três meses, a audiência dos sites de livros cresceu 13% e a dos sites das montadoras aumentou 21%”, disse José Calazans, analista de mídia do IBOPE Nielsen Online. O crescimento apresentado pelo acesso a sites de livrarias e bibliotecas é um fato surpreendente posto que vai contra a opinião comumente divulgada de que a população jovem brasileira não lê e não se interessa por livros.

Contudo, vale ressaltar que o simples acesso não assegura que a informação seja processada, assimilada e se transforme em conhecimento e,

tampouco, garante que esse conhecimento, quando elaborado, venha a ser utilizado para transformar positivamente a realidade econômica, política e democrática dos socialmente menos favorecidos.

A definição das classes sociais foi colhida pela aplicação do Critério Brasil no final de todas as entrevistas, que envolveram pessoas das classes A, B, C e D. A partir dos dados, a análise para a pesquisa foi realizada numa comparação entre o comportamento dos mais ricos (entrevistados de classe A e B) e dos mais pobres (C e D). Em setembro de 2009, segundo o IBOPE Nielsen Online, a categoria Buscadores Portais e Comunidades atingiu 33,7 milhões de usuários únicos, com um tempo de 6 horas e 46 minutos por usuário. A categoria Telecomunicações e Serviços de Internet chegou a 33,5 milhões de usuários únicos, e um tempo individual de 9 horas e 38 minutos.

Essa amostra, insuficiente para ser considerada como reflexo estatístico-matemático da realidade, não ambiciona a generalização, mas ilustra o evento específico do que se pretendeu analisar dentro da proposta da pesquisa, visto que apontou pistas de como se dá a apropriação da tecnologia da Internet por parte de jovens moradores de um grande centro urbano. Outro dado interessante que vale comparar, refere-se aos locais de acesso.

Segundo os dados do Ibope, até 2008, embora o acesso venha aumentando em relação a 2007 e 2006, e o local mais utilizado pelos internautas sejam os domicílios (47%), o acesso de outros locais (LAN houses, telecentros, cybercafés) superou aquele feito do trabalho ou Instituições educacionais, e cresceram durante todo o ano de 2008, chegando ao último trimestre a 36% percentuais.

Nesse sentido, os dados vão ao encontro do que apontam outras fontes. A pesquisa F/Radar, realizada pelo Instituto Datafolha em parceria com a agência de propaganda F/Nazca, revela que o número de brasileiros acima de 16 anos que acessam a Internet chegou a 64,5 milhões em agosto de 2008.⁸⁰ A pesquisa mostra

⁸⁰ A terceira edição da F/Radar, pesquisa conduzida pelo DataFolha a pedido da F/Nazca, surpreende com novos dados em relação ao uso da Internet no Brasil. A amostra é representativa da população brasileira. Foram entrevistadas 2.110 pessoas entre os dias 26 e 27 de março, segundo a proporção da população por regiões, estados, capitais/interior em mais de 150 municípios. A margem de erro é de dois pontos percentuais para cima ou para baixo. Os resultados surpreenderam não só por apresentar um número maior de usuários do que os apontados pelas últimas pesquisas do Ibope/NetRatings, mas também por alertar para o processo de democratização do acesso à Internet que ocorre no Brasil com o aumento de LAN houses e postos de acesso gratuitos. Os resultados demonstraram a pequena co-relação entre a renda dos brasileiros e o acesso à Internet. Disponível em www.fnazca.com.br/pesquisaf radar. Acesso em 20/10/2009.

que 81% dos brasileiros entre 16 e 24 anos, cerca de 27 milhões de jovens, acessam a Internet. Isso representa a maioria dos internautas brasileiros. A maior parte dos acessos se dá em locais pagos, como as LAN houses (28%) e em casa (23%). Cerca de 50% dos brasileiros de classe C têm acesso à Internet, e maioria desses internautas acessam em LAN houses. De acordo com essa pesquisa, os fatores socioeconômicos e as desigualdades regionais ainda são os principais determinantes do acesso à Internet no Brasil. Quanto maior a renda e a escolaridade, maior o acesso. Assim, regiões mais ricas têm mais acesso. Como o uso da Internet é condicionado, dentre outros fatores, pela situação sócio-econômica, os indivíduos mais jovens que detém maior nível de escolaridade e maior renda apresentam mais chances de manter o uso freqüente da Internet.

No entanto, a pesquisa aponta para um fenômeno curioso que vem ocorrendo em todo o Brasil, mas principalmente na região nordeste. Apesar do computador com acesso à rede mundial ser mais acessível às classes mais abastadas, verifica-se nessas regiões um crescimento no número de acessos também por partes das classes menos afortunadas. Esse crescimento se dá, sobretudo, por meio de espaços públicos pagos, principalmente as LAN houses.

Esses locais são freqüentados, principalmente, por jovens com faixa etária na média dos 16 aos 24 anos, com menor nível de escolaridade e com renda média de até um salário mínimo.

Assim, as LAN houses, no Brasil, passaram a desempenhar um importante papel de imersão no ciberespaço, principalmente dos jovens das classes mais pobres, levando-os a um ambiente onde as fronteiras são relativas e as dimensões proporcionam sensações diferentes de qualquer outro lugar já experimentado. O levantamento divulgado mostra ainda que a principal razão para a maioria dos jovens internautas, 39% dos entrevistados, utilizar a Internet é a informação. Questionados sobre o hábito de inserir conteúdo na Internet, 58% dos jovens declaram já ter inserido seja um texto, uma foto, uma música ou um filme. Entretanto, a maioria não costuma reclamar sobre um produto ou serviço online. Cerca de 90% dos entrevistados usam a Internet para se relacionar e os meios mais utilizados para esse fim são o MSN e o Orkut e outras redes sociais, seguido de inserções de comentários em sítios de notícias e blogs.⁸¹

⁸¹ Disponível em www.fnazca.com.br/pesquisaf radar. Acesso 20/10/2009.

Já o Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (CETIC.br), do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br), braço executivo do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), é o centro de referência na produção de indicadores e estatísticas sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação e, principalmente, da Internet no Brasil. Este ano, o Cetic.br apresentou dados parciais, até setembro de 2009, em que também levantou dados estatísticos sobre o tempo médio de navegação dos usuários, considerando aqueles que acessam dos seu domicílios.

Tabela 4 - Internautas domiciliares ativos e horas navegadas - 2009

	jan 09	fev 09	mar 09	abr 09	mai 09	jun 09	jul 09	ago 09	set 09
Internautas (em milhões)	24,5	24,8	25,4	25,4	25,6	25,6	27,5	28,9	27,6
Tempo (em horas)	24:48	22:09	26:15	24:06	25:42	27:48	30:13	30:33	27:48

*Pessoas com 2 anos ou mais que navegaram na Internet através de computadores no domicílio no mês.

**Tempo médio de uso do computador pelos internautas brasileiros ativos no mês

Fonte: NetView - IBOPE//NetRatings.

O avanço do uso da Internet pela população brasileira, de 36,6 milhões de internautas em 2005 para 55,5 milhões em 2008 na área urbana, reforça a mudança de comportamento do cidadão, que utiliza cada vez mais serviços transacionais em ambientes virtuais.

Este ano, o Cetic.br apresenta pela primeira vez, a investigação na área rural do país, viabilizando uma análise completa do panorama brasileiro, no contexto das TIC's e, sobretudo, a identificação dos fatores de desigualdade socioeconômica em função da localidade que limitam a posse e o uso dessas tecnologias.

Tabela 5 - Proporção de domicílios com computador - percentual sobre o total de domicílios

Percentual (%)	Sim	Não
TOTAL	25	75
Área urbana	28	72
Área rural	8	92
REGIÕES DO PAÍS		
Sudeste	33	67
Nordeste	11	89
Sul	30	70
Norte	15	85
Centro-Oeste	30	70
RENDA FAMILIAR		
< R\$ 415,00	2	98
R\$ 416,00 - R\$ 830,00	10	90
R\$ 831,00 - R\$ 1.245,00	25	75
R\$ 1.246,00 - R\$ 2.075,00	45	55
R\$ 2.076,00 - R\$ 4.150,00	69	31
R\$ 4.151,00 +	84	16
CLASSE SOCIAL		
A	95	5
B	70	30
C	25	75
DE	3	97

Fonte: CGL.br - Pesquisa sobre o Uso das TIC's no Brasil 2008 .

A pesquisa evidencia que 25% dos domicílios, somando a área urbana e rural, possuem computador, com maior percentual nas regiões Sudeste e Sul do país, com renda familiar entre R\$ 2.076,00 e até R\$ 4.151,00 ou mais. Ou seja, em ambos os levantamentos, se confirma o privilégio histórico das classes A e B no quesito propriedade de bens e tecnologias. A comparação entre as áreas urbana e rural evidencia uma expressiva diferença na penetração dessas tecnologias: 28% dos domicílios nas áreas urbanas possuem computador, nas áreas rurais a posse dessa tecnologia é de apenas 8%. Quando se verifica os dados com relação ao acesso a Internet, encontramos o seguinte panorama: A pesquisa identifica os “centros públicos de acesso pago” como o principal local de uso da Internet no Brasil. Com 48% das menções, esses locais ficam à frente dos domicílios, que foram citados por 42% dos respondentes. Em seguida, temos os locais “na casa

de outra pessoa” e *“no trabalho*”, ambos com aproximadamente 22%, *“na escola*”, com 14%, e nos *“centros públicos de acesso gratuito*”, também chamados de *“telecentros*”, com 4% das menções no total.

Desde o início da realização da Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil em 2005, os centros públicos de acesso pago, conhecidos como Lan houses, vêm se mostrando um importante local de uso da rede mundial de computadores. Os resultados da área rural indicam, no entanto, que as Lan houses são ainda mais importantes nessas áreas do país, em face do que representam para as áreas urbanas. Em 2008, a proporção de usuários de Internet que navegaram pela web em uma LAN houses ou Internet Café nas áreas rurais representa expressivos 58%, registrando 11 pontos percentuais acima desse indicador em área urbana (47%). O papel desempenhado pelos centros públicos de acesso pago como agentes de inclusão digital é, na área rural, ainda mais significativo do que temos observado na área urbana.

Os dados também reafirmam que o acesso ao computador e à Internet é fortemente determinado pela renda, pela classe social e pela região do país. O acesso à Internet está presente em 25% dos domicílios da Região Sudeste e cerca de 20% nos domicílios das Regiões Sul e Centro-Oeste. Nas Regiões Norte e Nordeste, a proporção de domicílios com acesso à rede não ultrapassa 7%. No que concerne à renda e à classe social, observa-se que, na faixa até um salário mínimo e nas classes D e E, a penetração do acesso à Internet registra uma taxa de apenas 1%, enquanto atinge 81% na faixa de dez ou mais salários e 91% na classe A.

Tabela 6 – Local de acesso individual a Internet

Percentual (%)		Centro público de acesso pago ²	Em casa	Na casa de outra pessoa ³	No trabalho	Na escola	Centro público de acesso gratuito ⁴
TOTAL BRASIL		48	42	22	21	14	4
ÁREA	URBANA	47	43	22	22	14	3
	RURAL	58	26	18	11	15	4
REGIÕES DO PAÍS	SUDESTE	44	49	23	23	14	4
	NORDESTE	68	24	19	11	11	3
	SUL	31	49	22	26	16	3
	NORTE	66	26	20	19	17	3
	CENTRO-OESTE	42	43	26	25	20	2
SEXO	Masculino	50	42	21	24	13	3
	Feminino	45	42	23	18	16	4
GRAU DE INSTRUÇÃO	Analfabeto/Educação infantil	54	28	21	3	18	4
	Fundamental	63	29	22	6	13	3
	Médio	51	38	24	19	9	4
	Superior	26	65	19	44	23	3
FAIXA ETÁRIA	De 10 a 15 anos	63	27	24	1	22	4
	De 16 a 24 anos	60	34	25	17	17	4
	De 25 a 34 anos	38	48	21	34	12	3
	De 35 a 44 anos	26	61	16	35	7	3
	De 45 a 59 anos	15	68	12	32	3	1
	De 60 anos ou mais	18	67	19	16	5	-
CLASSE SOCIAL ⁶	A	8	92	15	47	12	1
	B	26	71	21	33	14	3
	C	55	32	23	16	15	4
	DE	79	6	20	6	14	5
SITUAÇÃO DE EMPREGO	Trabalhador	43	45	21	31	12	4
	Desempregado	64	38	23	4	10	4
	Não integra a população ativa ⁵	57	37	25	1	20	3

¹ Base: 8.815 entrevistados que usaram a Internet nos últimos três meses ² Internet café, lanhouse ou similar.

³ Amigo, vizinho ou familiar.

⁴ Telecentro, biblioteca, entidade comunitária, Correios etc.

⁵ Na categoria não integra população ativa estão contabilizados os estudantes, aposentados e as donas de casa.

⁶ O critério utilizado para classificação leva em consideração a educação do chefe de família e a posse de uma serie de utensílios domésticos. A soma dos pontos alcançada por domicílio é associada a uma Classe Sócio-Econômica específica (A, B, C, D, E).

Fonte: NIC.br - set/nov 2008

Dentre os domicílios brasileiros sem Internet, a principal barreira para a posse continua sendo o custo, uma vez que 54% dos entrevistados disseram não ter condições financeiras para comprar o equipamento. Mesmo nos domicílios

classificados entre as faixas superiores de renda, mais de 40% apontam o custo como razão para não ter um computador em casa.

Tabela 7 – Motivos para a falta da Internet no domicílio. *

Percentual (%)	Custo elevado/ Não tem como pagar	Tem acesso à Internet em outro lugar	Não há necessidade /interesse	Falta de disponibilidade na área	Custo-benefício não vale a pena
TOTAL	54	21	18	17	12
Área urbana	54	22	17	16	12
Área Rural	50	15	20	27	16
REGIÕES DO PAÍS					
Sudeste	54	25	18	16	13
Nordeste	57	20	17	15	7
Sul	53	17	22	19	20
Norte	51	23	9	26	6
Centro-Oeste	59	14	16	16	10
RENDA FAMILIAR					
< R\$ 830,00	62	19	17	17	15
R\$ 831,00 - R\$ 1.245,00	56	23	17	18	13
R\$ 1.246,00 - R\$ 2.075,00	51	24	19	15	8
R\$ 2.076,00 +	44	24	14	22	11
CLASSE SOCIAL					
AB	47	28	20	19	10
C	57	19	15	17	14
DE	55	19	27	12	11

Fonte: NIC.br - set/nov 2008

* Percentual sobre o total de domicílios que têm computador, mas não têm acesso à Internet

O segundo motivo mais citado como barreira à posse da Internet em casa é o fato de já possuir acesso em outro lugar (21%). Em seguida aparece com 18% das menções, “*não tenho necessidade/ interesse*”, seguido por “*falta disponibilidade na área*”, com 17% das menções. Da mesma forma que o custo é limitante para a posse da Internet, a falta de habilidade é fator determinante no processo de viabilização do uso do computador e da Internet.

Segundo o analista do CGI, Rogério Santanna, analisando os dados revelados pela pesquisa e considerando todas as regiões do país, constata-se que foi na Região Norte que a declaração “*falta de habilidade/ não sabe usar o computador*” apareceu superando a justificativa “*não tenho necessidade/ interesse*”. Enquanto 28% dos entrevistados dessa região declararam a falta de habilidade como barreira para adquirir um computador para o domicílio, somente

20% disseram não ter necessidade ou interesse. Na Região Nordeste, observa-se um empate entre os dois motivos. No entanto, a inclusão da área rural no atual estudo, revela que a indisponibilidade da rede também é um dos principais obstáculos para a inclusão digital no Brasil. O custo é um impeditivo muito relevante para a maioria dos entrevistados, seja no que se refere à posse e ao uso dos computadores (75%), bem como de conexão à Internet (54%). Entretanto, essa não seria a principal barreira para o acesso à Internet, mas sim a falta de habilidade com essas tecnologias, apontada por 61% dos entrevistados. Essa também foi a justificativa apresentada por 29% dos entrevistados que nunca utilizaram computador em seu domicílio. Esses dados mostram que, apesar dos avanços conquistados nos últimos anos, a ainda precária formação de parte dos nossos cidadãos se apresenta como um fator relevante para a manutenção da divisão digital⁸², ou seja, pessoas em desvantagem no que se refere às condições de acesso e à participação ativa na sociedade digital.⁸³

Por outro lado, embora nos últimos anos o crescimento do número de internautas no Brasil seja significativo, não podemos deixar de considerar a dimensão da divisão digital no país, que mantém a maior parte da população brasileira distante da posse e do uso das TIC's. De acordo com a pesquisa 2008 do CGI.br, a posse e o uso das TIC's no Brasil está fortemente concentrada em áreas urbanas e nas camadas sociais de maior poder aquisitivo. A situação nas áreas rurais é ainda mais crítica, dado que essas regiões possuem pouca ou nenhuma infra-estrutura, o que impede que a grande maioria dos domicílios nessas regiões tenha acesso aos serviços de telecomunicações e de Internet.

Esta realidade, somada a outros fatores, reforça o grande contingente de pessoas digitalmente excluídas, explicitando que o problema do acesso desigual às TIC's, dificulta o desenvolvimento da possibilidade de se utilizar efetivamente todas as potencialidades oferecidas pelas TIC's para criar as condições necessárias de apropriação do conhecimento, com vistas a promover uma melhoria significativa na qualidade de vida dessas pessoas.

⁸² Relembramos que na nossa compreensão de 'divisão digital' nesse trabalho, estamos falando não somente ao acesso, mas também a não apropriação às Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC's), particularmente a Internet, levando em consideração fatores econômicos, histórico, sociais, regionais, culturais, cognitivos, etc.

⁸³ DOS SANTOS, Rogério Santanna. Cresce o acesso às TICs, mas ainda é grande o desafio de democratizá-las a todos os brasileiros. In: CGI.br (Comitê Gestor da Internet no Brasil). *Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação 2008*. São Paulo, 2009, pp. 45-48.

A exclusão digital representa a separação existente entre indivíduos, empreendimentos e áreas geográficas de diferentes níveis socioeconômicos em relação às suas oportunidades de acesso às TIC's. Excluído digitalmente, o cidadão residente nessas regiões não tem acesso aos recursos de TIC e fica obrigado a interagir com o Governo nos modelos tradicionais de atendimento físico e presencial do cidadão aos órgãos governamentais. O cenário atual da administração pública brasileira tem se caracterizado pelo forte empenho em resgatar o papel do poder público para a construção de um novo modelo de gestão pública. A adoção estratégica e intensiva das tecnologias de informação e comunicação (TIC's) como elemento que pode contribuir para fomentar um novo modelo de gestão pública, quando apoiada por um plano de governo alinhado aos anseios da sociedade, cria o ambiente propício para a implantação de programas de governo eletrônico.

Uma pesquisa do DataSenado⁸⁴ aponta que a Internet é a segunda mídia mais utilizada para aquisição de informação sobre política no Brasil, perdendo somente para a televisão. A pesquisa, realizada entre os dias 8 e 21 de setembro de 2009, contou com a opinião de 1088 brasileiros de todas as capitais e apontou que a maioria dos entrevistados (59%), acredita que a Internet terá “importância elevada” no próximo processo eleitoral do ano de 2010. Outros números também chamam a atenção: 58% acessam a Internet mais de uma vez por mês; 78% afirmam ler blogs e portais de notícia para se informarem sobre política; 83% têm entre 20 e 39 anos de idade; a Internet é a ferramenta preferida para informações sobre política para 19% dos entrevistados; 67% preferem a TV, 11% preferem jornais e revistas e 4% optam pelo rádio.

A idéia de governo eletrônico está fortemente apoiada em uma nova visão do uso das tecnologias para a prestação de serviços públicos, mudando a maneira pela qual um governo interage com o cidadão, com empresas e com outros governos. O governo eletrônico favorece a melhoria dos serviços públicos e dos processos da administração pública, o aumento da eficiência, favorece a integração entre os órgãos do Governo, aumenta a transparência e fomenta a participação democrática. Daí a importância das pesquisas que se preocupam em produzir conhecimento sobre as formas de uso, sobre os locais e as condições de

⁸⁴ Disponível em <http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2009/10/01/materia.2009-10-01.1324440622> - Acesso 30/10/2009.

acesso e, principalmente sobre as reais apropriações que os usuários realizam. Só assim podemos encontrar formas de criar condições para combater a divisão digital e a desigualdade nas condições de acesso.

5.3

Os jovens: acessos e usos na Itália

Em setembro de 2009 o *L'Istituto nazionale di statistica da Itália* - Istat.it⁸⁵, disponibilizou os dados da pesquisa *'Aspetti della vita quotidiana'* desenvolvida em fevereiro de 2008, junto a 19 mil e 500 famílias italianas sobre a disponibilidade das novas tecnologias, os usos e as atividades desenvolvidas na rede e a Internet como instrumento de comunicação e de comércio. Segundo os dados apresentados pela pesquisa, os bens tecnológicos mais difundidos na Itália são a televisão, presente em 95,4% dos lares, e o celular com 88,5% de usuários. Já o computador pessoal faz parte da vida de 50,1% dos entrevistados, sendo que apenas 42% destes acessam a Internet. Esses dados colocam o acesso a rede atrás do uso de leitores de DVDs (59,7%) e de filmadoras (58,1%). Embora a pesquisa indique um crescimento no uso da Internet, em 2007 passa de 38,8% para 42%, e, aponte também um acréscimo qualitativo no acesso, na medida em que a conexão por banda larga passa de 22,6% para 27,6%, os dados demonstram que ainda hoje grande parte dos italianos não possui familiaridade com a Internet e o crescimento vem ocorrendo de forma mais lenta e gradual do que se previa.

Contudo, os dados não surpreendem se considerarmos o contexto e o processo de desenvolvimento da Internet no mundo e, principalmente, na Europa. Fica evidente que, quando comparado com outros países, a Itália não foi um dos maiores entusiastas na adoção de computadores e Internet, ao passo que os telefones celulares se revelaram, desde o início, uma tecnologia sedutora para a maior parte dos italianos. Em pesquisa realizada pela Ocse⁸⁶, com base em dados recolhidos em 1998, apenas 18,8% das famílias italianas possuíam um

⁸⁵ L'Istituto nazionale di statistica da Itália é o centro de pesquisa público, presente no País desde 1926, sendo o principal produtor de estatísticas oficiais para dar suporte aos cidadãos e às decisões públicas. Embora faça parte do sistema estatístico europeu opera com plena autonomia e se mantém em constante interação com o mundo acadêmico e científico. Para maiores detalhes sobre a pesquisa "Aspectos da vida cotidiana", ver <http://www.istat.it/istat/>. Acesso 29/10/2009.

⁸⁶ Organizzazione per la Cooperazione e lo Sviluppo Economico, OCSE - www.oecd.org.

computador enquanto que na Inglaterra o percentual era de 33%, nos Estados Unidos 42,1%, e na Alemanha chegava a 44,9%. A escassa disponibilidade de computadores refletia também um baixo nível de acesso. Entre as famílias americanas entrevistadas, 26,2% declararam utilizarem o computador para acessarem a Internet, na Alemanha a taxa era de 10,7% e na Inglaterra 9,0%, enquanto que apenas 3,5% das famílias italianas declararam acessarem a Internet em 1998. Conforme aponta ainda a pesquisa, no caso do celular, o quadro se inverte e o sucesso na Itália se aproxima dos países nórdicos, líderes nesse setor tanto no que se refere à produção quanto ao consumo. Em 1998, a Finlândia se destacava apresentando um percentual 55,2% de celulares contra os 35,6% dos italianos, que ainda assim superava os 23,5% que era a média dos países europeus. Porém, já em 2001, a Finlândia com 80,4% foi superada pela Itália que apresentava um índice percentual de 87,1% de celulares no país.⁸⁷

O interessante desses dados para essa tese é a percepção de que cada tecnologia, graças às próprias características que as distinguem, possui um desenvolvimento específico, ainda que inseridas em um mesmo contexto. Ou seja, fatores sociais, culturais, educacionais, econômicos entre outros, pode conduzir o acesso em direção a uma ou outra tecnologia de modos diversos.

Mesmo ciente de que os dados sobre o número exato de usuários da Internet são, em todo o mundo, imprecisos, algumas vezes distintos e variáveis entre as diversas pesquisas apresentadas e, muitas vezes, exagerados, parto do pressuposto de que algumas fontes são mais confiáveis e os dados produzidos por estas, ainda que aproximados, são representativos do panorama de desenvolvimento da Internet. Nessa perspectiva, seleciono e comparo aqui alguns desses dados, visando destacar mudanças significativas ocorridas ao longo dos últimos anos.

Começo apresentando a tabela a seguir, que faz o cruzamento entre o crescimento populacional na Itália e o número de usuários da Internet, considerando o período de 2000 a 2008.

⁸⁷ Dados divulgados por pesquisa realizada pela Organizzazione per la Cooperazione e lo Sviluppo Economico, OCSE, sobre a utilização das novas tecnologia pelas famílias italianas, tomando como base o ano de 1998. Para maiores detalhes ver www.oecd.org/. Acesso 27/10/2009.

Tabela 8 - Uso da Internet e estatística populacional na Itália

Ano	Usuários	Population	% Pop.	Fonte
2000	13,200,000	57,989,900	22.8 %	<u>ITU</u>
2004	28,610,000	58,608,565	48.8 %	<u>ITU</u>
2008	28,255,100	58,145,321	48.6 %	<u>Nielsen</u> <u>N//R</u>

Fonte: Nielsen Net//Ratings.

As análises dos números apresentados na tabela 8 deixam ver que embora o crescimento populacional ocorrido nos últimos anos no país não seja expressivo, comparativamente, o percentual de acesso reflete um crescimento significativo, fazendo ver que se hoje a Internet na Itália ainda não é ‘para todos’, também não é mais ‘para poucos’. Desde a segunda metade de 2003 que se verifica uma nova fase de crescimento ainda que, proporcionalmente, menos veloz que aquela ocorrida entre 1998 e 2000. Contudo, com base nas informações que complementam esses dados, posso ‘acreditar’ que a tendência de desenvolvimento da rede é mais forte de qualquer outra tecnologia de informação e comunicação.

No período compreendido entre 2000 e 2009, a Itália apresentou um percentual de crescimento de 120%, assumindo a 6ª posição no ranking dos dez países com maior percentual de acesso da Europa, com uma taxa de pouco menos de 50% de usuários, o que se traduz em cerca de 28 milhões de pessoas.

Estes números coincidem com os dados publicados pelo Instituto GFK-Eurisko Company⁸⁸ no final de setembro de 2009, que também apontava o número de pessoas que acessaram a rede na Itália, na casa dos 28 milhões, ainda que, como ressalta o estudo, obviamente esse número sofre uma redução quando se exclui os acessos em situações específicas como no caso de um curso de formação via rede ou ainda em acessos compartilhados em conjunto com amigos.

⁸⁸As análises do Instituto GFK- Eurisko Company são particularmente relevantes porque permitem um confronto direto com um histórico publicado neste site há uma década, e que se pode seguir regularmente no tempo. Breve resumo da situação nos últimos anos tem sido publicado no livro de endereço comerciante online em <http://www.gfk.com/gfk-eurisko.it>

Assim, com base nos dados apresentados, podemos inferir que, ainda hoje, é grande o número de italianos que não possuem familiaridade com a Internet, contudo, aqueles que conhecem e acessam a rede tendem a usá-la com grande frequência, e mais da metade dos entrevistados que a utilizam admitem acessá-la quase todos os dias.⁸⁹

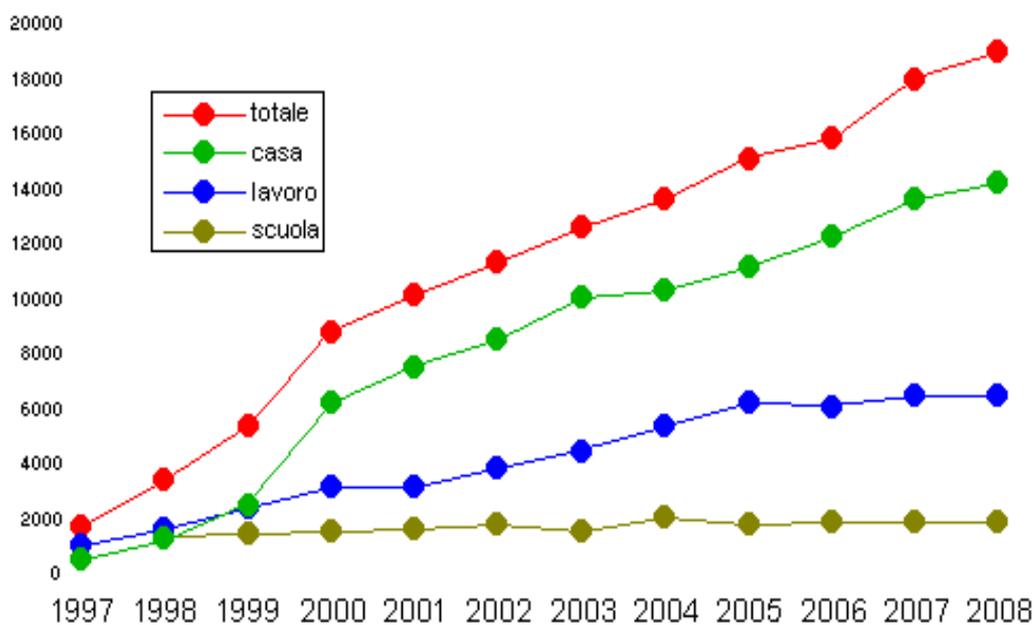
Os fatores em jogo para explicar o crescimento e a penetração da Internet são muitos e complexos. Os otimistas apontam ‘um salto de qualidade’ nos conteúdos e serviços, somados a difusão de uma ‘cultura da rede’ mais séria e concreta. Outros acreditam ser apenas mais uma opção de entretenimento, um bom negócio de marketing para a comercialização de produtos, principalmente para os fabricantes de softwares e hardwares. Em meio a hipóteses e incertezas, é facilmente observável que o andamento da Internet, de modo geral, principalmente nos países mais desenvolvidos, indica que, contrariando as previsões mais pessimistas de alguns analistas europeus, a Itália está muito longe de uma hipotética situação de saturação do crescimento da rede. Prova disso é que, ainda que de modo descontínuo e oscilante, os números indicam que a quantidade de usuários e a frequência de acesso vêm gradualmente aumentando.

Ao analisar os fatores que podem estar contribuir para esse crescimento, percebi, como primeira variável, uma mudança significativa no se refere ao local utilizado pelos usuários para realizarem o acesso à rede.

No passado ainda recente, o desenvolvimento da rede na Itália, se dava, sobretudo, no acesso realizado no trabalho, seguido pelo acesso realizado na escola. Em último lugar aparecia o acesso realizado em casa. Contudo, observando alguns gráficos, a exemplo do que apresento a seguir, fica fácil perceber que a partir de 2006 ocorre um crescimento maior do acesso feito de casa, enquanto se mantém estável o acesso feito no trabalho e na escola.

⁸⁹ Disponível em <http://www.gfk.com/gfk-eurisko/company/index.it>. Acesso 20/10/2009.

Gráfico 3 – Acesso à Internet na Itália – 1997/ 2008 (número em milhares)



Fonte: GFK-EURISKO

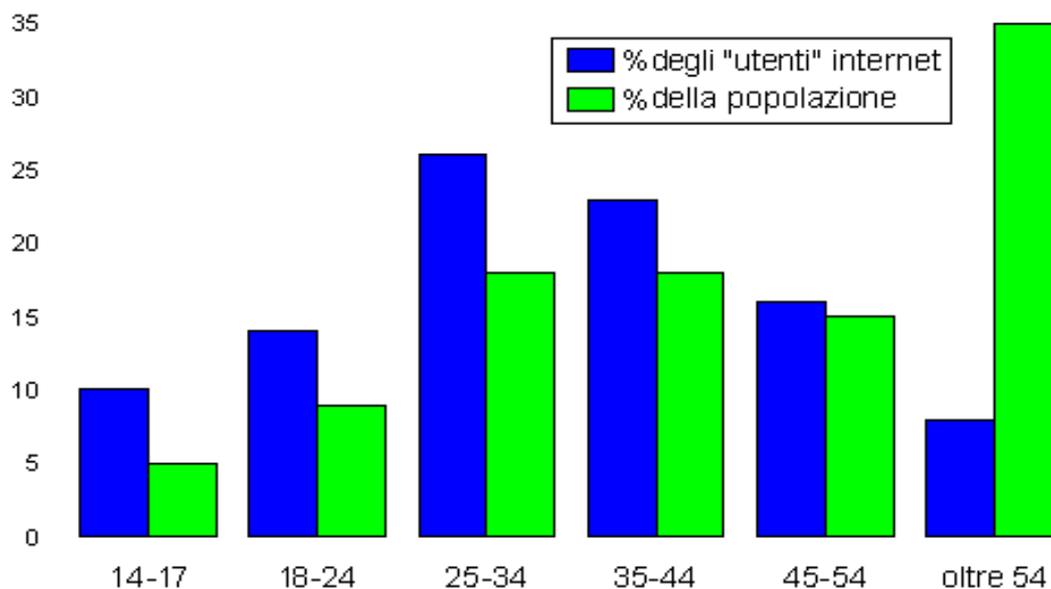
O gráfico apresenta uma diferença entre o uso “doméstico” e aquele no ambiente de ‘trabalho’. Segundo os dados apresentados, o acesso feito de casa superou, pela primeira vez, 10 milhões de acesso em junho de 2007; 12 milhões em maio de 2008 e, 15 milhões em abril de 2009.

Em setembro de 2009, em relação ao mesmo período do ano anterior, ocorreu um crescimento de 16% no acesso realizado de casa e uma relativa estabilidade no percentual do acesso feito no trabalho. Entre os jovens, o acesso é muito mais freqüente de casa, enquanto que nos locais de trabalho, prevalece o acesso de pessoas ‘adultas’. Esses dados apresentados agora são muito significativos quando comparados aos dados referentes aos acessos dos jovens no Brasil, que utilizam como espaço privilegiado de acesso os centros públicos de acesso pago. Entendo que aqui se evidencia uma diferença, em termos de local de acesso, entre a Itália e o Brasil, provavelmente em virtude, dentre outros fatores, da extensão territorial, do índice populacional e, notadamente, da menor infraestrutura e do capital econômico e social insuficiente para vencer essas barreiras. Mas retomaremos essa discussão no curso dessa tese. Ainda com relação ao acesso dos jovens na rede, a pesquisa do Instituto GFK- Eurisko Company constatou que ocorreu durante o período investigado, um crescimento entre os entrevistados que se declararam ‘usuários habituais’, ou seja, aqueles que

admitiram acessarem a Internet ao menos três vezes por semana, o que indica, seguindo a linha de algumas análises, que a frequência do uso aumenta com mais velocidade do que o número total de pessoas que acessam a rede.⁹⁰

A pesquisa, divulgada no final de setembro de 2009, com base nos dados de 2008, curiosamente revela ainda que, só recentemente, (a partir de 2003) a Itália começa a apresentar um maior fluxo de internautas com idade inferior aos 25 anos. Já os ‘jovens’, aqui considerando a soma das faixas etárias entre 18 e 34 anos, respondem por cerca de 50% do acesso. O nível decresce para 25% entre a faixa etária dos 35 aos 44 anos e cai para 18% entre aqueles com 45 e 54 anos de idade. Entre os entrevistados com 65 anos em diante que declararam usar a Internet, o percentual foi tão insignificante que se tornou impossível definir o modo como estes utilizam a rede.⁹¹

Gráfico 4 - Percentual dos usuários italianos por faixa etária.



Fonte: GFK- EURISKO

Segundo demonstra o gráfico o segmento de usuários mais presente na rede resulta da soma das faixas etárias 25-34 e 35-44, ou seja, são os ‘jovens’ na faixa dos 25 aos 44 anos.

⁹⁰ Idem

⁹¹ Disponível em <http://www.gfk.com/gfk-eurisko/company/index.it>. Divulgados em <http://web.mclink.it/MC8216/dati/dati3.htm>. Acesso 20/10/2009.

Quanto aos usos, a posta eletrônica, ou seja, a troca de emails lidera o acesso (77,3%), principalmente entre os usuários de 18 anos em diante. Baixar música é uma atividade prevalentemente jovem (44%) entre os usuários com menos de 18 anos, diminuindo para 29% entre os usuários com faixa etária entre os 18 e os 29 anos. Os níveis mais baixos aparecem dos 30 anos em diante. O hábito de freqüentar chats é mais comum entre os 14 e 17 anos (46%), mas aparece, decrescentemente, também entre os 18 e os 29 anos (24%) e, ainda entre os 30 e os 44 anos (16%). Mas a Internet é também utilizada para o download de conteúdos digitais como filmes, vídeos (34,6%) e jogos (10,7%). Sob essa ótica, a Internet vem sendo usada também como instrumento de troca e compartilhamento de conteúdos.

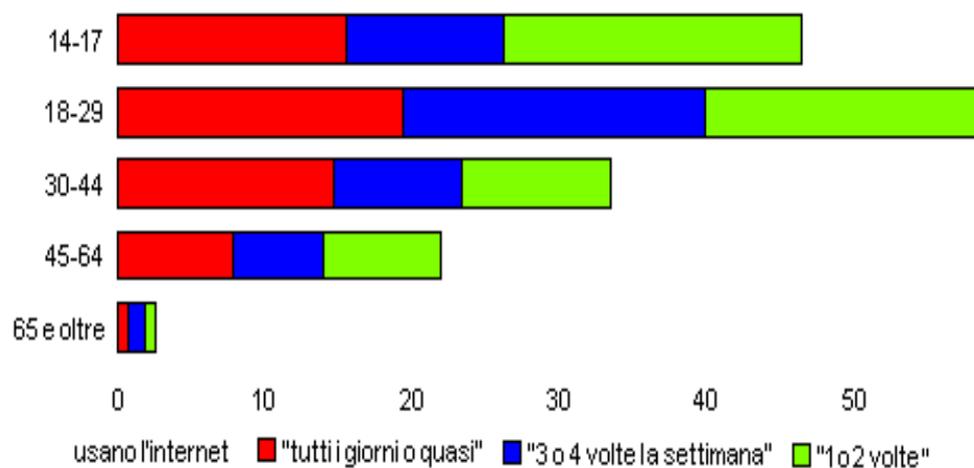
O fato de a Internet ser um espaço prioritariamente juvenil justifica plenamente a constatação de que são os jovens, entre 18 e 24 anos, que usam a modalidade *peer to peer*⁹² para trocarem músicas, filmes e vídeos (20%); também são os que usam os serviços *podcast*⁹³ para receberem vídeos e áudios e fazem também postagens em sítios da Web, de conteúdos autoprozuidos (31,1%), conforme revelou a pesquisa. Existem ainda usuários que buscam na rede informações sobre mercadorias e serviços (64,8%), os que buscam algum tipo de aprendizagem (54,7%), os que utilizam os motores de busca para obter informações ou para baixarem e lerem jornais e revistas (43,4%). Pelo menos 22,7% dos usuários utilizaram o e-commerce, enquanto que 38,3% dos internautas usaram também a Web para obterem informações sobre a administração pública dentro do período pesquisado.⁹⁴

⁹² *Peer-to-Peer* (do inglês: par-a-par), entre pares, é uma arquitetura de sistemas distribuídos caracterizada pela descentralização das funções na rede, onde cada nodo realiza tanto funções de servidor quanto de cliente. Geralmente, uma rede *Peer-to-Peer* é constituída por computadores ou outros tipos de unidades de processamento que não possuem um papel fixo de cliente ou servidor, pelo contrário, costumam ser considerados de igual nível e assumem o papel de cliente ou de servidor dependendo da transação sendo iniciada ou recebida de um outro *par* da mesma rede. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/P2P>. Acesso 14/11/2009.

⁹³ Podcasting é uma forma de publicação de arquivos de mídia digital (áudio, vídeo, foto, PPS, etc...) pela Internet, através de um feed RSS, que permite aos utilizadores acompanhar a sua atualização. Com isso, é possível o acompanhamento e/ou download automático do conteúdo de um podcast. A palavra "podcasting" é uma junção de iPod - marca do aparelho de mídia digital da Apple de onde saíram os primeiros scripts de podcasting - e broadcasting (transmissão de rádio ou televisão). A série de arquivos publicados por podcasting é chamada de *podcast*. O autor (ou a autora) de um podcast é chamado(a) *podcaster*. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Podcasting>. Acesso 14/11/2009.

⁹⁴ Disponível em http://www.istat.it/salastampa/comunicati/non_calendario/testointegrale.pdf. Acesso 11/11/2009.

Gráfico 5 - Percentuais da frequência de uso da Internet por faixa etária



Fonte: GFK- EURISKO

Outra variável que ajuda a compreender as condições de acesso à Internet na Itália, e que me parece importante ressaltar, diz respeito à forte divisão digital existente com base na faixa etária. Segundo esse critério, a pesquisa realizada pelo Istat em 2008 demonstra que as famílias com filhos mais jovens são aquelas que lideram a posse de computadores pessoais (74,3%), que possuem a mais alta taxa de acesso a Internet (60,9%), inclusive por meio de banda larga (41%). No extremo oposto se colocam as famílias constituídas por pessoas com 65 anos ou mais, em que apenas 7,1% possuem computador pessoal, sendo que desses 5,5% possuem acesso a Internet; porém é quase inexistente a conexão por meio de banda larga.⁹⁵ Como já afirmei anteriormente, existe um consenso entre vários pesquisadores (Mamede-Neves, 2008; Rivoltella, 2006; Breton, 2000; Prensky, 2001) de que os jovens são, quantitativamente, a presença mais marcante entre os usuários da Internet. No entanto, embora esse seja um dado facilmente observável, se considerarmos as metodologias e os instrumentos de mensuração utilizados nas pesquisas mais recentes, assim como as diferentes faixas etárias adotada para o conceito de jovens, os resultados podem apontar dados que diferem entre si, chamando atenção para o fato de que as estatísticas sobre o uso da rede entre os jovens hoje precisa no mínimo, ser relativizada.

⁹⁵Disponível em http://www.istat.it/salastampa/comunicati/non_calendario/00/testointegrale27.pdf. Acesso 11/11/2009.

Os dados revelados pela pesquisa Istat (2008) demonstram que o pico de utilização do computador pessoal se encontra na faixa entre 15 e 19 anos (80%), mas no caso do acesso a Internet a faixa etária é ampliada para 15 e 24 anos (71%). Depois, se verifica um decréscimo proporcional ao aumento da idade. Entre as pessoas na faixa de 35 a 44 anos o uso do computador é de 58,6%, enquanto que os que se conectam a rede é reduzido para apenas 53,8% de usuários. Entre os que se encontram na faixa de 60 a 64 anos, apenas 20,5% utilizam o computador pessoal e destes, somente 18% navegam na Internet. Como no caso das pesquisas anteriores, os italianos com mais de 65 anos se encontram ainda a margem do fenômeno da rede. Estas diferenças dependem, em grande parte, do nível de instrução das pessoas com idade mais avançada. Curiosamente, no sentido oposto, a mesma pesquisa revela que em 2008, 44,9% da população com 03 anos ou mais já utilizam computadores pessoais quase todos os dias, enquanto que entre a população com seis anos ou mais 40,2% navegam na Internet, sendo que 17,7% usam a rede cotidianamente.

Também se verifica, em relação ao ano precedente, uma forte diferença de gênero tanto no uso do computador pessoal quanto no acesso a Internet. 50,4% dos homens declararam utilizar o computador pessoal contra 39,7% das mulheres. Quanto ao acesso, 45,8% dos homens navegam na Internet, enquanto que apenas 35% das mulheres declararam que costumam acessar a rede. No entanto, as análises indicam que, entre os 18 e 19 anos, essa diferença é quase inexistente; é depois dos 34 anos que ela se acentua a favor dos homens e alcança o pico entre os 45 e 64 anos com um aumento de quase 15% entre os dois gêneros.⁹⁶

Ainda que resguardadas algumas disparidades, as pesquisas italianas reafirmam o fato de que os principais usuários da Internet são realmente os 'jovens' e também os profissionais intelectuais que fazem do computador uma ferramenta de trabalho. Dentro do núcleo familiar, com pais e ou responsáveis operários, desocupados ou profissionais de baixa renda, verifica-se uma diferença de 27% no que se refere à posse de computadores pessoais e de 30% no que tange ao acesso a Internet a casa, quando comparado a famílias com pais ou responsáveis que ocupam postos de trabalho mais bem remunerados.

⁹⁶ Disponível em http://www.istat.it/salastampa/comunicati/non_calendario/testointegrale2.pdf. Acesso 11/11/2009.

Os estudantes também acessam a rede com muita frequência (80,6%), seguido pelos trabalhadores 'intelectuais' (54,1%). Nos últimos postos aparecem as donas de casa (8%) e os desempregados (7,8%).⁹⁷

Por último, vale ressaltar que existe também uma grande desvantagem territorial na Itália. Em 2007, cresceu a divisão digital entre o Norte rico do país em comparação a região Sul, notoriamente mais pobre e com menos investimentos tecnológicos. A diferença no que se refere à posse de computador pessoal entre o Norte e o Sul do país era de 6,9% em 2006, passando para 7,6% em 2007 e a 9,3% em 2008. O acesso permanece na casa dos 10% entre as duas regiões, mas cresce de 5,7% para 9,2% a diferença entre o acesso por meio de banda larga, sendo os maiores incrementos neste sentido destinados ao Norte do País.

Certamente, esse breve panorama faz perceber que embora exista um crescimento no uso e na apropriação das tecnologias na Itália, esse não é um processo homogêneo. O acesso a rede, em qualquer país do mundo, depende de múltiplos fatores sendo alguns de tipo sócio-demográfico que atuam diretamente sobre o indivíduo como o gênero, a idade, o nível de instrução, o local de residência, o status familiar.

Outro fatores também merecem ser elencados aqui: fatores de ordem histórica, institucional e política, como o grau de desenvolvimento tecnológico do país; o nível de investimento político e econômico em educação para os meios; o investimento no setor tecnológico em termos estruturais e, ainda, a riqueza do país. Ou seja, a bagagem histórica, educativa e cultural pode ou não propiciar aos indivíduos a possibilidade de realizar uma elaboração eficaz da informação adquirida, transformando-a em conhecimento auto-produzido, independentemente de gênero, etnia ou idade.

Vale ressaltar que o saber acumulado do indivíduo se encontra em constante alteração. Essa alteração é vista como positiva quando a interação com a informação desencadeia o processo de construção que resulta em aprendizagem. No decorrer desse processo, os fatores acima citados fazem, não podemos ignorar, a chamada diferença.

⁹⁷ Idem.

Figura 5 – Para aprender não tem idade



Fonte: blogs.diariodepernambuco.com.br/economia/uploads/2008/08/caixaeletronico.jpg.

Na prática, ninguém, independente da idade, é incapaz de aprender o que precisa saber para usar eficazmente a Internet. A barreira, mais que técnica, é psicológica e cultural. A idéia largamente difundida e igualmente infundada de que a rede seja um espaço só para os ‘nativos digitais’, jovens ‘tecnomaníacos’ e *nerds* digitais, cria certa defesa entre os mais velhos, os chamados, de forma que soa inferior, “imigrantes digitais”. Isso provoca uma percepção de estranhamento que termina por afastar o indivíduo da rede. Também as dificuldades e os perigos da navegação que são freqüentemente exagerados pelas notícias divulgadas nas mídias, especialmente na televisão, reforçam a crença de que o uso da Internet deve ser cauteloso, é tecnicamente difícil e requer instrumentos complicados e caros. Mas, um dos principais motivos pelo qual as pessoas resistem ao uso da Internet é o ‘medo de ser tecnicamente incompetente’. “Não sei usar um computador e não consigo acessar a Internet” são afirmações que, gradativamente vão se configurando como verdades absolutas com o passar da idade.

O relatório da OCSE⁹⁸ enfatiza que, no contexto político e econômico atual, existe a necessidade dos governos democráticos reforçarem o envolvimento

⁹⁸ Para maiores detalhes ver www.oecd.org/. Acesso 27/10/2009.

dos cidadãos para melhorarem as políticas públicas; para enfrentar os desafios da ‘sociedade da informação’, para melhorar o gerenciamento do conhecimento, coletivo e individual; para aumentar a cobrança pela transparência e pela responsabilidade dos atores públicos, visando com isso reforçar a confiança dos cidadãos em relação aos seus governantes e as suas instituições. Por fim, o relatório destaca a importância de uma melhor e maior integração dos indivíduos no que se refere aos acessos, aos usos e as apropriações das TIC’s, por ver a Internet, hoje, como o instrumento de comunicação e de informação mais capacitado e potente para contribuir no processo de construção de uma cidadania ativa e participativa em direção ao desenvolvimento econômico, cultural e democrático das sociedades.

5.4

Lan Houses – uma possibilidade de inclusão no Brasil

“Às vezes, quando o dia está bom, eu consigo ganhar até dez reais. Mas, eu nunca gasto tudo com comida. Levo um pouco pra casa e sempre deixo uma parte para ir lá na LAN house”. Essa fala eu ouvi de um menino de 13 anos, em uma lanchonete do bairro Paraíso, no município de São Gonçalo, no Rio de Janeiro.

Estávamos os dois sentados, lado a lado nos bancos sob o balcão, quando ele me perguntou se eu poderia *“arrumar uns trocados”* para ajudar a pagar a coca-cola e o pão com manteiga que ele devorava apressadamente. Concordei. Como passava pouco das 14h00min horas, ainda me restava algum tempo livre antes de retornar à universidade, resolvi puxar conversar. Perguntei o nome e a idade dele e se ele não deveria estar na escola. Ele me respondeu que tinha ido pela manhã, mas que tinha saído mais cedo para *“arrumar”* uns trocados para o almoço (o pão com coca-cola). Comentei algo sobre o fato dele estar comendo rápido demais. Ele respondeu que a LAN house que ele freqüentava abria as 15h00min horas e ficava lotada. Se ele demorasse não conseguiria pegar o *“seu computador”*. Achei interessante a forma como ele se referiu ao computador da LAN house como sendo dele, mas antes que eu pudesse fazer algum comentário, ele agradeceu, enfiou o último pedaço de pão na boca e sumiu correndo pela rua.

Embora eu já venha utilizando o termo ao longo desta tese, acredito que, para o leitor menos familiarizado com esses espaços, cabe aqui uma breve descrição das casas comerciais de acesso à Internet, que são comumente chamadas de LAN houses. Contudo, vale ressaltar ainda que se trata de uma descrição genérica da estrutura encontrada na maior parte desses espaços. Isso porque, hoje, estes estabelecimentos se diversificaram a tal ponto que se torna impossível descrevê-las por meio de um único modelo.

O conceito de LAN House foi inicialmente difundido na Coreia em 1996, chegando ao Brasil em 1998. Utilizando a moderna tecnologia como meio, a LAN house iniciou uma revolução nas opções de entretenimento, permitindo a interação entre dezenas de jogadores através de uma rede local de computadores. O mercado de LAN houses no Brasil teve seu grande "boom" em 2000. As casas lotadas seduziam os olhos de pequenos e grandes empreendedores, que viam nas LAN houses uma oportunidade de ganhar dinheiro fácil. Quando do seu surgimento, as LAN houses eram basicamente utilizadas para jogos online, que podiam ser jogados individualmente ou em grupos. A sigla LAN vem do inglês e foi extraída das letras iniciais de "Local Area Network", que quer dizer "rede local", traduzindo assim uma loja ou local de entretenimento caracterizado por ter diversos computadores conectados em rede de modo a permitir a interação de dezenas de jogadores. A tradução para o português, como sugerem alguns, poderia ser "casa de jogos para computador". Fisicamente, a LAN house ficou caracterizada por possuir diversos computadores (que se pretende de última geração) conectados em rede, onde vários jogadores se divertem com as últimas novidades do ramo de jogos, todos conectados em um único ambiente virtual. Os computadores de uma LAN house estão ligados em rede uns aos outros, de forma a ser possível jogar o mesmo jogo com vários jogadores em computadores diferentes ao mesmo tempo (uns contra outros, por exemplo). Hoje, o uso se encontra diversificado, existindo LAN houses direcionadas somente para Internet, tendo um ambiente silencioso para quem precisa fazer um trabalho, ou até mesmo para quem prefere ficar em salas de bate-papo, comunidades virtuais, etc. As LAN houses, cujo acesso é pago, se configuram como centros com características diferenciadas dos espaços de acesso gratuito. Elas oferecem o acesso individual à Internet, sem haver propriedade pública ou doméstica de um computador, de uma linha telefônica ou de banda larga.

Em muitos casos, a qualidade do computador é melhor, e a velocidade de acesso maior do que a encontrada em domicílios ou instituições públicas como escolas, universidades ou telecentros comunitários.⁹⁹ Outra característica significativa é a liberdade de acessar qualquer espaço na rede, sem bloqueios ou restrições comumente encontradas em outros espaços públicos. Além disso, as LAN houses embora estejam presentes nos centros urbanos, hoje, concentram sua localização e seu crescimento, principalmente, nas periferias das grandes cidades. Esse é um fator que vem atendendo aos interesses da ampliação do acesso e da inserção dos jovens ao espaço da rede, principalmente entre as comunidades periféricas dos países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil.

Cheguei à Faculdade de Formação de Professores da UERJ, sem conseguir tirar da cabeça o breve encontro, acima mencionado, com o menino de 13 anos, em uma lanchonete do bairro Paraíso, no município de São Gonçalo, no Rio de Janeiro. Como daria naquele momento uma aula para uma turma de Licenciatura, não me contive e comentei com os alunos sobre o fato ocorrido. Os alunos se mostraram surpresos com o meu estranhamento e afirmaram que, em São Gonçalo, havia praticamente uma Lan house em cada esquina, ao mesmo tempo em que novas surgiam e outras desapareciam a cada momento. Partindo dessas informações e percebendo o entusiasmo que o tema exercia sobre a turma, propus uma discussão sobre a proliferação desses espaços pagos de acesso à Internet, principalmente em comunidades periféricas, e sobre o crescente número de jovens atraídos diariamente para esses estabelecimentos.

Assumindo o papel de mediadora, organizei o grupo em um grande círculo, composto por vinte e cinco jovens, onze homens e quatorze mulheres, todos universitários, com idade entre dezenove e vinte e quatro anos.

Durante a conversa com os jovens, descobri que em várias comunidades carentes do Rio de Janeiro, a exemplo de alguns bairros de São Gonçalo e adjacências, as LAN houses estão oferecendo serviços que vão além de jogos e da conexão à rede, incluindo o que seus donos denominam de “atividades de cidadania e governo eletrônico”.¹⁰⁰ Um exemplo é a declaração de isento. Para

⁹⁹ Disponível em <http://pt.wikipedia.org>, consultado em 15/11/2007.

¹⁰⁰ Esta definição é utilizada pelos defensores do reconhecimento da Lan house como espaço de inclusão digital, para se referir aos serviços diferenciados que podem ser encontrados hoje nestes espaços.

quem não tem acesso à rede, a renovação do CPF depende do preenchimento de formulário e visita aos correios ou casas lotéricas. Pela Internet, o processo é praticamente imediato. Com isso, as LAN houses passaram a oferecer o serviço. Também outros serviços oferecidos incluem a impressão de documentos, o envio de currículo por email, ou ainda pagamento de contas de água, luz e telefone, só para dar alguns exemplos. Ainda, segundo o depoimento de alguns universitários do grupo, esses espaços são também utilizados, para realizar trabalhos acadêmicos, pesquisas ou para fazer inscrições via Internet. Trata-se de um território juvenil, com prevalência masculina, sendo que as meninas, embora em menor número, também marca presença.

Como muitos se declararam usuários desses espaços, perguntei sobre os motivos de pagarem para se conectar, na medida em que a universidade dispunha de laboratórios de informática, cujos computadores eram ligados à rede. Alguns alegaram que no laboratório o tempo de permanência era limitado e o uso controlado, não sendo permitido o acesso a determinados espaços na rede. Outros declararam que não tinham computador em casa, ou, quando tinham, não dispunham de banda larga e o acesso discado, além de “cair” constantemente, acabava saindo mais caro do que acessar na LAN house.

Entretanto, também ficou claro na fala dos que se declararam freqüentadores que, para estes, a LAN house ocupava um espaço simbólico diferenciado. Houve quase um consenso em descrevê-la como ponto de encontro com os amigos, como espaço de ‘azaração’ e, principalmente, como local de divertimento. Um lugar onde se reúnem para jogar online, encontrar amigos, enviar e-mails e mensagens, conhecer pessoas novas, ‘fazer uma social’, tanto de modo presencial quanto online, com pouca interferência e muita liberdade. Essas descrições, tomadas em conjunto, deixam ver a importância da LAN house como instância de socialização e de produção de subjetividades.

O processo comunicacional e as trocas (online e/ou face a face) que se realizam nesse espaço, potencializam a formação de redes sociais heterogêneas, ampliam as possibilidades de experimentações e de pertencimentos dos sujeitos, por meio da identificação e da afiliação voluntária. As práticas e as redes sociais que se estabelecem na LAN house são escolhas regidas por interesses individuais, posteriormente compartilhados entre os outros freqüentadores. Assim a

sociabilidade está de acordo com a identificação, com a semelhança de atitudes, com a reciprocidade e com o interesse comum compartilhado.

Essa percepção remete à definição de sociabilidade proposta por Simmel (1983), que a define como *forma autônoma ou lúdica de sociação*.

Esse processo funciona também na separação do que chamei de conteúdo e forma da vida societária. Aqui, a 'sociedade' propriamente dita é o estar com o outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmos e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços. É isto precisamente o fenômeno que chamamos sociabilidade." (Simmel, 1983, p. 168).

Para o autor, é a forma e não o conteúdo que dá o caráter social às interações humanas. Sob essa ótica, a sociabilidade surge como uma estrutura sociológica muito particular das outras sociações, na qual o que mais importa é a interação. Esta, quando se dá por meio da 'conversa', é considerada pelo autor a forma mais pura e verdadeira de reciprocidade na medida em que o propósito reside na própria conversa como ação relacional e não em um conteúdo específico. "Para que a conversa satisfaça como mera forma, não se pode permitir que nenhum conteúdo ganhe importância por si mesmo" (Simmel, 1983 p. 177)

Quanto aos usos, a conversa revelou que o MSN Messenger (*Microsoft Service Network*), ou apenas MSN¹⁰¹, é um dos serviços de maior repercussão entre os jovens. Este é um programa de mensagens instantâneas (criado em 2001 para competir com o ICQ (*I seek you*, seu antecessor), o programa possibilita a comunicação síncrona (em tempo real) entre dois ou mais participantes ao mesmo tempo. O programa permite que um usuário da Internet se relacione com outro(s) que tenham o mesmo programa em tempo real, podendo ter uma lista de amigos "virtuais" e acompanhar quando eles entram e saem da rede.

Entre as comunidades virtuais, a liderança absoluta é do Orkut, (ou orkut), uma rede social filiada ao Google, criada com o objetivo de ajudar seus membros

¹⁰¹ Consultar: http://pt.wikipedia.org/wiki/MSN_Messenger.

a criar novas amizades e manter relacionamentos. Tais sistemas, como esse também são chamados de rede social. Segundo dados disponibilizados pelo próprio Orkut¹⁰², o sistema possui mais de sessenta milhões (68.182.265 em 20 de agosto de 2007) de usuários cadastrados. O Brasil é o país com o maior número de membros. Cerca de 55,29% dos usuários do sistema, declaram-se brasileiros. As pessoas mais jovens têm mais interesse no Orkut.

Aproximadamente 59% são pessoas que têm de 18 a 25 anos. Porém esse número não é exato, pois, embora proibido para pessoas menores de 18 anos, estes também participam da rede colocando idades incorretas. Pessoas de 26 a 30 anos surgem como os segundos colocados em participação de idades com 11,09%. Em média, a cada 8 dias, 1 milhão de novos usuários ingressam no Orkut por meio de convites enviados por email ou criando uma conta no Google.

Entre os jogos eletrônicos, os *games*, o Tíbia¹⁰³ foi o mais citado pelo grupo. Criado por dois estudantes alemães em 1997 e fabricado pela empresa CipSoft, é um game gratuito, sem som, com gráficos em duas dimensões, muito leve para ser “baixado” da rede. Classificado como ‘game de aventura’, é jogado em terceira pessoa, ou seja, o jogador explora o cenário multimídia do jogo assumindo a pele de um personagem (feiticeiro, guerreiro, druida ou paladino) e acompanha a atuação deste com o personagem dos outros jogadores pela tela do computador. Também o *Counter Strike* - um jogo em primeira pessoa em que dois grupos rivais se enfrentam trocando tiros - foi citado por vários jovens como sendo o jogo mais popular da LAN, mas a opinião gerou discordância no grupo, visto este ser considerado por alguns, principalmente as meninas, como sendo um jogo ‘muito violento e politicamente incorreto’.¹⁰⁴

Diante das descobertas proporcionadas por esta breve experiência com meus alunos de São Gonçalo, percebi a importância do papel social assumido pelas LAN houses junto aos grupos tecnologicamente marginalizados. Hoje, a capacidade de acessar, modificar, interconectar e produzir conhecimentos utilizando as tecnologias de informação e comunicação é fundamental para a inclusão do indivíduo em uma sociedade orientada por questões como consumo,

¹⁰² Consultar: <http://pt.wikipedia.org/wiki/orkut> e <http://www.orkut.com>.

¹⁰³ Para saber mais sobre os jogos nas Lan houses, consultar a tese de doutorado de PEREIRA, Vanessa Andrade. Na Lan House, “porque jogar sozinho não tem graça”: estudo das redes sociais juvenis on e off line/– Rio de Janeiro: MN/UFRJ/PPGAS, 2008.

¹⁰⁴ Idem. Op. Cit.

informação, acesso, flexibilidade, mobilidade, visibilidade, etc. Nesse contexto, a questão central que se coloca é: Como o acesso à rede, realizado por meio das LAN houses, influencia no processo de construção da experiência contemporânea dos jovens moradores de periferias?¹⁰⁵

Interessa sobremaneira, identificar práticas e discursos que sinalizem os usos, as apropriações que os jovens constroem *na, da e com*¹⁰⁶ a Internet, assim como as práticas de sociabilidade que se estabelecem online e offline nas interligações entre estes dois espaços, com vistas a fornecer pistas para o aproveitamento do potencial das LAN houses não apenas como espaço que viabiliza o acesso físico a computadores e à conectividade, mas como espaço de construção de recursos adicionais que permitam aos seus usuários utilizar a rede como oportunidade para transformar sua realidade. Esse interesse se justifica não apenas pela proliferação desses espaços pagos de acesso à Internet, principalmente em comunidades periféricas, como também pelo crescente número de jovens atraídos diariamente para esses estabelecimentos.¹⁰⁷

"Tem pai que pensa que aqui é creche", brinca o estudante André Soo Dong Oh, 19 anos, freqüentador assíduo da LAN house Playnet, no Bom Retiro, em São Paulo. "Eles deixam os filhos aqui e vão trabalhar".¹⁰⁸

"Comecei a jogar [na Internet] com 07 anos. O que já gastei em LAN houses dava para comprar uma só para mim".¹⁰⁹

"Já cheguei a ficar quatro dias seguidos sem voltar para casa. Para dormir, colocava os pés em cima da mesa, descansava duas horas e seguia jogando." (Bruno, 17 anos)¹¹⁰

¹⁰⁵ De modo geral, 'Periferia' diz respeito ao espaço que está no entorno, na vizinhança de outro espaço tido como central. A Periferia, num sentido genérico, quer dizer "tudo o que está ao redor". O termo é bastante utilizado em termos de geografia, para designar toda a área urbana que está ao redor do centro urbano. A periferia pode ser intra-municipal (bairros afastados do centro do município) ou extra-municipal (municípios da região metropolitana). No Brasil, freqüentemente se associa à periferia as regiões urbanas de infra-estrutura precária e baixa renda, sendo tomada freqüentemente como sinônimo de zona suburbana, embora uma região periférica não seja necessariamente pobre. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Periferia>, consultado em 16/03/2008.

¹⁰⁶ Essa perspectiva coaduna com o entendimento presente em diversos textos sobre mídia-educação, entendida como uma educação *para* as mídias, *com* elas e *sobre* elas.

¹⁰⁷ Este fenômeno pode ser comprovado por meio da ênfase dada ao tema pelas mídias, pelas ONGs e pelas organizações governamentais, assim como, pelas diversas matérias publicadas recentemente nos principais jornais e revistas das grandes cidades, algumas das quais são utilizadas nesta pesquisa.

¹⁰⁸ "LAN houses viram ponto de encontro 24 horas", Jornal o Estado de São Paulo, 06/11/2002.

¹⁰⁹ "LAN houses, virtual expansão em áreas pobres", Jornal O Globo, 05/08/2007.

As falas acima, retiradas de depoimentos de jovens usuários das LAN houses, publicadas em matérias jornalísticas sobre o tema, a meu ver, refletem bem o fascínio que esses espaços exercem sobre os jovens.

Figura 6 – De Lan em Lan



Fonte: <http://extra.globo.com/>

Na imagem acima publicada no Jornal Extra do dia 04/04/2009, para além da imagem de uma Lan house localizada na Baixada Fluminense, percebe-se a alegria e o prazer dos jovens em serem fotografados e, por meio da postura, das roupas e das expressões, também podemos perceber a familiaridade com que eles ocupam esse espaço. Essa foto ilustra uma matéria sobre o crescimento desses estabelecimentos na Baixada Fluminense que, segundo o autor da matéria, a Baixada está conectada, na medida em que “As lan houses se multiplicam na Baixada Fluminense. O distrito de Engenheiro Pedreira, em Japeri, e o bairro de Miguel Couto, em Nova Iguaçu, são bons exemplos desta expansão. Em poucos metros de ruas e avenidas, é possível escolher entre várias opções”.¹¹¹

Também em matéria mais recente, publicada no Globo.com, com base em uma pesquisa realizada pelo Pnad 2008, as LAN houses já representam o segundo lugar no Brasil onde mais se acessa a internet. Em 2008, 47,5% das 56 milhões de pessoas que se conectaram à web disseram ter acessado a rede em mais de um

¹¹⁰ “Jovens esquecem casa e dormem em lan house”, <http://noticias.uol.com.br/ultnot>, 21/09/2007.

¹¹¹ “Baixada conectada: invasão medieval na Baixada”, disponível em <http://extra.globo.com>, de 04/05/2009, consultado em 09/12/2009.

local. Esse ranking é liderado pelo ambiente doméstico (57,1%), seguido pelas LAN houses (35,2%) e trabalho (31%). Em 2005, a ordem era diferente: ambiente doméstico, local de trabalho e Lan houses em terceiro lugar.¹¹²

O destaque vai para as regiões Norte e Nordeste, onde os centros públicos de acesso pago lideraram a navegação entre pessoas com acesso à Internet em diferentes lugares. No Norte a porcentagem chegou a 56,3%, enquanto no Nordeste chegou a 52,9%. Nessas mesmas regiões, o uso da web residencial ficou em 34,1% e 40%, respectivamente. Traduzindo em termos percentuais, os 56 milhões de internautas representam 34,8% da população com 10 anos ou mais – em 2005, o percentual de conectados era de 20,9%. Os maiores percentuais de usuários de internet estão na região Sudeste (40,3%), Centro-Oeste (39,4%) e Sul (38,7%), enquanto as regiões Norte (27,5%) e Nordeste (25,1%) têm os menores percentuais. Ou seja, a região Centro-Oeste, sabidamente a de maior poder aquisitivo, tem a maior disseminação de uso exclusivo de internet rápida, sendo usada por 93,4% das pessoas (em 2005, eram 57,1% delas). Na contramão, mas igualmente esperado, a região Norte teve a menor proporção de usuários que se conectam somente via banda larga: 70,4% (40,5% em 2005).

Estes dados embora mais recentes possuem importância no que se refere aos projetos de inclusão social. Infelizmente, além de reafirmar outros dados, apresentados anteriormente nesta tese, indica que nesses três anos (2005/2008), pouco mudou o quando de exclusão existente no Brasil. Ainda segundo o Pnad, a faixa etária do internauta está associada ao local de conexão. Nesse sentido, as LAN houses apareceram no topo da lista dos usuários com idades entre 10 e 17 anos, com 53,3%. Atrás delas ficaram os domicílios onde eles moravam, com 43,1%. A ordem foi diferente entre aqueles com mais de 40 anos: domicílio (78,6%) e local de trabalho (50,9%). Outro dado já apresentado em outras pesquisas discutidas neste trabalho, diz respeito ao perfil econômico dos usuários das LAN houses. Enquanto o rendimento per capita das pessoas que acessaram a web no trabalho foi de R\$ 1.523, e o dos internautas domésticos girou em torno de R\$ 1.336, nas LANs os rendimentos per capita foram de R\$ 536,00, ficando abaixo dos usuários de centros públicos de acesso gratuito que se apresenta em

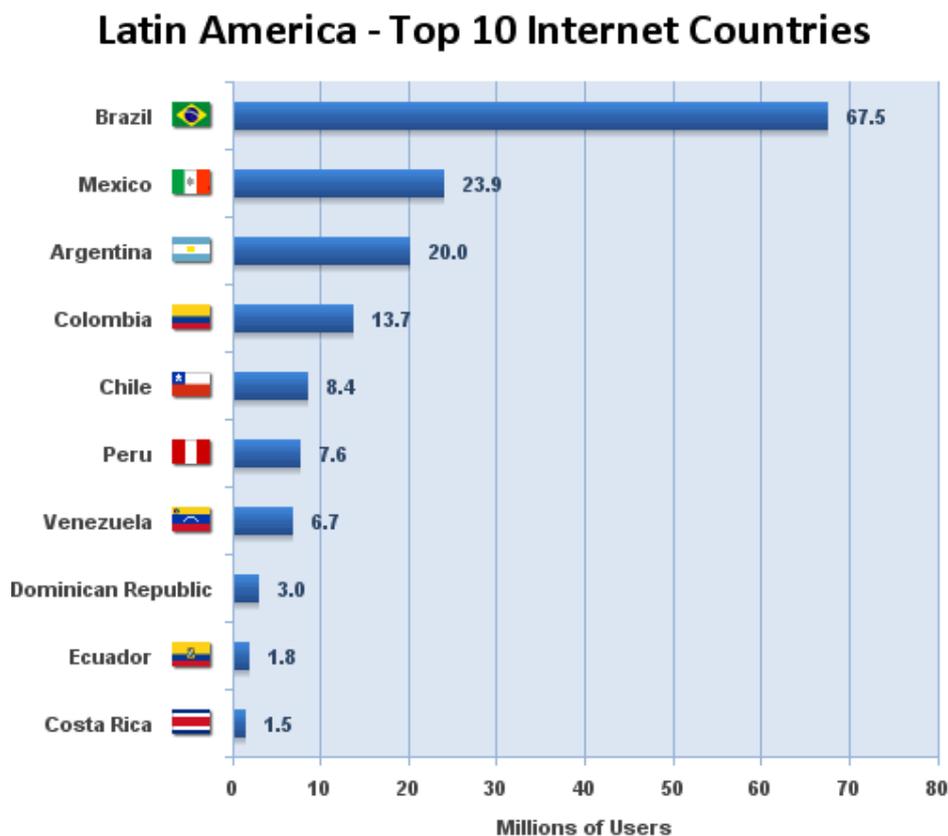
¹¹² “No Brasil, lan houses desbancam local de trabalho no acesso à web”, de 11/12 1009, disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/1622-6174,00.html>. Acesso 30/12/2009.

torno de R\$ 825,00. A renda dos usuários desses locais reitera o papel social dos pontos de acesso coletivo.

No que tange aos incluídos na categoria dos 'sem acesso', como foram definidos pela própria reportagem são, segundo a pesquisa do Pnad, os 104,7 milhões de pessoas com 10 anos ou mais que não tiveram acesso à Internet no período de três meses anteriores à pesquisa (65,2% do total). Os principais motivos para a não utilização foram não achar necessário ou não querer (32,8%); não saber utilizar a internet (31,6%) e não ter acesso a computador (30%). Se relacionado com os dados de 2005, o percentual de pessoas que não navegavam porque não achavam necessário ou não queriam, curiosamente, foi o que mais aumentou: subiu de 20,9% para 32,8% (no Rio de Janeiro, 45,1% dos desconectados apresentaram esse motivo). Por outro lado, houve redução no número de pessoas que disseram não acessar por não ter computador (de 37,2% para 30%) e entre aqueles que alegaram o custo elevado do PC (de 9,1% para 1,7%). Cabe esclarecer que, conforme os dados da pesquisa, os que não demonstram interesse na Internet apresentaram idades médias mais elevadas (44,1 anos em 2005; 45,2 anos em 2008) do que aqueles que apresentaram outros motivos para não se conectarem. Entre os estudantes, a principal razão para estarem desconectados é o fato de não terem acesso a um computador (46,9%). Em 2008, o grupo de 15 a 17 anos foi o que apresentou maior percentual de utilização da internet (62,9%), além de maior aumento em relação a 2005 (quando somava 33,7%).

Apesar desse universo de desconexão existente no Brasil no que se refere ao uso da Internet, quando consideramos os índices da América Latina, percentualmente, o Brasil lidera o número de acesso entre os países da América do Sul, com um desempenho à frente do México, da Argentina, da Colômbia, do Chile, e outros, conforme pode ser constatado no gráfico a seguir.

Gráfico 6 – Os dez mais



Source: Internet World Stats - www.internetworldstats.com
 162,466,535 estimated Internet Users in Latin America for Dec. 2008
 Copyright © 2009, Miniwatts Marketing Group

Segundo dados divulgados no relatório de dezembro de 2008 do Internet World Stats, nesse período, 67,5% da população brasileira possuíam acesso a Internet. O México, o país latino-americano mais próximo do Brasil em dimensões e população, aparece segundo lugar no ranking, com apenas 23,9% de usuários. Mas, apesar da liderança brasileira, a existência de computador e acesso à Internet ainda indicam fortes diferenças regionais.

Como já foi apontado neste trabalho, de acordo com pesquisas do CGI.br, a comparação entre os domicílios nas áreas urbana e rural evidencia uma expressiva diferença na penetração dessas tecnologias: enquanto 28% dos domicílios nas áreas urbanas possuem computador, nas áreas rurais a penetração dessa tecnologia é de apenas 8%. Com relação ao acesso à Internet, enquanto nas áreas urbanas a penetração do acesso chega a 20% dos domicílios, nas áreas rurais esse percentual cai para apenas 4%. Mesmo se considerarmos somente as áreas urbanas, as variáveis socioeconômicas também revelam as dimensões das desigualdades existentes no país. Nos domicílios urbanos pertencentes às classes

D e E, o acesso à Internet é praticamente inexistente (1%), enquanto nos domicílios de classe A o acesso é praticamente universal (93%). Esse quadro é ainda agravado pelo fato de a classe A representar apenas 1% da população urbana e as classes D e E representarem quase um terço dos indivíduos nessas áreas. As regiões Norte e Nordeste do Brasil são as que demonstraram um maior crescimento no uso dos espaços públicos pagos, principalmente as LAN houses. Esses locais, sobretudo, são freqüentados por jovens de 10 a 24 anos, de menor nível de escolaridade (64% de nível fundamental).

Considerando a desigualdade de acesso no cenário brasileiro, meu interesse me conduziu às pesquisas desenvolvidas pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil, (CGI.br), que não só reafirmou a já sabida desigualdade, como despertou mais ainda meu interesse pelos centros públicos de acesso pagos, responsáveis por 58% do acesso à rede. Segundo o Comitê Gestor da Internet no Brasil, os centros pagos de acesso público, como as LAN houses, são o principal local de uso da Internet para as classes C, D e E. Para quem tem renda familiar mensal de até R\$ 1 mil, os centros pagos são os locais de acesso mais usado, com um índice de 48,1% dos internautas das classes D e E. Para o Comitê, pelo menos nas grandes cidades, a inclusão digital da população de menor renda é feita, na realidade, pelas LAN houses. A iniciativa privada, que cobra entre R\$ 1,00 e R\$ 2,00 por hora de uso, se mostra muito mais eficiente que o poder público, com programas de telecentros e acesso gratuito. Este é um quadro que precisa ser mais bem compreendido.

"É inegável que tem havido um avanço na inclusão digital no Brasil, não há dúvida. Isso é essencial para um País em desenvolvimento em um mundo globalizado", afirma Jorge Werthein, coordenador no Brasil da Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana (Ritla) e ex-representante no País da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. "O problema no Brasil é que, mesmo com esse crescimento, há uma profunda desigualdade".¹¹³

Mesmo em locais de acesso público à Internet, como escolas, são os menos pobres entre a população de baixa renda que costumam usar o equipamento. Um estudo feito pela própria Ritla mostra que são as escolas públicas mais bem localizadas, que têm estudantes não tão pobres, onde estão hoje os laboratórios de informática, especialmente aqueles com acesso à Internet. Apenas 28% dos

¹¹³ "Brasil lidera acesso à Internet na América Latina", O Estado de S. Paulo, 29/11/2007, disponível em <http://www1.folha.uol.com.br>, consultado em 30/11/2007.

estudantes de escolas públicas com renda mais baixa têm acesso à web. Esse número sobe para 67,2% entre aqueles com renda mais alta.¹¹⁴

Acreditando que toda cultura é produzida com os meios do seu tempo e, na tentativa de compreender o momento ora em curso, arrisco afirmar que no contexto atual, as LAN houses passaram a desempenhar importante papel na imersão de pessoas no espaço cibernético, levando cidadãos há muito tempo isolados para um ambiente onde as fronteiras são relativas e as dimensões proporcionam sensações de infinitude.

Tanto as mídias, como outros órgãos, públicos e privados, ligados à discussão que se desenvolve em torno do acesso a Internet, despertaram para esse universo que está se revelando, no Brasil, um fenômeno social a ser investigado.

No Município de São Gonçalo, Rio de Janeiro, caracterizado, entre outras coisas, por uma grande população de baixa renda que não possui em suas residências computador conectado à Internet, as LAN houses estão se configurando, em muitos casos, como os únicos espaços disponíveis para o acesso livre à rede. Ainda que disponha de alguns telecentros comunitários¹¹⁵ de acesso gratuito para a população, cresce significativamente o número de LAN houses no município, sendo estes estabelecimentos visivelmente preferidos pelos jovens. Mesmo para os estudantes universitários, que podem desfrutar do acesso na própria universidade, devido ao tempo de uso limitado e ao controle que bloqueia a navegação em determinados sites, as LAN houses são, confirmando o que já mencionei acima, opções atraentes e bastante freqüentadas por estes.

Conversando com alguns donos de LAN no município de São Gonçalo, descobri que muitas pessoas, das mais variadas idades, iniciam sua navegação na rede por meio das LAN houses e que as mesmas já não se limitam apenas ao jogo, como também percorrem vários espaços interativos, em um processo de troca e socialização. Também as LAN houses são usadas, hoje, para procurar vaga de emprego e fazer inscrições em cursos e

¹¹⁴ Idem.

¹¹⁵ Em São Gonçalo, o projeto Portal 24, disponibiliza o acesso gratuito a Internet em telecentros comunitários conhecidos como Casa do Futuro. O primeiro modelo foi inaugurado em outubro de 1999, no bairro de Santa Luzia. Hoje o município conta com oito unidades que funcionam de segunda a sábado das 08h às 19h, exceto a unidade do Centro que funciona de domingo a domingo das 08h às 24h. Disponível em www.saogoncalo.rj.gov.br, consultado em 09/10/2007.

concursos. No Colégio Suely Motta Seixas, no Jardim Santa Catarina, em São Gonçalo, professores chegaram a orientar pais de alunos a recorrer às LAN houses para matricular os filhos para 2008.

A situação é parecida em outras comunidades periféricas, segundo podemos observar fazendo um breve levantamento sobre as falas dos usuários, por meio de algumas matérias divulgadas pelas mídias. Em uma o estudante de Educação Física e também bailarino Renato Lima, 23, usa os computadores das LANs para pesquisa. Conforme o jovem, “O custo é bem menor e me ajuda nos trabalhos da faculdade. Além disso, posso conhecer a cultura dos países que visitei através do balé”, conta. Como ele, os estudantes Luan Neto da Silva, 18, e Ruan Luiz Bastos, 19, freqüentadores de uma LAN house em uma comunidade da Zona Oeste, no Rio de Janeiro afirmam que freqüentem as LANs para jogar, mas “Jogo mais no fim de semana. De segunda a sexta-feira, faço trabalhos para a escola”, diz Luan, 17, aluno do 2º ano do Ensino Médio.

“Há enorme potencial de uso para educação e geração de renda. Existe um número muito grande de acessos ao Orkut e ao MSN. E há estudantes que vão fazer pesquisas escolares, escrever e imprimir currículo, consultar sites para se aproximar do mercado de trabalho. Mas isso ainda é pouco”, admite o diretor-executivo do Comitê para Democratização da Informática (CDI), Rodrigo Baggio, que defende a inclusão digital como instrumento para a educação. A clandestinidade, alimentada por leis que proíbem, em vez de regulamentar e controlar a atividade, é vista como vilão por quem defende seu potencial educativo. “A maioria está em ambientes pouco saudáveis. Mudanças precisam ser feitas. Com acesso barato, os principais obstáculos para a inclusão digital saudável não são financeiros, comenta Baggio na mesma matéria.¹¹⁶

O presidente da Associação Brasileira de Centros de Inclusão Digital (ABCID) e dono de LAN house no bairro da Abolição, Mário Brandão, admite: “Se o proprietário não consegue atuar na legalidade, ele se registra como escola de música ou revenda de material hospitalar para ter um CNPJ”, diz Brandão, que defende o uso do nome “Centro de Inclusão Digital”. Para ele, existe um vasto leque de usos positivos para as LANs, que não se concretizam por conta da

¹¹⁶De ‘inimigas’ a aliadas. O Dia on-line de 19/11/2007, disponível em <http://odia.terra.com.br/rio/htm/135390.asp>, consultado em 20/11/2007.

ilegalidade. Ele acredita que esses comércios poderiam ser usados em cursos universitários à distância, por exemplo, como forma de absorver o grande número de alunos formados no Ensino Médio. Além disso, os computadores dessas casas começam a ser usados para pesquisas, busca de emprego, execução e impressão de trabalhos escolares. Segundo a ABLH (Associação Brasileira de LAN houses), articulada com a ABCID, em 2003, o número de LAN houses registradas no Brasil, alcançava a marca dos 3 milhões de estabelecimentos¹¹⁷. Hoje, de acordo com estimativa feita pela ABCID, com base nos número do Comitê Gestor da Internet (CGI.br) e do Ibope/Nielsen, 24,8 milhões de pessoas usam LAN houses para se conectar, nas classes C, D e E, enquanto nas classes A e B são 6,2 milhões os freqüentadores desses espaços. De acordo com pesquisa do CGI.br, as LAN houses respondem por 48% dos acessos à Internet realizados no Brasil.

Dando prosseguimento ao seu raciocínio, Mario Brandão ainda destaca que as LAN houses são Centros educativos e de inclusão digital e social, por prestarem diversos serviços mas, principalmente, por serem usadas por pessoas que não podem pagar por acessos residenciais. Ao dificultar sua atividade, observa Brandão, os parlamentares estarão, na verdade, restringindo a possibilidade de acesso da maioria da população à rede. Para ele, este é um aspecto fundamental do tema, e que não é levado em consideração pelos legisladores. As estimativas da ABCID são de que pelo menos 93% das LAN houses do país atuam na informalidade. E que a atividade gera cerca de 250 mil empregos, também informais.

Na Rocinha, Zona Sul do Rio, é possível acessar a Internet pagando R\$ 1,50 por hora de uso, informa ao Observatório de Favelas¹¹⁸, Bruna Botelho, 18, moradora da Rocinha. Ela diz ainda ao Observatório que sexta-feira é o dia mais concorrido. Isso porque algumas salas oferecem o 'viradão', promoção em que o internauta paga R\$ 6,00 para navegar até o amanhecer, com direito a refrigerante e pão no café da manhã. Segundo estudo da Fundação Getúlio Vargas, é na Rocinha

¹¹⁷ <http://ce.mdic.gov.br/estatisticas/EstatJ.asp?IDestatistica=256>.

¹¹⁸ O Observatório de Favelas é uma organização social de pesquisa, consultoria e ação pública dedicada à produção do conhecimento e de proposições políticas sobre as favelas e fenômenos urbanos. O Observatório busca afirmar uma agenda de Direitos à Cidade, fundamentada na ressignificação das favelas, também no âmbito das políticas públicas. Criado em 2001, o Observatório de Favelas é desde 2003 uma organização da sociedade civil de interesse público (oscip). O Observatório tem sede na Maré, no Rio de Janeiro, mas sua atuação é nacional. Foi fundado e é composto por pesquisadores e profissionais oriundos de espaços populares. Para saber mais sobre o observatório consultar <http://www.observatoriodefavelas.org.br/>. Acesso 29/12/2009.

que se concentra o maior número de LAN houses no Rio: seriam cerca de 130. Na Cidade de Deus, na Zona Oeste, cerca de 40. E no conjunto de favelas da Maré, no subúrbio, cerca de 150, Lá a procura é tão grande, que os internautas disputam os computadores até de madrugada.

A agitação é tamanha em torno das LAN houses que até quando estão fechadas para manutenção os freqüentadores ficam na porta. Ivan Viana é dono de dois desses estabelecimentos na Rocinha e conta que atualmente este é o principal ponto de encontro das crianças e dos adolescentes da favela. Nog, um dos freqüentadores que gosta de marcar festinhas entre as tribos das LANs. Ele conta que cerca de 200 pessoas costumam ir aos bailes que acontecem na casa dos amigos e nas lajes da favela. “A gente marca as festas tudo pelo computador avisando que tem uma festa e vai formando o bonde. Acontece tipo uma vez por mês.”¹¹⁹

“Cada LAN house tem uma determinada galera. Algumas têm música ambiente, outras são silenciosas e há as que são festa o tempo todo com música *funk*, pagode ou hip hop. Tudo com refrigerante e biscoito. Bebida alcoólica não entra”, avisa. (Ivan Vianna, dono de Lan, em entrevista ao Portal o globo)¹²⁰

Para Ronaldo Lemos, coordenador do Centro de Tecnologia e Sociedade da FGV - Rio que promove algumas pesquisas sobre a inserção desses espaços nas comunidades periféricas, as LAN houses, são aliados da inclusão digital. As políticas federais de inclusão digital tentam capacitar as pessoas através de espaços de acesso à rede gratuitos e comunitários, como os Telecentros. Lemos considera essas políticas "fundamentais", mas acredita que, por enquanto, não são capazes de chegar a todos os lugares. "Outras políticas públicas podem levar o computador até as pessoas, mas enquanto isso não acontece, é a LAN house que pode suprir essa demanda. Existem então lugares pobres onde o único acesso é pela LAN house” diz Ronaldo Lemos. Para Lemos, existe uma carência de espaços públicos nestas comunidades. A LAN house estaria preenchendo essa lacuna. Mais do que isso: essas salas de computadores estariam servindo para aproximar pessoas de favelas rivais. “Isto está ganhando uma dimensão social importante. O pessoal tem usado para conversar com pessoas de morros vizinhos

¹¹⁹ “LANs invadem favelas e aproximam inimigos no Rio”,<http://www.portalgloboonline.com.br/30/09/2007-09h03> - Atualizado em 30/09/2007 - 09h07

¹²⁰ idem

por sites de relacionamento. Você acaba fazendo amizade com uma pessoa que você via como inimigo e não é inimigo. Acaba furando as barreiras geográficas impostas pela guerra do tráfico no Rio”, esclarece.¹²¹

Também para o pesquisador da UFRJ, Fábio Sá Earp (2007), as LANs desempenham um papel fundamental na vida dos jovens, moradores das periferias. “O momento atual pode ser qualificado como uma “revolução cultural” diz o professor. É preciso partir do conceito de que tudo o que fazemos em nosso tempo livre é cultura. “Ficamos com o pensamento de que o jovem vai à LAN house para jogar. Por mais que o jovem queira brincar, ele já vai se apropriando das tecnologias da informática. A partir do momento em que uma criança de dez anos sai da escola e acessa a Internet depois do almoço para atualizar seu *blog* ou Orkut, copiar vídeos do *youtube*, baixar músicas em mp3 e se comunicar via MSN, ela está fazendo tudo o que um menino de dez anos de idade de classe média que mora em São Paulo ou em Nova York também faz”, destaca Sá Earp, diferenciando o papel das LAN houses daquele dos telecentros, que proíbem, de maneira geral, jogos e acesso a sites de relacionamento como o Orkut.¹²²

Já no Estado do Rio de Janeiro, embora a Secretaria Municipal de Governo contabilize 1.050 estabelecimentos de acesso à Internet, estima-se que haja cerca de 4 mil LAN houses na cidade do Rio de Janeiro e 9 mil no Estado. Esses achados reforçaram minha hipótese de que estes espaços possuem uma cultura e que, principalmente para as classes menos favorecidas, em termos econômicos e de acesso, as LAN houses representam o verdadeiro portal de entrada e permanência na ‘cultura digital’.¹²³

Perceber as relações dos jovens na Internet, relacionando essas com as experiências vivenciadas no mundo real, pode fornecer pistas para potencializar o fazer educativo, na medida em que, talvez, essas sejam as possibilidades que as redes disponibilizam: quer seja a possibilidade de preservação das singularidades; quer a construção de outra subjetividade, um outro *eu* crítico e consciente; quer a

¹²¹ Publicado pela Agência Brasil do Grupo RadioBrás, este artigo pode ser visto em <http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/05/12/>.

¹²² “Estudo busca compreender impactos das LAN houses em comunidades periféricas” disponível em <http://www.direitoacomunicacao.org.br/novo/content>.

¹²³ “Cultura digital é um conceito novo. Parte da idéia de que a revolução das tecnologias digitais é, em essência, cultural”. Disponível em www.cultura.gov.br/foruns 20/11/2007.

constituição de um *locus* privilegiado para o surgimento de novas modalidades de se agregar, de trabalhar, de ensinar, de aprender.

5.4.1

Discurso do Presidente da ABCID - Associação Brasileira de Centros de Inclusão Digital

Entrevistar Mario Pinto Brandão Filho, Diretor Presidente da ABCID foi, sem dúvida alguma, uma experiência ao mesmo tempo surpreendente e agradável. Apesar de já termos conversado algumas vezes e de já havermos trocado alguns textos e muitas idéias sobre o meu projeto de tese, meu interesse pelas LAN houses e a vontade de conhecer um pouco mais sobre o trabalho da ABCID, todos os nossos contatos haviam sido travados, até então, por telefone ou, maior parte das vezes via Internet.

No curso das nossas conversas, eu sempre sondava a possibilidade de entrevistá-lo e tentava fechar uma data para um encontro pessoal. Sugeriu uma espécie de bate-papo informal, por meio do qual ele me ajudaria muito, fornecendo informações e contando suas experiências no universo das LAN houses. Além disso, teria imenso prazer em ouvir sua opinião sobre algumas questões de interesse comum, como desigualdade de acesso e inclusão digital no Brasil.

Sempre demonstrando grande interesse, atencioso e simpático, colocava-se disponível e, segundo dizia, bastava apenas fecharmos a data, o local e o horário que não haveria problemas, estava feito. Contudo, na prática, descobri que a tarefa não seria tão fácil, como a princípio me parecia. Por várias vezes, quando aventava uma data e sugeriu um horário para realizarmos a tal entrevista, ele pedia um tempo para consultar sua agenda e descobria que naquele dia seria inviável. Tinha, anteriormente, assumido outro compromisso. Às vezes, era uma palestra, em outras um seminário, um encontro com donos de LAN houses fora do Rio de Janeiro, ou então um programa de rádio ou uma reunião com um jornalista. O fato é que sempre havia um impedimento para o nosso encontro pessoal.

Porém, mesmo durante minha permanência na Itália, mantivemos o contato e, a promessa de que, quando do meu retorno ao Brasil, faríamos a tão adiada entrevista. E assim foi. Em abril de 2008, sem maiores expectativas, liguei para ele e quase não acreditei quando ele me disse que, no dia seguinte, tinha um

tempo livre e, se fosse conveniente para mim, poderíamos nos encontrar na sede matriz do CDI¹²⁴ para, finalmente, realizar a tão esperada entrevista.

Apesar de surpresa, concordei prontamente e, na manhã seguinte, dia 02 de abril de 2009, já me encontrava diante do prédio localizado na Rua Alice 150, em Laranjeiras, no Rio de Janeiro, munida de uma máquina fotográfica, um gravador e o meu diário de campo. Antes do horário combinado, porque eu não queria correr o risco de me atrasar. Aproveitei o tempo para fotografar a fachada do prédio, para registrar imagneticamente esse momento.

Figura 7 – Fachada da sede matriz do CDI – Rio de Janeiro



Fonte: Foto feita pela pesquisadora no dia 02/04/2009.

Em seu currículo, Mario Pinto Brandão possui um curso de graduação em Administração de Empresa e um Mestrado em Tecnologias da Internet pela

¹²⁴ Criado em 1995, ano em que a internet chegava ao Brasil, o Comitê para Democratização da Informática - CDI tornou-se pioneiro no movimento de inclusão digital na América Latina e um dos principais empreendimentos sociais no mundo, com uma abordagem socioeducativa diferenciada e um modelo único de gestão, visando à sustentabilidade do projeto. Somos uma organização não-governamental que utiliza a tecnologia como ferramenta para combater a pobreza e a desigualdade, estimular o empreendedorismo e criar novas gerações de empreendedores sociais. Temos uma rede com 753 espaços de atuação, chamados “CDIs Comunidade”, espalhados por todo o Brasil, Argentina, Chile, Colômbia, Equador, México, Peru e Uruguai, além dos escritórios de representação nos Estados Unidos e Inglaterra. Essa rede é coordenada e monitorada por 29 escritórios Regionais e Internacionais do CDI. Estamos presentes em comunidades de baixa renda, penitenciárias, instituições psiquiátricas e de atendimento a portadores de deficiência, aldeias indígenas e ribeirinhas, centros de ressocialização de jovens privados de liberdade, hospitais e empresas, entre outros locais, seja na cidade ou em zonas rurais. Para maiores informações consultar <http://www.cdi.org.br/>. Acesso em 21/12/2009.

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trabalhou como consultor para empresas até que, em 2002, criou seu próprio negócio. Juridicamente, abriu uma locadora de computadores. Na prática, ele inaugurou uma *lan house* na Abolição, Zona Norte do Rio.

Propus que, inicialmente, ele contasse um pouco da sua trajetória, de como tinha começado o seu envolvimento com o mundo das LAN houses e quais foram os motivos que o levaram a se tornar um militante a favor da inclusão digital. Ele me disse que trabalha com tecnologia há mais de vinte anos, e que tinha começado ao ‘reverso’, como professor de informática da Universidade Gama Filho em 1997, e depois como consultor de tecnologia em algumas empresas, desde as que se dedicam ao design de páginas na rede, até algumas ONGs que atuam na área de desenvolvimento sustentável.

eficiência energética, produção mais limpa, sustentabilidade, foram conceitos que me foram apresentados há bastante tempo e que eu achei muito bacana a matéria em si. Mas, nunca saí da área de tecnologia. (entrevista Mario Brandão, 2009).

Sua aproximação com o universo das LAN houses começou em 2000, mais ou menos, quando foi chamado para montar uma LAN house. Mario aceitou o convite, mas admite que a experiência que tinha de ‘insucessos’ de cybercafés, o levou a acreditar que era um negócio que não daria certo. Contudo, gostava de desafios e de mexer com “esses negócios de ponta”. Em 2002, ele montou a sua LAN house na Abolição, no Rio. Já nos primeiros meses, ele percebeu que o mercado era muito embrionário ainda, e que os canais de comunicação não se faziam muito presentes. Também destaca o fato de que, na época, o mercado era dominado pelas grandes franquias. O referencial era a *Monkey*¹²⁵, com grande aporte de capital, máquinas de último tipo e pelo menos 80 computadores por

¹²⁵ A Unidade Paulista da Monkey foi a primeira LAN House aberta no Brasil. Fundada no final de 1998, quando o empresário brasileiro Sunami Chun voltou de uma viagem à Coreia do Sul e trouxe a ideia para São Paulo. Localizada na Alameda Santos, paralela a Avenida Paulista e próxima do metrô Trianon-Masp, possui uma posição privilegiada, de fácil acesso para seus clientes com atendimento 24 horas. Atualmente conta com sessenta computadores de alta performance, a Equipe Monkey está sempre se aperfeiçoando em novas tecnologias e aumento de performance para poder atender sempre as necessidades dos jogos mais atuais. O grupo Monkey tem uma empresa que desenvolve software para gerenciamento de Cyber Cafés e LAN Houses chamado Guardian. Todos os softwares instalados na Monkey Paulista são licenciados, configurados e atualizados para uma melhor performance. Maiores detalhes ver <http://www.monkey.com.br/monkey.html>. Acesso 21/12/2009.

cada centro. No entanto, como ele e seu sócio mantinham um bom contato com uma empresa desenvolvedora de software de gerenciamento, resolveram acreditar.

Nesse ponto, solicitei que, considerando sua experiência e sua inserção no universo das LAN houses, certamente ele saberia detalhes de como se deu o rápido crescimento das mesmas no Brasil e as mudanças no perfil inicial desses espaços que, quando surgiram eram ambientes voltados, prioritariamente, para jogos e entretenimento e que, com o tempo, foram assumindo novas características e novas funções, sendo inclusive considerada e defendida como um espaço de inclusão digital.

Mario Brandão esclareceu que, na verdade, o próprio surgimento da ABLH já é um sintoma desse processo. Ela se formou em 2002, começo de 2003, quando houve o “boom” e o mercado começou a se pulverizar. Os computadores começaram a chegar ao nível de preço abaixo R\$ 2.000,00 (dois mil reais). Antes disso, de 1998, mais ou menos, que foi quando a coisa se popularizou, até 2002, a idéia inicial da Internet eram os jogos.

Em 1999, eram 1000 LANs 950 dedicadas a jogos e, em 2002, já contabilizávamos 8.000, sendo que 3.500 mais ou menos dedicadas a jogos e 3.500 dedicadas a Internet e, outras com perfis mistos. Assim, o foco, o direcionamento já era dividido, e a receita também era dividida. Então a curva nasceu com os jogos, mas a participação no total foi reduzida a 50%. Chegamos a 40.000 LAN house de 2005 prá cá. Dessas, 30.000 priorizam a Internet e 10.000 os jogos. “Obvio que os dados são estimados, não são exatos, mas, seguramente os jogos não representam hoje 25% do mercado”, informou Mario Brandão. Outro dado não tão surpreendente, mas ainda assim interessante apontado por ele foi o fato de que, hoje, o Orkut e o MSN, juntos, já representam 50% do acesso nas LAN Houses.

Foi no final de 2006, começo de 2007, que segundo ele, começou a haver uma movimentação interessante, porque até então, a estrutura do negócio estaria vinculada a venda do acesso, pura e simples. Se a pessoa ia jogar ou acessar a Internet, não importava, o que era vendido era o acesso. De 2008 para cá, começou a haver um foco nos serviços que antes não havia. Por exemplo, a impressão. A impressão foi um serviço que sempre existiu nas LANs. Mas, a impressão deixou de ser um serviço coadjuvante e passou a ser uma unidade representativa de negócio. Por quê? Porque se profissionalizou. As pessoas passaram a imprimir em papel fotográfico, passaram a fazer Xerox em grande

escala, a imprimir trabalhos acadêmicos e outras coisas, e começou a haver uma mudança de perfil dentro do negócio.

Isso abriu novas possibilidades porque, até então se trabalhava com uma restrição real, uma limitação mecânica da coisa. Se a hora na Lan custa R\$2,00, um estabelecimento com dez estações, não consegue fazer crescer o faturamento 'nem por passe de mágica'. Com dez computadores, funcionando a R\$ 2,00 a hora, não existia um modo de faturar mais que R\$ 20,00 reais numa hora. Considerando que a casa tenha 15 horas brutas de ocupação, o seu faturamento máximo possível é de R\$ 300,00 por dia, que é às 15 horas vezes os R\$ 20,00 reais de ocupação. Ainda que este estabelecimento trabalhe os 30 dias do mês, a sua receita máxima teórica será de R\$ 9.000,00 reais por mês. No entanto, faz questão de frisar, na prática, isso não acontece, porque é praticamente impossível um LAN apresentar 100% de ocupação em 100% do tempo. Normalmente a média é de 60% de ocupação, 60% do tempo, o que faz com que a casa tenha uma faixa bruta de 0.45 a 0.53 de ocupação integral, ou seja, na equação [usuário x máquina x tempo de ocupação], o dono da casa consegue faturar em média R\$ 4.500, reais de faturamento bruto. Se este opta por baixar o preço da hora para R\$1,00, o faturamento passa a ser de R\$ 2.500,00, o que não paga nem os custos. Levando isso em consideração, o proprietário começa a pensar em diversificar, ou seja, em como pode agregar serviços factíveis de serem prestados na LAN house, e o que é melhor, no momento em que faz isso, ele percebe que existe uma demanda para esses serviços.

Nesse ponto, perguntado sobre o porquê de ABLH, ABCID, qual a importância e o trabalho desenvolvido por essas associações, ele esclareceu que a ABLH foi a primeira que surgiu e que, quando foi criada, ele estava fora do grupo: "ela não era nossa", porque essa foi uma associação que nasceu com a junção dos "grandes não querendo os pequenos". A ABLH original tinha como propósito: evitar a pulverização do mercado. Isso porque não dava para concorrer com um parque daquela estrutura, recolhendo impostos, pagando empregados, com um cara ilegal do seu lado, com dez máquinas, cobrando metade do preço, fazendo 'gato' de luz, etc., etc. A ABLH tinha uma proposta que seccionava o mercado entre as grandes e as pequenas. Contudo, o fato é que o mercado se pulverizou e as pequenas aconteceram. A Monkey que chegou a ter 138 franquias hoje tem uma; a Action fechou; a Arena não se ouve falar mais dela, e o modelo

que predominou foi o seguinte: LAN house era entendida como ambiente a ser reprimido, era espaço para criança faltar aula, antro de perdição, espaço para ‘ferver criancinha’. Sob essa visão, foram determinados de maneira ‘articulada’ pelos poderes públicos, entraves burocráticos e técnicos para operação do mercado com base no argumento de que o perfil das LANs era predominantemente jogos. Mas já tem mais de cinco anos que isso mudou.

No entanto, a legislação brasileira não acompanhou estas mudanças e permaneceu muito restritiva para casa de jogos.

Você tem vários tipos de restrições, inclusive de zoneamento, principalmente, nos níveis municipais. E Infelizmente quando nós conseguimos a classificação do CNAE¹²⁶ estava lá: ‘Casa de jogos, essa atividade não compreende o acesso à Internet’. Ou seja, de acordo com a legislação brasileira, LAN house era o mesmo que “casa de jogo”, pois assim constava na tabela de Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAD) do IBGE. Ou seja, toda a legislação aplicável a bingos, sinucas e bilhares, totó ou similares era estendido a LANs.

Na prática, como esclareceu, isso significava que quando um dono de LAN house entrava com um pedido de legalização para funcionamento, já entrava com grandes chances de ter esse pedido negado; a documentação exigida era enorme, passando inclusive pela autorização do juizado de menores para funcionar. Além disso, era necessário pagar uma série de taxas e cumprir uma gama enorme de exigências que impunha uma variedade de restrições para o funcionamento dentro dos padrões de legalidade exigidos pela legislação.

Um exemplo: em casa de jogos, menores só entram com autorização dos pais. Essa classificação era um dos nossos maiores problemas. Antes, você tinha exploração de jogos eletrônicos, mas não podia ter salas de acesso à Internet. Para ter acesso a Internet, você tem que se classificar como *cybercafé*, mas aí não pode ter jogos eletrônicos, ou seja, uma coisa excluía a outra.

Segundo Mario Brandão, essa era a diferença básica entre as LAN houses, classificadas como locais de diversão, jogos e entretenimento, e o Cybercafés, classificados pelo CNAE como locais de acesso a Internet. Em sua experiência, ele afirma que isso criou um grande impasse porque o mercado é eminentemente para as duas coisas. Com a ABCID, da qual é um dos fundadores e atual

¹²⁶ Classificação Nacional de Atividades Econômicas do Ministério do Planejamento, no site do IBGE. Ver <http://www.cnae.ibge.gov.br/>.

presidente, os donos das LAN houses de tamanho e estrutura diversas, iniciaram uma luta para mudar a classificação desses estabelecimentos.

Nós lutamos, reclamamos muito e conseguimos a classificação que consta hoje do CNAE, que foi modificada recentemente, agora em março desse ano. Não tem mais a figura dos cybercafés, ambos são LAN houses, não havendo mais a exclusividade do entretenimento, com acesso a Internet, predominante.

Neste momento, tirou da gaveta da sua mesa uma cópia da alteração realizada recentemente pelo CNAE, em que a classificação das LAN houses deixa de ser predominantemente um centro de diversão e entretenimento e ganha a possibilidade de prestar outros serviços, como pode ser visto no modelo a seguir.

Figura 8 - Modelo atual de classificação das LAN Houses no CNAE

Seção:	N	ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS	E	SERVIÇOS COMPLEMENTARES
Divisão:	82	SERVIÇOS DE ESCRITÓRIO, DE APOIO ADMINISTRATIVO E OUTROS	SERVIÇOS PRESTADOS ÀS	EMPRESAS
Grupo:	829	OUTRAS ATIVIDADES DE SERVIÇOS PRINCIPALMENTE	ÀS	EMPRESAS
Classe:	8299-7	ATIVIDADES DE SERVIÇOS PRESTADOS PRINCIPALMENTE		

Para Mario Brandão, essa classificação que foi recentemente alterada em março de 2009, foi um ganho ainda não ideal, porém significativo das conquistas que estão por vir. Agora o estabelecimento já não existe nenhuma alusão as LAN houses como estabelecimentos de Diversão, Entretenimento, ou coisa parecida. E o melhor, agora s atividades de jogos já não são mais exclusivas, como constava da classificação anterior.

Você faz impressão? Tira xerox? Passa fax? Faz pesquisa? Faz consulta a CPF? Tira segunda via de certidão? Agenda vistoria no DETRAN? Orienta para simulado de habilitação? Agenda pericia no INSS? Faz matricula para rede de ensino? É correspondente bancário? Recebe contas? Tira segunda via de contas? e olha que essa lista cresce fácil... tudo já pode ser feito legalmente de uma LAN house.

Como fica o papel social das LAN houses pensando nelas como espaço de inclusão, de socialização ou como espaço educativo?

Custou para entender que cada computador em uma Lan era visto como 40 computadores a menos sendo vendidos por grandes magazines, que por sua vez eram 40 micros a menos para os fabricantes, 40 licenças de software a menos, e que por sua vez eram 400 assinaturas de banda larga a menos para operadoras, alias, por coincidência, a maior parte das ações anti lan houses, é disseminado por um estado (Paraná), que alem de ter a pior legislação do país contra lan houses, obrigando até a filmagem de quem nos acessa, incluindo, mas não se limitando a, cobrança de Funrespol, uma taxa inconstitucional, abolida de vários ramos, mas, ainda cobrada desavergonhada mente de Lans. Também é o berço da administração da maior empresa vendedora de computadores pessoais do Brasil, focada coincidentemente na classe C-D, que por diversas razoes que creio que poderia mudar seu nome para 'Negativo', dado seu posicionamento em relação aos centros públicos de acesso pago.

Mario Brandão demonstra sua preocupação e seu conhecimento sobre o desenvolvimento sustentável chamando atenção para o fato de que o benefício, em longo prazo, para o meio ambiente de se produzir 40 vezes menos lixo tecnológico e o consumo 40 vezes menor de energia, bem como diversos benefícios laterais não entram nas contas das empresas e não interessavam ao estado, que por sua vez tem lá suas outras prioridades. Em sua opinião o Estado só vai realmente se preocupar com isso quando for tarde demais.

Retomando a discussão sobre o trabalho que vem sendo desenvolvido pela ABCID e sua contribuição para o processo de inclusão, na condição de coordenador ele afirma que ela é fruto da livre associação de donos de LAN houses e cybercafés num processo iniciado em 2005. A ABCID é uma entidade que entende que potencializar qualitativamente a experiência de navegação da população das classes C, D e E envolve necessariamente atuar de maneira construtiva nos espaços onde estes acessam de maneira predominante.

E a realidade com que nos deparamos hoje é que 82% dos acessos de quem ganha até um salário mínimo e 48% de todos os acessos no país é feito em LANs e cybers, segundo dados do Comitê Gestor de Internet do Brasil.

A ABCID procura disseminar que apenas com ações positivas e inclusivas com relação a estes espaços poderemos melhorar a qualidade da experiência de navegação dessa grande massa de excluídos que tem nas LANs uma oportunidade

única de acesso ao universo de possibilidades que a Internet oferece. Como está definido no capítulo 2, artigo 4 do estatuto da Associação, esta tem por objetivo incentivar a Inclusão Digital de modo a melhorar a qualidade de vida e a inclusão social que essa ação produz; e entende que para esse objetivo é preciso fomentar, divulgar e desenvolver projetos que resultem em identificar e congregar, para defesa de seus interesses, as empresas que se dediquem ao oferecimento do acesso compartilhado à Internet e tecnologia, incluindo, mas não se limitando ao segmento de LAN houses, cybercafés, cybergames, ou outras lojas ou centros de acesso e comunicação.

Segundo ele, o objetivo deve estar voltado para a difusão social da informação em benefício das comunidades onde estão inseridos esses Centros de Inclusão Digital, sendo esse fator gerador de direito ao acesso democrático à informação, contribuindo, desta forma, para o desenvolvimento da sociedade de forma geral. Contudo, em sua opinião, esta cada vez mais difícil, em termos de legislação, abrir uma nova ou manter aberta, as LANs que já estão em funcionamento.

O governo ao invés de cooperar, dificulta nosso trabalho. Como questionei no blog do [jmsalles.wordpress](http://jmsalles.wordpress.com), quem abriria um negócio cuja receita bruta mensal é, em média, de R\$ 3,1 mil se corresse o risco de pagar uma multa de, no mínimo, R\$ 10 mil por manter um cadastro desatualizado ou impreciso?¹²⁷

Já ao final da entrevista, Mario Brandão defende que foi sua vivência pessoal no ambiente das LAN houses que o fez compreender o potencial desses espaços como educativos e, sobretudo de inclusão digital e social. “Muitas pessoas, que não têm condições de ter um computador com acesso à internet em casa, conhecem um novo universo em nossas LAN houses”, afirmou. Ele destacou ainda que as LANs são espaços democráticos. “Rico ou pobre, a pé ou de carro.

¹²⁷ A multa a que ele se refere é a prevista no projeto de lei do senador Gerson Camata (PMDB/ES), relatado pelo senador Eduardo Azeredo (PSDB/MG) e aprovado no dia 14 de outubro de 2009, pela Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática e, em caráter terminativo, pela Comissão de Constituição, Cidadania e Justiça (CCJ) do Senado. O caráter terminativo significa que o projeto não precisa ser votado no plenário do Senado – vai direto, agora, para a Câmara dos Deputados. A proposta obriga *LAN houses* e cybercafés a manter, por no mínimo três anos, cadastro de seus usuários, com a identificação do terminal utilizado, além da data e hora de início e de término do período de uso. Pelo projeto, o estabelecimento que não cumprir as determinações da lei poderá receber multa que varia de R\$ 10 mil a R\$ 100 mil, de acordo com a gravidade da conduta. Em caso de reincidência, a LAN house pode perder seu alvará de funcionamento. Disponível em <http://jmsalles.wordpress.com/Internet/>. Acesso 19/11/2009.

Não importa. Qualquer um que tenha um, dois reais, pode acessar a Internet nas LAN houses e ter acesso aos benefícios deste mundo”, observou. “Hoje, estamos provando que temos um papel social muito importante como prestadores de serviços e de inclusão digital no Brasil.”, finalizou.

Agradei o tempo dispensado e nos despedimos. Voltei para casa, feliz e excitada, porque tinha consciência de que o material, resultante da entrevista, se constituía em uma rica contribuição para a minha pesquisa.

5.5

Projeto ‘terza área’: um projeto de inclusão na Itália

Para uma maior compreensão do leitor das similitudes e das diferenças entre a estrutura da Educação Pública nos dois países estudados, apresento a seguir uma breve descrição de como se estrutura o sistema escolar italiano e a inserção do ‘projeto terza área’ desenvolvido pela Universidade Católica no âmbito dessa estrutura. a) O sistema escolar italiano possui a seguinte estrutura:

1. Ensino Maternal = Asilo Nido (de zero a dois anos)
2. Ensino Infantil = Scuola Materna (de dois a 5 anos)
3. Ensino Elementar = Scuola Elementare (de 6 a 10 anos, duração 5 anos)
4. Ensino Médio – I ciclo = Scuola Media (de 11 a 13/14 anos, duração 3 anos)
5. Ensino Médio- II ciclo = Scuola Media Superiore (de 14 anos a 18/19 anos, duração 5 anos)
6. Ensino Superior – com cursos e licenciatura curta e licenciatura plena (duração de 3 a 5 anos).

O Ensino Básico obrigatório chamado de “scuola dell’obbligo” vai dos 6 anos aos 13/14 anos com a conclusão do primeiro ciclo do ensino médio, e a obtenção da “licenza delle medie”. Em 2001, a taxa de conclusão do ensino fundamental foi de 98,1%. Dos que concluem o fundamental 97,9% ingressam no Ensino Médio e 70,4% concluem o Ensino Médio Superior. Contudo os que concluem cursos técnicos profissionalizantes, de nível médio, são apenas 13,7%. Entre os que concluem os cursos técnicos, apenas 49,6% dos jovens inscrevem-se no Ensino Superior, sendo que desses, somente 17% conseguem terminar a Universidade.

O Ensino Médio Superior, a continuidade da escolaridade de nível médio, sempre foi estruturado em cursos de caráter geral – o liceo clássico e o liceo científico - e aqueles de natureza eminentemente profissionalizante, de nível técnico, direcionados para os diferentes setores da economia-primária, secundária e terciária e para a formação de professores da escola elementar. Em suma, o sistema de ensino médio estruturou-se mantendo a separação entre os chamados estudos clássicos, para 49,6% dos jovens, aqueles que se dirigiam ao ensino superior e o ensino técnico-profissionalizante, para aqueles que se dirigiam ao mundo do trabalho.

Historicamente a gestão do aparelho escolar e a definição da legislação escolar são de competência do governo central, do Ministério da Educação, cabendo as províncias e municípios apenas a manutenção do ensino maternal e infantil. Nos últimos anos, através de algumas reformas têm-se promovido um processo de descentralização das funções do Estado Central, passando as Regiões

(Le Regioni)¹²⁸ a assumirem novos papéis e a funções político - administrativas e ganhando mais autonomia político-financeira . Isso interfere sobremaneira nas políticas de formação profissional, que passaram a ser descentralizadas, embora se mantenha o controle e a gestão centralizada do sistema escolar – elementar e médio (inferior e superior). Daí o uso de dois termos diferentes – ‘Istruzione Professionale’ - como um termo usado para referir-se à educação escolar profissionalizante (ensino profissionalizante), ministrada através do sistema escolar público, oficial e a expressão ‘formação profissional’ aquela fornecida por entidades de caráter público e/ou privado, que não fazem parte da rede escolar oficial.

A formação profissional não se confunde com o ensino profissionalizante. Engloba várias iniciativas formativas direcionadas para a formação de jovens que ainda não ingressaram no mercado do trabalho e para os trabalhadores que devem se manter atualizados às novas contingências do mundo do trabalho. O Fundo

¹²⁸ Regiões (denominadas Regioni): divisões geoeconômicas e políticas que possuem poder de gestão político administrativa, diferentes das nossas que são apenas divisões geoeconômicas. As regiões na Itália seriam, de certa forma, equivalentes aos Estados no Brasil, só que a Itália não é uma República Federativa. As 114 províncias (denominadas Província) são sub-divisões das Regiões. São instituições mais antigas que as regiões, pois são inspiradas nas reformas napoleônicas. Com a instituição das Regiões em 1972, elas foram se transformando em entidades de planejamento territorial e execução de políticas locais com dimensão intermediária entre as Regiões e os Municípios. A Prefeitura (denominadas Comune ou Município) tem mais ou menos as mesmas funções que no Brasil.

Social Europeu coo-financia, junto com as Regiões e as Províncias cursos de formação profissional organizados por centros de formação profissional públicos, entidades privadas conveniadas e empresas. As atividades de formação profissional são oferecidas nos seguintes níveis: após a conclusão do Ensino Fundamental (Scuola d'Obbligo), pós-diploma do ensino médio, em nível universitário e pós-universitário (cursos de mestrado). Tais cursos são, em sua maioria, gratuitos para os participantes.

O Fundo Social Europeu também incentiva a “formação contínua” entendida como aquela necessária para os trabalhadores em faixas de risco (perda da ocupação), que estão de licença ou em situação de mobilidade. A formação contínua também constitui uma exigência para fazer frente às transformações do mundo do trabalho e evolução dos sistemas produtivos. Podem participar dos cursos de formação profissional: Jovens e adultos em busca de emprego; Jovens e adultos portadores de handicap, extra comunitários, tóxico dependentes, e demais considerados em situação de excluídos do mercado; Trabalhadores que estão afastados por licença ou em listas de mobilidade; Trabalhadores empregados que necessitem de requalificação e/ou atualização profissional.¹²⁹

Com a aprovação da Lei 144/99 (art.68) introduziu-se a obrigatoriedade de participação em atividades formativas aos jovens até 18 anos de idade. Tal participação pode se efetuar através da escola ou da inscrição em atividades de formação profissional inicial, em tempo integral ou através do sistema de aprendizagem em serviço (apprendistato). A formação profissional inicial desempenha um papel importante para a concretização da obrigatoriedade de formação. O segmento das atividades que compõem esse nível inicial de formação profissional é importante na formação dos jovens, principalmente para aqueles que não desejam prosseguir os estudos, no interior do sistema escolar. Há que se acrescentar a isso que o art. 69, dessa mesma Lei prevê o acesso àqueles que freqüentam as atividades desse nível, às fileiras do Ensino e Formação Técnica Superior. (isto é, cursos profissionalizantes em nível pós- secundário). A partir de 2000/2001 entrou em vigor a obrigatoriedade de freqüência em atividades formativas até a idade de 18 anos. Então concluído o Ensino Fundamental os jovens poderão escolher: a) Continuar a estudar, matriculando-se no ensino

¹²⁹ http://www.mte.gov.br/pnq/italia_texto_breve.pdf.

secundário superior; b) Ser assumido (nas empresas) com um contrato de aprendizagem em serviço; c) Seguir percursos de instrução e formação técnico profissional integrada (ou seja, freqüentar a escola e simultaneamente aos cursos de formação profissional.). Assim, espera-se que aos 18 anos, todos os jovens possuam ou um diploma (de ensino secundário) ou uma qualificação profissional.¹³⁰

Como podemos perceber, existe uma dualidade nos cursos do ensino médio. Na tradição histórico-cultural italiana, o ensino médio, sempre teve escolas e currículos diferenciados para as escolas técnicas (Istituti Professionali) e as escolas secundárias de natureza clássico-humanista. Também podemos perceber uma separação nítida entre ensino profissional formal e o sistema de formação profissional (ou qualificação) que está sendo implantando por meio de várias reformas. Nos grandes centros como Milão, as iniciativas são implantadas com mais agilidade.

Segundo Paolo Benesperi,¹³¹ Secretário da Região Toscana, quando comparadas com as reformas ocorridas no Ensino Médio Brasileiro, na época do governo Fernando Henrique, na Itália, as inovações curriculares ao nível do sistema estão sendo introduzidas num ritmo bem mais suave e sem atropelamentos, do que no caso do Brasil. Segundo ele, como a Itália possuía um sistema de ensino técnico, nacionalmente estruturado (o que não quer dizer que fosse adequado e colado aos novos desafios econômicos e sócio-culturais da atualidade), tal sistema não foi totalmente desestruturado como aconteceu com o sistemas de ensino técnico, estaduais e federal, no Brasil. No entanto, em sua opinião, em linhas gerais, como apontam as diretrizes da reforma do ensino médio italiano, essa refletem os mesmos princípios da reforma do ensino médio, promulgadas no governo FHC. A grande diferença é que os europeus não possuem os grandes déficits de atendimento que existem no Brasil e procuram conservar a tradição, a organização e a cultura escolar pré-existentes.

¹³⁰ Maiores informações sobre a obrigatoriedade da formação pode ser encontrada no site do Ministério Público de Educação, no seguinte endereço: www.istruzione.it/argomenti/ifts/of/home. Acesso 10.01.2010.

¹³¹ Para conhecer melhor a proposta da Região Toscana ver - Istruzione e formazione, Politiche del lavoro, Concertazione em <http://www.regione.toscana.it/ente.htm> - Paolo Benesperi, Secretário (Assessore); ou, ainda ver o texto Scuola, formazione professionale, università, lavoro, pari opportunità em http://www.regione.emiliaromagna.it/fr_giunta.htm - Mariângela Bastico, Secretária. Acesso 09.01.2010.

Quanto às grandes matrizes que inspiram o modelo de formação profissional europeu, percebe-se que são as mesmas daquelas que foram implantadas no PLANFOR/MTE da gestão Fernando Henrique. Não se inspiram de modo algum na concepção de educação e trabalho, e são condizentes com ditames dos organismos mundiais que formulam as diretrizes das políticas de formação profissional a partir de uma ótica neoliberal.

O Instituto Profissional Estatal para os Serviços Comerciais, Turísticos e Sociais "Oriani - Mazzini" nasceu, no ano 2000, da fusão entre duas escolas superiores milanesas de tradição: l'istituto "B.Oriani" e "G.Mazzini". O Instituto profissional estatal "B.Oriani", desde 1890, especializou-se na Formação Profissional e Comercial-Empresarial. O Instituto "G.Mazzini" iniciou a sua atividade em 1959, mas a sua instituição, como escola técnica, se inicia apenas em 1933. Atualmente o Instituto Profissional para o Serviço Comercial e Turístico Oriani Mazzini, possui três sedes em Milão e oferece cursos de qualificação profissional que, permitem aos estudantes, de prosseguirem os estudos nos cursos bienais pós-qualificação e ao termino do quinto ano, obter, por meio do exame de estado, um diploma que permite não apenas a inscrição em qualquer curso universitário, como também uma inserção no mundo do trabalho. Em sua sede central, localizada na via Zante 34, e nas outras duas unidades, são oferecidos os cursos e projetos abaixo relacionados:

- Curso de Qualificação Profissional (tre sedi)
- Curso de Liceo sociopsicopedagogico (sede di via Zante, Milano)
- Curso ECDL oferecido (patente européia con exame na sede)
- Curso em alternância entre a escola e o trabalho (para as classes 3 e 4)
- **O Projeto Terza area (per le classi 4 e 5)**
- Corsi di L2 per studenti stranieri

Para os cursos de Formação Profissional com duração de três anos, são oferecidos: Operador de Serviço Social; Operador de Empresas turísticas; Operador de Administração de Empresas. Para os alunos formados e com diploma, o Instituto oferece cursos de Pós-qualificação, com duração de dois anos, nas áreas: Técnico em Serviços Sociais; Técnicos em Serviços Turísticos; Técnico em Administração de Empresas.

São justamente estes alunos dos cursos de Pós- qualificação, que são o público alvo do 'Projeto terza área', desenvolvido em conjunto com a Universidade Católica do Sagrado Coração de Milão, dentre outros projetos e atividades de orientação e de formação que a Universidade já vinha desenvolvendo. O "Projeto terza àrea" nasceu do trabalho colaborativo do grupo de projetos da Universidade Católica em conjunto com o Diretor, a vice-presidente e os coordenadores do Instituto Oriani Mazzini.

Dentre os cursos que o Instituto oferece aos seus estudantes, os alunos de Pós- qualificação, que apesar do nome corresponde no Brasil a formação no âmbito do Ensino Médio, os alunos do 4 e 5 ano do curso de Técnico de Serviços Turísticos e do curso de Técnicos em Serviço Social foram contemplados pelo "Projeto terza àrea" . Este projeto tem por objetivo fornecer as condições necessárias para uma formação mais sólida e reflexiva do estudante, não somente sobre as questões relativas ao mercado de trabalho, mas também com relação ao seu próprio percurso formativo. Implantado em fase experimental no ano escolar de 2004-2005, junto aos alunos dos cursos acima citados, quando da sua implementação, o projeto foi testado apenas na classe IV, O projeto envolveu, no primeiro ano 08 turmas, com média de 20 alunos cada, para um total de cerca de 160 alunos da escola; E a participação de 02 cursos universitários, onde os alunos envolvidos contabilizaram um total de cerca de 150 estudantes universitários

Depois, devido aos bons resultados obtidos nessa parceria, o projeto foi estendido, no período de 2005/2006, para duas turmas da classe IV e mais uma da classe V. Este é um projeto de complementação curricular, na medida em que o "Projeto terza àrea" contempla uma quantidade de 180 horas de formação para o quarto e o quinto ano de estudo, a serem aproveitados em atividades de inclusão e de formação. Para uma idéia mais clara, apresento alguns dados previstos no acordo firmado para o ano 2007-2008, e as alterações ocorridas quando da renovação do projeto para o ano escolar 2009/2010.

Em 2007/2008, o projeto previa:

- Um estágio de 45 horas e um módulo de 24 horas gastas na obtenção da ECDL, administrados pelos professores no Instituto.

- 30 horas para a expansão da língua inglesa, realizado no IV Q pelo (a) professora interna na escola e confiadas para as classes IV P e V P a um professor da Universidade Católica;

- 81 horas a disposição da Universidade Católica para um projeto de formação-orientação que se constitua como uma ponte de ligação entre o ensino médio e o ensino universitário.

A orientação do grupo de trabalho para essas 81 horas foi de focalizar a atenção nos processos de formação-orientação, em função do conhecimento do mundo em que está se dando sua formação, das representações de suas figuras profissionais, dos seus meios de intervenção. Em particular, se pensa como setores profissionais, à formação de redes corporativas e ao trabalho de rede na área da empresa social. Essas são algumas articulações definidas dentro do projeto “terza área”, para os cursos “técnicos dos serviços sociais” do Instituto, considerando que o Instituto Oriani Mazzini, tem seu foco voltado para a formação para o trabalho e que o seu público alvo é definido por alunos com uma menor bagagem cultural, cujas condições socioeconômicas os colocam entre as classes menos privilegiadas.

Em sua estrutura, são individualizados, inicialmente, quatro planos de intervenção:

1) Cursos abertos, freqüentados por estudantes da 'Oriani-Mazzini' diretamente na Universidade Católica de diferentes tipologias. A classe IV seguirá alguns cursos universitários, enquanto a classe V, alguns laboratórios entre as atividades desenvolvidas na Faculdade de Ciência da Formação;

2) Percurso de orientação conduzido pelo Instituto, que realiza um balanço das competências e dos elementos (conteúdos e experiências) que surgiram e foram apreendidos durante as diversas atividades previstas pelo projeto, ativando uma reflexão seja sobre o perfil profissional emergente ou em relação ao seu próprio desenvolvimento;

3) Atividades didáticas e de laboratório conduzidas pela equipe da Universidade Católica diretamente na sala no Instituto Oriani-Mazzini;

4) Curso de Inglês profissionalizante desenvolvido por dois professores da Selda (Centro Lingüístico Ateneo);

A luz dos resultados apresentados e das experiências conduzidas no ano didático passado (2007/2008) para o período escolar de 2009/2010, foram redefinidos os setores disciplinares a serem envolvidos no projeto, que ganhou um maior número de horas, seja para uma maior coerência com o currículo de estudos do curso de “Técnico em Serviços Sociais” seja para melhorar a eficácia

organizacional das atividades. Também vale ressaltar que a partir do ano de 2008, o projeto conquistou o apoio da HP (Hewlett-Packard), que em 30/06/2009 fechou o apoio com o projeto, doando na oportunidade 10 notebooks para uso dos alunos, sob a seguinte argumentação:

- HP Instituições Educacionais Grant Initiative 2008 – Transformar o ensino e a aprendizagem através da tecnologia.

O Projeto ‘terza área’ mantido pelo CREMIT no Instituto Profissional de comércio de serviços e turismo Oriani-Mazzini, realizado no ano escolar 2008-2009, envolvendo um total de cerca de 130 alunos do ensino secundário, com idades entre 17 e 20 anos, contou com o apoio da HP para classes do V ano. Por reconhecer os méritos do projeto, a HP tem apoiado essa iniciativa, com base em 05 objetivos principais:

1) Alterar a prática de ensino, introduzindo às TIC”s na sala de aula, objetivando romper com o modelo de ensino frontal;

2) Para produzir artefatos como resultado do trabalho de equipe em ambientes colaborativos;

3) Para a redução do fosso digital entre os estudantes, a criação de um laboratório móvel no qual os alunos possam navegar na Internet, baixar informações e materiais, trabalhar em equipes, com o apoio constante de um tutor;

4) O apoio à orientação escolar e profissional, através do acesso a um manancial de informação disponível na web;

5) Para apoiar e reforçar a comunicação professor-aluno e aluno-aluno, nomeadamente através da utilização de ferramentas digitais desconhecidas para a maioria dos estudantes.

Com mais essa conquista, o projeto, que já apresentava bons resultados, consolidou-se como um projeto inclusivo, entrando para o período escolar 2009/2010, com maior apoio estrutural e tecnológico. Para uma melhor compreensão do leitor, transcrevo abaixo um modelo de trabalho a ser desenvolvido nas Classes IV P/IV Q. No âmbito do projeto de “Terza área” no qual participam as classes do quarto ano do instituto Oriani Mazzini, as atividades administradas pela Universidade Católica de Milão, prevêm uma quantidade total de 96 horas, pra fazer com que os alunos desenvolvam atividades de complemento do currículo.

Projeto Terza Área Profissionalizantes - Instituto Profissional para os Serviços Comerciais e Turísticos Oriani Mazzini – Curso

"Técnico dos serviços Sociais"

A programação das atividades para 2009-2010 para as classes IV P e IV Q da sede de Porta Vigentina prevê o seguinte percurso formativo:

- 21 horas de curso livre na Faculdade de Educação de Ciências da Formação da universidade Católica de Planejamento e organização de atividades educativas dirigidas pelo Prof. Rivoltella, com o apoio da Doutora Carenzio (três jornadas na universidade católica, os outros encontros na própria escola). O curso se propõe a fornecer aos estudantes uma referência conceitual e uma análise crítica das metodologias e ferramentas para o planejamento das atividades educativas. O curso é organizado em cinco módulos, o primeiro dedicado ao quadro conceitual, os outros quatro a fornecer competências de base sobre projetos das atividades educativas (paradigmas de projeto, análise das necessidades e objetivos, construção de caminhos, a avaliação). Os singulares módulos serão pontuados por atividades práticas guiadas.

- 21 horas de Inglês Profissionalizantes para a expansão do Inglês, confiado a um professor de serviços lingüísticos de Universidade Católica (As aulas são ministradas no Instituto Oriani Mazzini)

- 21 horas de laboratório de mídia-educação no Instituto Oriani Mazzini. O objetivo da oficina é a compreensão dos mecanismos da informação, dos motivos e do significado de uma obra coletiva de engenho aplicada em contextos sociais, passando por interações que existem entre idéia, escrita e relacionamento com o público.

- 21 horas de laboratório de gestão dos grupos e comunicação no Instituto Oriani Mazzini. O objetivo do laboratório é compreender como a comunicação interpessoal e capacidade de gestão da relação torna-se aspectos decisivos na formação e gestão de grupos de trabalho.

- 12 horas de suporte para projetos no Instituto Oriani Mazzini, através do qual é garantida a comunicação das classes com um tutor de referência que durante todo o ano segue o andamento do projeto, do ponto de vista de organização e gerencial.

Em síntese, destaco que, na Itália, a taxa de alunos provenientes das escolas profissionais de ensino superior e da universidade é geralmente muito

baixa. Permitir que os alunos conheçam a universidade mais próxima, fazendo-os compreender melhor o sistema de sua organização e encontrar a informação que eles não sabem como encontrar, é o foco do projeto "Terza Área", que busca atuar na orientação profissional específica dos jovens desfavorecidos que vem dos subúrbios da cidade. Dá-lhes a oportunidade de entrar em contato com um novo ambiente e com os alunos mais velhos, que já optaram por um caminho para conduzir seus estudos, também é uma meta do projeto. Como resultado que confirma o sucesso do projeto, ele apresenta a seu favor a avaliação dos resultados alcançados nos últimos quatro anos. Dentre eles, o fato de que desde que o projeto "Terza Área" foi iniciado no Instituto Profissional para os Serviços Comerciais e Turísticos Oriani Mazzini, o percentual de estudantes que ingressaram em universidades para dar prosseguimento aos estudos superiores após o ensino médio tocou a taxa nunca antes dos 5% dos alunos, do Instituto. Isso sem dúvida alguma reflete os bons resultados, principalmente, em termos de inclusão social, alcançados pelo projeto.

5.5.1

Discurso da coordenação do projeto

A entrevista com uma das coordenadoras do projeto 'terza área', a colega Magda Pischetola, se deu quando, como acadêmicas que compartilham vários pontos de vista, já havíamos discutido objetos muito próximos e já havíamos trabalhado juntas realizando grupos focais e traduzindo entrevistas dentro das atividades de investigação de sua tese sobre o já citado projeto OLPC Brésia. Sendo assim, foi em um ambiente de confiança e camaradagem que transcorreu a conversa, cujo alguns recortes que considero essenciais para esta tese, apresento a seguir.

Primeiro, pedi que Magda falasse um pouco de si mesma e do trabalho que vem desenvolvendo nas investigações e atuações sobre a questão da divisão digital. Ela iniciou contando que, no seu trabalho de pesquisa, sempre se ocupou da questão do acesso por tantos pontos de vista diferentes que, praticamente, passou a entender o *digital divide* de modo um tanto particular. Em sua opinião, para muitos, pode significar apenas o acesso material, sendo assim, o acesso infra-estrutural, o acesso à rede, a condições. "Eu o entendo de modo diferente...".

Diz que começou a pensar, não somente em quais categorias são incluídas ou excluídas, mas, sobretudo, quais são os elementos que podem levar à inclusão. Ou seja, em todas essas categorias.

Para ela é claro que, pensando principalmente a faixa etária da população na Itália, a idade aparece como um dos primeiros fator. Os mais velhos sofrem muito com a questão da exclusão digital na Itália, afirmou ela. Outro fator, muito conhecido também do Brasil, (Magda morou por três meses no Brasil) é a condição econômica; e, seguramente, as condições de capital cultural, ou seja, a proveniência, o lugar de origem do sujeito, é outro fator muito significativo. Por isso, disse ela, que estes são os três fatores que vejo como elementos mais importantes para a exclusão digital, pelo “não acesso”.

No entanto, fez questão de frisar que, aquilo que é transversal a todos estes componentes é a falta de uma competência, isto é, de um acesso de conexão, não tanto material quanto de conexão em termos de conteúdos.

Quanto à Itália, a carência destas competências na escola, porque è disso que me ocupo, prioritariamente. É, sobretudo, a categoria dos imigrantes, filhos de imigrantes da segunda geração e os jovens e crianças com problemas de aprendizagem, deficiência de habilidade de vários tipos, sejam físicos ou mentais, sejam problemas simplesmente como de conexão de leves atrasos, não se acessa às novas tecnologias porque não se tem a competência, quero dizer, não se consegue revelar aquele tipo de competência. Então, esse è mais ou menos o panorama.

Por isso, mais do que falar de *digital divide*, devemos considerar toda a literatura que fala de desigualdade digital, que é, em sua opinião, um pouco diferente como conceito. Quando se fala em *digital divide*, maior parte das vezes se considera sempre aqueles que possuem e aqueles que não possuem (infra-estrutural). Então, dois são os problemas: o primeiro é o que se ocupa somente do acesso material, econômico, financeiro, infra-estrutural, e o segundo problema é que há sempre uma parte de ricos e uma parte de pobres, não considerando que existe toda uma serie de fatores que, ao contrario, depende também e principalmente da competência, que, frisa ela, é uma coisa que corta transversalmente o problema, não o colocando em termos bilaterais, bipolares. Por

esses motivos Magda disse que não buscou se ocupar tanto de *digital divide* quanto de tantas divisões e de quanto podemos fazer para reluzi-los.

Assim, a divisão que ela vê na competência, concentrando amplamente no detalhe, são as divisões de alfabetização digital, por exemplo, a divisão da pesquisa de informações da reelaboração pessoal, a divisão da capacidade lógica, por isso, o fato de saber desfrutar também as próprias informações que se consegue obter através da tecnologia pra poder reelaborá-las pessoalmente. E isso, como disse, abrange, sobretudo, os estrangeiros porque sofrem já dificuldades, seja com a língua italiana ou no problema de integração social, e abrange também as categorias marginalizadas, sendo assim, todos os que sofrem mais dificuldades de inclusão social em termos gerais. A desigualdade digital, em sua opinião, é uma parte da desigualdade social, reflete aquelas que são as mesmas categorias que são já excluídas a nível social. Imigrantes, desabilitados, e também quem há proveniência de famílias com remuneração mais baixa ou onde há uma educação mais limitada.

Perguntei a Magda, considerando sua experiência de trabalho em países considerados em fase de desenvolvimento, como é o caso do Brasil, e países desenvolvidos como a Itália, quais os pontos de aproximação e de afastamento que ela identifica pensando a questão da exclusão.

Ela respondeu que, seguramente os países ditos industrializados, como a Itália, partem de um nível mais privilegiado, em condições de vantagens, comparado aos países em desenvolvimento. Isso porque a educação, que, a seu ver, é o primeiro elemento fundamental de inclusão, é diferenciado. Em sua opinião, comparando o nível da educação pública brasileira com a italiana, seguramente, a escola italiana em geral, prepara melhor os estudantes, tem menos mudança de professores, tem menos problemas como a pobreza e a violência, então, em nível social se parte com vantagem no desenvolvimento dessas competências. Porém, acrescenta que os países em via de desenvolvimento, entre os quais citaria o Brasil, levam vantagem porque partem com mais motivação em direção ao aprendizado. Então, há uma desvantagem seguramente inicial em nível social, pelas causas sociais que já conhecemos, mas, também existe uma vantagem que no fato de que os jovens se interessam mais facilmente por esse gênero de argumento.

Conforme sua experiência pessoal, ao propor alguma discussão ou atividade que sejam baseados em informação, comunicação e tecnologia, normalmente, a reação que provavelmente terá uma criança italiana é muito menos curiosa do que a reação que pode ter uma criança brasileira. Isso porque, bem ou mal, um pouco tem a novidade, um pouco a idéia do projeto, um pouco também a idéia de poder participar.

creio que nos países que possuem mais dificuldades, em via de desenvolvimento, exista particularmente uma percepção geral entre as pessoas, mesmo de idade muito inferiores. Uma percepção do fato que a tecnologia pode trazer bem-estar, coisa que aqui não é percebida dessa forma. Por isso, estas são, a meu ver, as diferenças de vantagem e desvantagens.

Nesse momento, fiz uma pergunta que, inicialmente, não estava no roteiro, mas que sua fala até então, me fez curiosa em ouvir a resposta que viria a ser dada. Como você definiria ‘inclusão social’ e ‘inclusão digital’?

Magda diz que há na educação um valor fundamental para criar aquele tipo de interesse ao qual já me referi que é a questão da curiosidade. Em sua opinião, a educação deve principalmente focalizar-se no interesse, na criação e na motivação, quando estas categorias mais marginalizadas entendem o valor de um projeto, se interessam pelo projeto, investem na participação ativa: criatividade, atividade pessoal, o fato de entrar no jogo é, para ela, o primeiro passo para a inclusão. Se, claramente isso acontece através de tecnologias, então estaremos falando de inclusão digital, porém, é simplesmente um aspecto da inclusão digital. Depois, através da tecnologia existem tantas vantagens; o fato de poder socializar, de poder acessar os conteúdos, o fato de poder aprender a reelaborar conteúdos pra si próprio, assim, em nível de conexão, e também o fato de conseguir desenvolver habilidades que servirão para o trabalho, isto è fundamental.

Projeto OLPC, que é o meu objeto de pesquisa, se você dá aquele computador (eu vi a experiência na Etiópia) a 5.000 crianças, num giro de dois, três meses são capazes de programar, de fazer coisas excepcionais, sem exagerar faziam desenhos animados com danças populares etíopes, sozinhas, sem terem tido nenhuma formação, de nenhuma forma. Por isso, a motivação ao interesse pessoal, a curiosidade, levaram essas crianças a desenvolver uma habilidade. Porem, àquele ponto, o ponto máximo que

podem chegar com a habilidade própria deles, se não há ninguém que faça uma intervenção de ajuda, pra dizer: Mas você, isto que você fez? Como pode utilizar pra você mesmo? Como vai criar uma competência a partir daquela habilidade? Eu creio que seja esse o elemento crítico.

Neste ponto, perguntei, considerando o contexto histórico atual, o que deve e pode ser feito, em sua opinião, para efetivamente incluir os jovens marginalizados? Ela respondeu que chegar a um conceito de habilidade ao conceito de competência, até de conexão, até mesmo social, porque uma pessoa pode ter uma habilidade social, pode ter uma facilidade de comunicação, mas se não raciocina sobre isso não entende porque o faz, qual é o objetivo, quais são até mesmo as dinâmicas comunicativas. Se não faz uma reflexão que chegue um pouco além da superficialidade da relação em si, creio que não dê significado ao que faz, esse é o papel da universidade, criar espaços, criar ou inserir-se, também em espaços de participação de jovens, fazendo significado.

Para Magda a motivação e a curiosidade são dois elementos fundamentais. Aqui ela destacou que, as Universidades, de um modo costumeiro, se repetem em modalidades frontais de educação, isso na Itália como no Brasil, lhe parece que é igual.

Na realidade, se você não coloca um mínimo de criatividade ou de esforço mental, todo o resto pode ser inútil. Mas é inútil até pra você mesmo, porque você não se lembra de nada mesmo; estuda por duas, três semanas, memorizando tudo, chega ao exame e você se esqueceu de tudo. Pra que serve um conhecimento adquirido assim? O jeito è escrever um apontamento, digamos 10 páginas que substituam os quatro livros que seriam levados pro exame, muito melhor; pelo menos são 10 páginas que foram escritas por você, pelas tuas mãos, pensando as coisas, tendo um projeto e um conceito, é isso que deve fazer a universidade, afirmou ser sua opinião.

Falando sobre os projeto de inclusão, pedi que falasse do ‘Projeto terza área’ do qual é uma das coordenadoras, fazendo uma breve avaliação do projeto e que desse algumas sugestões sobre como trabalhar essas questões na sociedade contemporânea. Ela disse que o projeto existe desde 2004, mas muita coisa mudou nos anos que se passaram, despertando interesse de todos os envolvidos.

Foi intitulado de ‘Terza Área Profissionalizante’ e, praticamente, funciona assim: se pressupõe que o estudante venha a freqüentar uma área, muitas horas.

Essas horas são dedicadas à orientação profissional e universitária, sendo o foco do projeto ajudar o estudante a compreender qual é o seu percurso de estudo educativo. Como se faz? Fazendo com que ele conheça a realidade universitária freqüentando algumas aulas, indo até a escola com alguns docentes que vão propositalmente dar lições lá e, também usando instrumentos que o aluno não está habituado a usar, partindo de exercícios ativos, que pressupõem além de tudo modalidades de atividades tipo laboratórios, de participação no uso de tecnologias, com pequenos grupos para desenvolver trabalhos de produção autoral, esse é o quadro do projeto.

Nesse ponto, Magda e eu encerramos a entrevista que, certamente, forneceu-me muitos dados para este trabalho de tese.

Ou se alarga essa banda e a banda anda
 Mais ligeiro pras bandas do sertão
 Ou então não, não adianta nada
 Banda vai, banda fica abandonada
 Deixada para outra encarnação
 (*Banda Larga Cordel*, Gilberto Gil)

5.6

Comparando duas realidades: o que dizem os jovens usuários do Brasil e da Itália

Diabo de menino agora quer
 Um i pod e um computador novinho
 Certo é que o sertão quer virar mar
 Certo é que o sertão quer navegar
 No micro do menino internetinho
 (*Banda Larga Cordel*, Gilberto Gil)

Para conhecer e analisar as práticas e os acessos dos jovens no Brasil e na Itália, visando conhecer os efeitos da inserção da Internet no universo desses jovens, identificando as diferenças e semelhanças que encontraria em relação aos seus usos e as suas apropriações, utilizei o questionário, como um dos instrumentos metodológicos desta pesquisa, conforme já apontei no capítulo que trata das minhas opções metodológicas.

Para o cruzamentos dos dados, utilizei a planilha do Excel, parte do pacote Microsoft Office, visto que, além da disponibilidade de uso e da facilidade

operacional, ao considerar o tamanho da minha amostra, conclui se um programa que oferecia todos os recursos necessários para atender às exigências da pesquisa.

Ciente do enriquecimento que a oportunidade de trabalhar com dois universos culturais diferenciados traz para a minha investigação fiz a opção por compor duas amostras intencionais, uma no Brasil outra na Itália, cada uma composta por 20 jovens na faixa etária entre 16 e 20 anos de idade, provenientes das classes menos favorecidas, obviamente levando em consideração o que isso significa na realidade de cada país.

Antes de entrar nos resultados dos questionários e na análise crítica dos dados, devo dizer que, tanto no Brasil, quanto na Itália, a aplicação do questionário foi sempre seguida de uma conversa informal com os jovens, o que, a meu ver, possibilitou momentos mais ricos, em que, descontraídos, eles falavam com mais entusiasmo e liberdade sobre suas práticas e sobre a importância da Internet na sua vida cotidiana.

No Brasil, o grupo de atores da pesquisa, são todos estudantes do Instituto de Educação Clélia Nanci, localizado no bairro de Brasilândia, Município de São Gonçalo, Rio de Janeiro. O Instituto, fundado em 1961, vivenciou as várias mudanças ocorridas na Educação pública Brasileira, passando em agosto de 1966 a se chamar Instituto de Educação “Clélia Nanci, em homenagem a sua patrona que, a título de curiosidade, era uma senhora italiana nascida em Veneza, que viveu por 50 anos no município de São Gonçalo. Contudo, considerando os objetivos definidos pela pesquisa, um dos critérios para composição da amostra foi escolher entre os estudantes do Instituto, jovens frequentadores de LAN house no município.

A minha aproximação com o universo das LAN houses se deu justamente em São Gonçalo, no ano de 2007, quando então, eu trabalhava como professora substituta da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, localizada nesse município. Depois da minha primeira discussão sobre o assunto, já descrita no capítulo cinco desta tese, em que trato especificamente dessa questão,¹³² fui seduzida pelo tema e comecei a desenvolver um envolvimento mais íntimo com esse universo.

¹³² Ver capítulo 5, item 5.4 desta tese.

Para isso, contei com a preciosa ajuda de um aluno do curso de Pedagogia da UERJ, freqüentador assíduo desses espaços e, como eu, cada vez mais apaixonado por esse universo. Com 24 anos, pelo menos uns cinco passados na Universidade acumulando um número considerável de reprovações por falta, ele justifica que o curso tem disciplinas que, em sua opinião, são “chatas e repetitivas e só servem para fazer dormir”. Ao mesmo tempo, era militante ativo no Centro Acadêmico do Curso de Pedagogia e sempre estava à frente dos eventos e das reuniões de reivindicações de benefícios para o curso. Bem humorado e sempre disponível, quando se trata de qualquer coisa relacionada ao universo da Internet, ele foi a chave que abriu para mim as portas desse novo mundo, o qual passei a freqüentar, observar e investigar. Jesus Filho é o “*nickname*” com que ele se identifica quando entra na rede. Segundo ele, a escolha se deu não somente porque faz parte do seu sobrenome, mas também pela representação simbólica que o nome carrega. “Pensei em utilizar o *nick* ‘Deus’, mas achei que seria forçar um pouco a barra, não? Então me conformei em ser o filho mesmo”. Ele me disse, em tom meio sério meio de brincadeira, quando andávamos para visitar a Lan Mattos & Vídeo, em Brasilândia, São Gonçalo.

Nessas visitas, inicialmente, eu sempre levava comigo a máquina fotográfica que, por orientação de Jesus era pouco utilizada, e ao final terminei por escolher deixá-la em casa. “Sei não professora, mas acho que não é uma boa idéia ficar tirando foto do pessoal. Acho que eles vão ficar meio sem graça”. Como eu levava também um caderno no qual escrevia minhas anotações, achei melhor acatar a sugestão. Ali anotava, em forma de rascunho, meio em código, o que depois transformava em uma anotação mais formal e detalhada no mesmo bloco. Percebi que isso despertava certa curiosidade por parte dos jovens freqüentadores das LANs mas, como eu estava acompanhada por ‘Jesus’, eles não comentavam nada comigo. Observei que, uma vez ou outra, alguém perguntava algo a Jesus sobre a minha presença e sobre as anotações que fazia, mas ele respondia em voz baixa e, por mais que eu me esforçasse, não conseguia ouvir o que diziam. Uma vez, perguntei a Jesus como ele justificava para os outros freqüentadores o porquê da minha presença ali, ele me olhou com cara de deboche e disse: “Ah! Eu digo que você está comigo e que você é a ‘Maria.’” E rindo ele complementou: “Acho que pensam que você é minha mãe”. Depois disso, não falamos mais sobre o assunto.

Com Jesus, visitei cinco LAN house em São Gonçalo. Duas no Jardim Catarina, a *Revolution* e a *Conectacom*; duas em Brasilândia, a *Fox Lan House* e a *Lan Mattos & Vídeo*, e uma localizada em frente à Universidade, no bairro do Paraíso.

Esta que foi a primeira, não tinha nome algum na fachada. Era freqüentada pelos alunos da UERJ que a utilizavam para imprimir trabalhos, gravar CDs, ler email, entrar no MSN, Orkut etc. Era chamada por eles de a “LAN house da Universidade”. Sua porta de entrada era de vidro fumê, com várias faixas coladas onde se podia ler “LAN House”, serviços de Internet, Xerox e Impressões, além de vários outros plásticos colados que tornavam impossível ver o que acontecia lá dentro.

Quando entrei, levei um tempo para me acostumar com a escuridão da sala. Percebi que o espaço era pequeno, com apenas 08 computadores. Inicialmente, fiquei incomodada com a quantidade de pessoas que transitavam, falavam e observavam por detrás das outras que se encontravam sentadas diante das telas.

Perto do balcão de atendimento, fica o atendente e o computador central, chamado de servidor. Este é o computador “central”, em que o atendente faz o registro de todos os usuários, antes de liberar o uso de alguma máquina. Todas as outras ‘estações’ como são chamados os outros computadores pelo atendente, possuem um número de cadastro no servidor. Este por sua vez, faz o controle do uso e do tempo de cada usuário. É que no servidor, se encontra instalado um *timer* para controlar o tempo dos usuários, conforme a quantidade de horas pagas. O custo da utilização de uma hora varia entre R\$2,00 e R\$ 1,00, nesta LAN, o custo da hora norma era de R\$ 1,50, mas havia alguns horários promocionais que custavam menos. Vale dizer que, também no servidor, fica registrado o percurso efetuado por cada usuário em cada máquina a ele vinculado. Foi ali naquele canto que fiquei observando o que se passava, tentando entender aquela gritaria, aquele amontoado de jovens entrando e saindo, caminhando e falando alto pela sala.

Depois de certo tempo, percebi que aqueles que estavam sentados diante das telas, estavam completamente imersos nos vídeos, com fones nos ouvidos e dedos rápidos nos teclados, vidrados no jogo que disputavam na tela e, que nem sequer haviam percebidos a minha presença. Relaxei. Só mais tarde, compreendi

que tinha ‘invadido’ o espaço em meio a um campeonato de Counter-Strike¹³³ e por isso a concentração era tanta.

Ao testemunhar o nível de imersão dos jovens na disputa, pude perceber que, embora fisicamente diante do computador, os jovens habitavam, naquele momento, outro espaço. O espaço virtual do jogo. Ou seja, sem seu corpo deixar o espaço físico da sala, ele vai mentalmente para outro lugar, com outro tempo e outro espaço, de uma forma diferente.

Contudo, enquanto jogavam imersos no mundo virtual, os jovens ocupavam o espaço da LAN house e, pareciam, simultaneamente, estar em um ambiente familiar, conhecido, e íntimo. Gritavam, falavam mal, comemoravam e faziam brincadeiras uns com os outros, conforme uma determinada manobra ou algum ganho ou derrota ocorrida no jogo. Atribui um pouco dessa descontração e intimidade, ao fato de estarem na LAN house, um espaço sem Adultos, sem Pais, Professores, ou qualquer outra figura, cuja representação social remeta a autoridade. Estar ao mesmo tempo nessa e na outra dimensão, como sugerido por alguns autores, sinaliza para uma potencialização nas possibilidades de representação do *eu* no mundo mediado. (Goffman, 1985). A vivência da simulação, permite habitar tempos e espaços diferenciados, definidos pela simultaneidade da experiência física, concreta vivenciada no espaço da LAN e a experiência, não somente, mas, prioritariamente, mental que está sendo vivenciada no espaço virtual. Não existe distância entre as duas percepções, ambas se fundem e se confundem, sem contudo se diluírem ou uma desaparecer em função da outra. Segundo Moita,

os jogos eletrônicos se inserem num contexto cultural curricular juvenil, já que se constituem numa ferramenta que comporta a possibilidade de agregar um caráter lúdico à mediação de conteúdos, promovendo a associação do prazer ao conhecer... os jogos eletrônicos colaboram para uma aprendizagem por meio da qual são permitidas a simulação e a atuação, em que estão envolvidas as ações de experimentar o mundo de um jeito

¹³³ Counter-Strike (também abreviado por CS) é um popular jogo de computador, mais especificamente um "mod" de Half-Life para jogos online. É um jogo de tiro em primeira pessoa baseado em rodadas no qual equipes de contra-terroristas e terroristas combatem-se até a vitória. Requer muita estratégia, trabalho de equipe, e habilidade para ser um vencedor. É acessível através do Steam. O jogo inicialmente era para ser um mod para o Unreal Tournament, mas a Valve Software viu uma oportunidade no jogo e comprou-o. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Counter-Strike>. Acesso 15/01/2010..

novos, formar afiliações novas e preparar aprendizagens futuras, uma aprendizagem crítica, em que estão envolvidos o entender e o produzir, saberes que apontam para a construção de novas sociabilidades e identidades.
(Moita, 2006 p.147)

Dessa maneira, as variadas interações vivenciadas no espaço das LANs, exercem um papel fundamental na construção da percepção contemporânea, no sentido de que, vinculado aos processos de aprendizagens proporcionados pelas experiências vivenciadas na rede, está o processo de constituição do indivíduo como ser social, cultural e político que vai se constituindo em interação com o ambiente, com os objetos e com os pares.

Durante essa fase de observação, considerando a lógica de alguns games jogados nas LANs, também pude observar competições entre grupos de jovens ou 'Clãs', que se unem para, na disputa com outros 'Clãs', conquistarem um determinado objetivo que se encontra pré-definido.

Na experiência dos jogadores, está o sucesso das equipes, e isso implica que a compreensão e a experiência estejam em constante interação, participação, envolvimento, onde todos imergem nos contextos e na criação do conhecimento e na definição de estratégias que sejam favoráveis ao grupo, considerando o objetivo comum a ser alcançado.

Nesse ambiente, os processos de socialização e mesmo o caráter educativo, considerando as aprendizagens realizadas por meio das interações entre os jovens jogadores, são marcadas pela decisão conjunta das estratégias, das etapas e dos "materiais" que serão utilizados (no caso dos jogos considerando as escolhas dos jogadores pelos "avatars", pelas armas, pelas táticas, pelos poderes, que vão sendo feitas conforme os objetivos de cada grupo.), definidos pela identificação dos objetivos a serem atingidos e pelo envolvimento de toda a 'comunidade' na definição da estratégia para a construção e experimentação das situações. Nesse sentido, as aprendizagens são proporcionadas pelas tomadas de decisões conjuntas, resultante da interação estabelecida dentro do grupo, que possibilita a experimentação de erros e acertos que, ainda que não conduzam a tão esperada 'vitória', se constituem sempre como um processo de socialização e de aprendizagem contextualizada, marcado principalmente pela auto-avaliação, quando, ao final do jogo, os jovens jogadores comentam os resultados das decisões e das estratégias adotadas durante o jogo.

Observando, inclusive nas outras LANs visitadas, a forma como os jovens conduzem e se conduzem durante o jogo pude perceber que ali, naquele contexto, estabelece-se certo equilíbrio entre as vontades individuais e os objetivos coletivos. Como em um organismo que deve funcionar em plena cooperação, para o bom funcionamento no sentido de realizações de objetivos, nos clãs, cada um tem seu papel definido e, embora exista a liderança, geralmente exercida por aquele que conhece melhor as regras do jogo, todos possuem a consciência da sua importância para a realização do objetivo proposto. Nesse sentido, a aprendizagem se dá tanto em nível individual, por meio da interação com os outros jogadores, mas, também em nível coletivo, no sentido de possibilitar aos jogadores compreender a lógica do jogo em que a vitória sobre o grupo opositor é resultante de um trabalho coletivo de cooperação em que todos possuem o mesmo grau de importância.

Frente ao envolvimento dos jovens com os jogos e o trabalho de cooperação que esse ‘divertimento’ exige, não pude deixar de pensar que esse fascínio exercido pelas LAN houses sobre os jovens, que estimula o trabalho compartilhado, em que a aprendizagem se faz por meio da participação ativa por meio em oposição ao parco interesse comumente apresentado pela maioria dos jovens diante do cotidiano da escola.

Foi também por meio de Jesus e do grupo de trabalho PROINICIAR, que entrei em contato com Gisele, formada em pedagogia, aluna da pós-graduação do curso de pedagogia da UERJ e professora no Instituto de Educação Clélia Nanci. Gisele passou a ser meu elo, o anjo da guarda, das ligações que consegui estabelecer com os alunos do Instituto. Sem dúvida alguma a sua ajuda foi fundamental na aplicação dos questionários.

Já para a realização do objetivo de aplicar o questionário com os jovens italianos, o processo adotado foi outro. Em um primeiro momento, acompanhei por seis vezes os trabalhos de formação realizados pela equipe do Cremit com os alunos do Instituto Escolar Superior Oriani Mazzini, inseridos no ‘projeto terza área’. Em outubro de 2008, quando da testagem do questionário de pesquisa, fiz três acompanhamentos.

Já os outros três foram realizados em outubro de 2009. Só no sétimo encontro, ocorrido agora com a turma de 2009, é que realizei a aplicação do questionário. Os encontros aconteceram sempre nas manhãs das segundas e

terças-feiras e tinham a duração de duas horas cada um. Os elos que possibilitaram a ligação entre os alunos e eu, foram às professoras Alessandra Carenzio e Laura Comaschi, ambas vinculadas ao CREMIT.

Figura 9 – Jovens do projeto terza área durante a aplicação do questionário.



Devo ressaltar que fui muito bem acolhida pelos alunos do projeto e que a minha pesquisa despertou, de modo geral, grande curiosidade por parte das turmas. No encontro que antecedeu a aplicação do questionário, fiz uma explanação com a utilização do Power point, sobre o universo das Lan houses no Brasil, mostrando imagens de diferentes tipos de estabelecimentos.

Também destaquei algumas práticas dos jovens nas Lans e a importância que esses espaços assumiram, hoje, nas periferias brasileiras, como ambiente de aprendizagem e de socialização. Os alunos demonstraram que essa era uma realidade que os deixavam curiosos e realmente impressionados, na medida em que não compreendiam e não conseguiam relacioná-la com as suas próprias realidades.

A primeira parte do questionário era destinada a identificação de sexo, idade, e ano escolar dos jovens. Pude observar que a maioria dos alunos eram do sexo feminino e se encontravam assim distribuídos: A turma na Itália era composta por 20 jovens entre 17e 20 anos, e cursavam o 4º ou o 5º ano da escola média superior. Já os 20 alunos brasileiros do Instituto Clélia Nanci, tinham entre 16 e 19 anos de idade e cursavam o 2º ou o 3º ano do ensino médio. Na turma italiana de alunos do Curso Técnico em Serviços Sociais, havia apenas um homem, já entre os alunos do ensino médio brasileiros, a amostra, apesar de apresentar quatro homens, era majoritariamente composta por mulheres.

Na segunda parte do questionário destinada ao uso que os jovens fazem nas LAN houses no Brasil e nos internet points na Itália, entre os brasileiros todos eram frequentadores de Lans, enquanto que na turma italiana, apenas três admitiram já terem usado o internet point, porém com baixa frequência. Uma aluna que disse ter utilizado, fez questão de frisar que “só usei uma vez, assim mesmo porque o computador da biblioteca do meu bairro estava quebrado e eu precisava fazer um trabalho para a escola”. (18 anos). Os outros dois, disseram que utilizam a menos de um ano, com uma frequência de, mais ou menos, duas vezes por mês, para falar com pessoas no Skype ou no MSN. Vale ressaltar que os dois eram filhos de imigrantes radicados em Milão.

Quanto ao local de onde acessam com maior frequência, a casa aparece em primeiro lugar para os jovens italianos. Contudo, entre os que não possuem computador conectado em casa, menos da metade, apareceu também como local de acesso a escola, o projeto terça área, casa de amigos e bibliotecas públicas.

Já os jovens brasileiros frequentam as LAN houses mais ou menos há três anos, e a frequência é de três a quatro vezes por semana, com uma duração no acesso que fica em torno de duas horas. Isso porque, mais da metade não possuem computador em sua residência. Entre aqueles que possuem apenas uma pequena parcela tem acesso a Internet com Banda Larga. A maioria utiliza a conexão discada e sofrem com o controle realizado pelos pais, que utilizam o argumento do custo para controlar o tempo de uso. Uma aluna argumentou que, “Olha só, é impossível você conversar com uma amiga pelo MSN, visitar sua página no Orkut e responder aos seus email em menos de três horas, você não acha?.” (17 anos).

Na questão que perguntava sobre os aprendizados, as respostas dos jovens no Brasil, apontam vários aprendizados com o uso da Internet. O respeito pelo espaço do outro e pelas diferenças foi muito citado, sendo que a predominância é pelos vínculos de pertencimento ao grupo e a possibilidade de falar com amigos. Quando, durante nossa conversa, perguntei se faziam novos amigos na rede, a maioria disse que sim, porém não encontravam no mundo físico com esses novos amigos, salvo quando eles também frequentavam a mesma LAN house. Grande parte do grupo admitiu que encontra fisicamente com os amigos que já possuem e que já fazem parte do círculo de amizades fora do mundo virtual. Eles disseram que gostavam da LAN house não somente pelo tipo de acesso, mas também pelas amizades e pela ‘social’ que faziam ali. “Às vezes, eu nem tenho dinheiro para

conectar. Mesmo assim eu vou lá na Fox (LAN house que frequenta) só para dar um giro, ver quem é que está por lá”. (18 anos).

Os pontos menos populares são discussões sobre as questões da comunidade, postagem de conteúdos autoproduzidos na rede, ou baixar conteúdos proibidos, pornográficos ou que fazem apologia à violência.

Já as respostas da questão que indagava sobre as representações foram interessantes porque para os jovens a Internet foi mencionada, maior parte das vezes, sob uma representação positivada. Respostas como ‘lugar para saber melhor das coisas e aprender coisas novas’; ‘diversão, jogos e entretenimento’; ‘entrar no mundo digital’ e ‘aprender coisas novas’ estão recorrentemente associadas ao mundo da rede, mas, o caráter relacional de encontrar pessoas e desenvolver a sociabilidade é sem dúvida o número um das respostas.

Nesse sentido a pesquisa na LAN, continua reafirmando os dados da pesquisa Jovens em Rede feita pelo JER e já citada neste trabalho, que aponta a representação da Internet para o jovem brasileiro como sendo um meio predominantemente relacional e informativo.

Como a maior parte dos alunos italianos não respondeu a essa parte do questionário por não frequentar internet point, passamos a terceira parte do questionário, destinada aos usos e apropriações que os jovens fazem na rede.

No grupo Italiano, poucos citaram o caráter relacional da rede e a maior parte não falava ou aceitava convites para novas amizades.

A exceção vai para os convites feitos pela rede social do Facebook, conforme esclareceu uma das alunas,

No Facebook, o convite é sério mesmo e tem pessoas muito legais que podemos conhecer. Mesmo assim, eu sempre dou uma olhada no perfil de quem me convidou para saber do que essa pessoa gosta, o que faz, o que escreve e conhecer melhor, mas antes mesmo de aceitar eu sempre vejo se temos alguns amigos em comum”. (18 anos).

Esta fala me fez lembrar Turkley (1995) quando esta ressalta que, diante das telas, quando entramos nas comunidades virtuais, podemos reafirmar traços da nossa identidade ou elaborar uma metamorfose desta. Arrisco dizer que, hoje, ambos os processos ocorrem simultaneamente ou não, nas comunidades virtuais da rede. Isso pude perceber na fala de vários jovens, brasileiros e italianos, que

admitiram falar ‘apenas meias verdades sobre si mesmos. Uma jovem Italiana disse que já se associou a comunidades que não sabe bem do que se trata, apenas para ‘impressionar’ seus amigos virtuais. Já de uma jovem brasileira, ouvi o seguinte depoimento:

o que eu digo que sou no Orkut, é na verdade o modo como eu me vejo, então sou eu, não é mesmo? Por exemplo, eu faço escova todos os dias no meu cabelo, então eu digo que tenho cabelos lisos e só coloco fotos com o cabelo feito escova. Eu sei que se não faço, meu cabelo fica daquele jeito, mas os outros não precisam saber disso porque sempre vão me ver de cabelo liso. (17 anos).

Ouvindo esse depoimento ele me pareceu bem significativo para ilustrar as possibilidades do espaço virtual em fornecer uma gama de variabilidade quanto à escolha da identidade pessoal. No contexto online, a pessoa tem a oportunidade de escolher uma representação de si que seja totalmente discrepante em relação a seus sinais corporais (e todas as informações sociais que estes inspiram, Goffman 1978), mas que seriam facilmente verificados nas interações face a face. Essa fala me parece bem significativa para ilustrar as possibilidades do espaço virtual, em fornecer uma gama de opções quanto à escolha da identidade pessoal.

Quanto ao aprendizado sobre os usos da rede, tanto no Brasil quanto na Itália, os jovens aprendem sozinhos ou com a ajuda de amigos. Também a grande maioria compartilha o uso do computador com outras pessoas da casa, pais, irmãos, parentes.

Pude observar quase uma unanimidade por parte dos jovens, italianos e brasileiros, em reconhecer que a Internet, de algum modo, melhorou sua vida. Principalmente nos itens relacionados com a apreensão de novos conteúdos, com a vida escolar e com o trabalho. Alguns apontam também que houve uma melhora na sua participação na vida da comunidade em que habita, infelizmente porém, esse número foi minoritário em relação aos outros itens oferecidos. Do mesmo modo que, quanto ao uso instrumental relacionados às atividades cotidianas como pagamentos de contas, transações bancárias, compras pela rede, como já era esperado em função da idade e do fato de serem, grande parte, apenas estudantes, a maioria nunca realizou qualquer transação desse tipo na rede. Muitos inclusive demonstraram sua desconfiança em relação a questões de segurança em se efetuar essas ações via Internet.

Já quanto ao uso comunicacional, grande parte, principalmente entre os jovens brasileiros, enviam email. Os jovens italianos declararam que preferem utilizar o torpedo ou SMS pelo celular. Em comum verifiquei que poucos freqüentam fóruns ou chat de discussões.

Durante a aplicação dos questionários na Itália, uma das jovens do grupo perguntou o que era um fórum de discussão. A professora Laura Comaschi explicou e, como tínhamos computador conectado em sala, ela abriu na Internet um fórum da própria universidade para demonstrar aos alunos como funcionava esse espaço. Esse fato me surpreendeu posto que, revelou a proximidade entre o Brasil e a Itália, no que se refere ao desconhecimento por parte dos jovens de alguns espaços e recursos da rede, a eles jamais apresentados. Contudo, pelo que pude observar durante o período de permanência na Itália, as práticas e os usos entre os jovens não são tão diferentes entre os dois países. Poucos professores utilizam chats, fóruns, ou blogs no seu trabalho com os alunos, conforme depoimento dos jovens. A pouca exploração dos recursos da Internet, principalmente em sala de aula, estão muito próximas entre os dois países. As falas dos jovens, demonstram não só a limitação no que se refere aos usos das tecnologias, como também a falta de reflexões sobre estes usos, o que, por sua vez, impossibilita a apropriação em seu sentido mais amplo. Tampouco se ousa explorar recursos e espaços desconhecidos, ou postar conteúdos, refletindo assim a subutilização do potencial da rede.

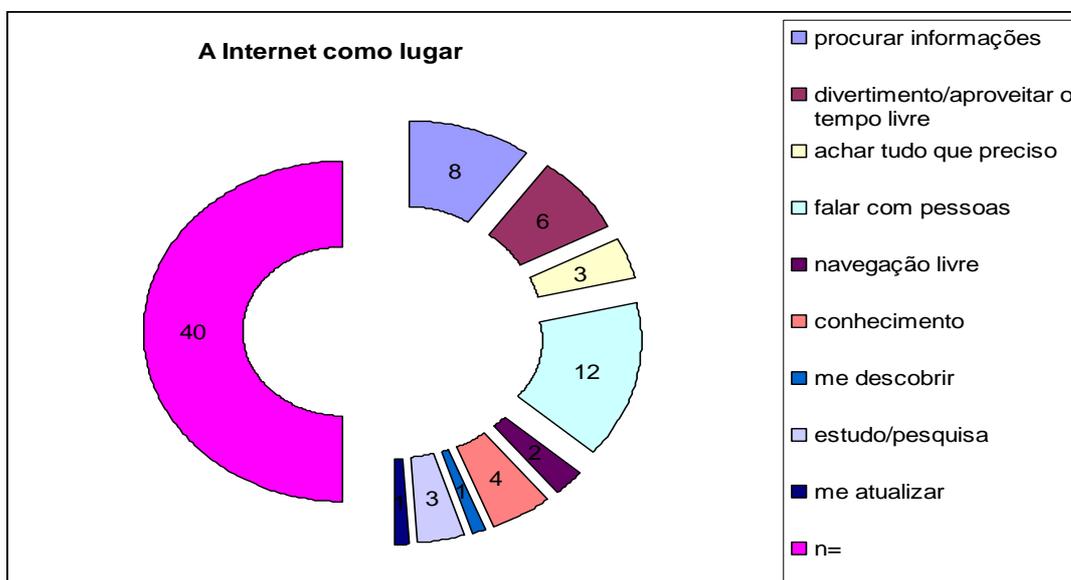
Outro ponto de aproximação identificado entre os dois grupos, foi o fato dos jovens declararem que a Internet não alterou suas relações com o livro porque, quase 90% não possuem o hábito da leitura. Já com a TV a relação também mudou pouco. Os jovens continuam vendo Televisão como sempre viram. A relação com o tempo sofre alterações em alguns casos para melhor e em outros, os jovens admitem que com a rede possuem menos tempo para desenvolverem outras atividades. Porém praticamente todos afirmam que em termos de divertimento a vida deles melhorou bastante.

Durante a montagem do questionário, eu optei por finalizá-lo com duas questões abertas, que se complementam, usando a idéia apresentada no modelo de questionário adotado pela pesquisa brasileira *Jovens em rede*, já mencionada em várias partes desta tese. A questão 30 pede uma definição do que representa a Internet para os jovens e a questão 31 pede que eles escrevam três palavras que

lhes vem à mente quando pensam em Internet. Essas questões, a meu ver, não apenas revelam quais as representações que os jovens possuem da rede, como também fornecem pistas para a compreensão dos usos e das apropriações que estes realizam.

Os gráficos a seguir, gerados com base nas respostas dos entrevistados, podem tornar visualmente mais compreensível as representações, tanto dos brasileiros como dos italianos, considerando que eles representam o conjunto dos jovens entrevistados.

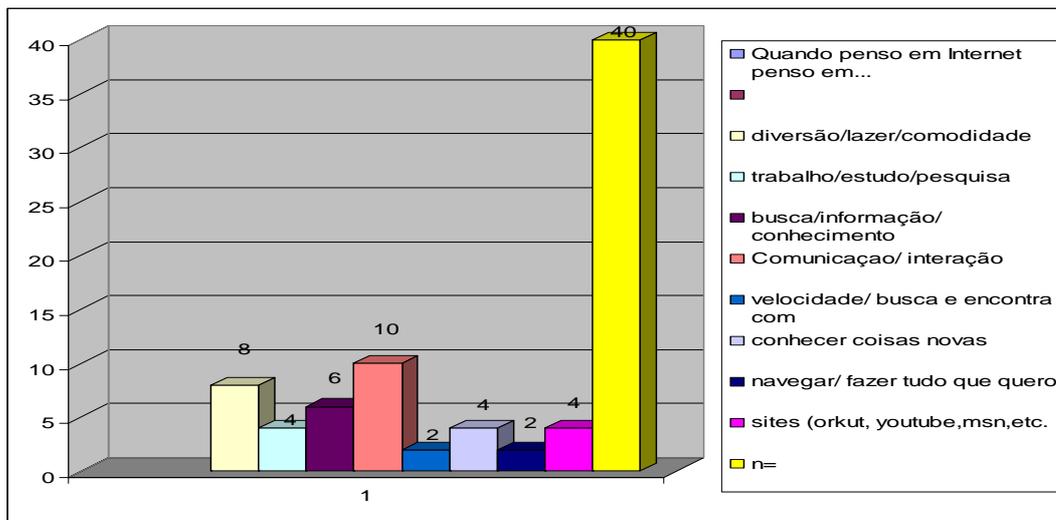
Gráfico 07 – A Internet como lugar para jovens brasileiros e italianos – n= 40.



Fonte: pesquisa tese

Quando observamos o gráfico acima, verificamos que do total de entrevistados, a maioria usa a rede sociais, emails, Skype, etc., para se comunicar, sendo a segunda representação da rede o lugar de procurar informações. Não é sem motivos que hoje os sites de busca (Google; Yahoo; Terra, etc.), são espaços constantemente freqüentados na rede.

Gráfico 08 – Quando penso em Internet penso em... para jovens brasileiros e italianos n= 40



Esse segundo quadro reafirma os dados do primeiro e a comunicação lidera como representação primeira, conforme pode ser visto por meio das respostas que os jovens deram sobre o que associam com a Internet. Também, em seguida, vem à associação da Internet como espaço de informação e de busca de conhecimentos novos, haja vista os sites citados como terceira opção.

Ainda com relação aos cruzamentos das respostas dos jovens, brasileiros e italianos, sujeitos dessa investigação, os quadros a seguir apresentam uma síntese das comparações permitidas pela pesquisa.

Quadro 4 - Resultados obtidos: usos

Brasil	Itália
<p>Representação da Internet: espaço comunicacional/ sociabilidade; (emails; msn; orkut; skype; chats, fóruns e blogs; aberto a novas redes sociais);</p> <p>Internet como primeiro meio.</p> <p>Fonte de informação.</p> <p>Preocupação com a performance.</p>	<p>Representação da Internet: espaço comunicacional/ relacional. (emails; msn; facebook; skype; menor abertura.)</p> <p>Televisão e celular como meios privilegiados.</p> <p>Fonte de informação.</p> <p>Pouca preocupação com a performance</p>
<p>Faixa etária: 15 a 24 anos (71%)</p> <p>Acesso Lan Houses</p> <p>Infra-estrutura frágil</p>	<p>Faixa etária: 18 a 34 anos (50%)</p> <p>Acesso casa.</p> <p>Forte infra-estrutura</p>

Quadro 5 - Resultados obtidos: apropriações

Brasil	Itália
<p>Dificuldades para (des)construir as informações;</p> <p>Fatores socioeconômicos e desigualdades regionais principais determinantes para acesso;</p>	<p>Dificuldades para (des)construir as informações;</p> <p>Fatores socioeconômicos e faixa etária principais determinantes do acesso;</p>
<p>Aprendizagem desordenada, carência de uma mediação.</p>	<p>Presença da mediação como papel desempenhado pela universidade.</p>

Os cruzamentos realizados permitem pensar também alguns desdobramentos:

- Pensar a questão da inclusão digital como inclusão social
- Pensar o acesso não somente em termos de infra-estrutura, mas principalmente em termos de construção de competências cognitivas.
- Envolvimento com o ambiente criativo, lúdico e colaborativo favorece à experimentação e a preparação para novas aprendizagens e para a aquisição de novas competências cognitivas.
- Pensar formas de promover a educação como mediadora nesse processo.

E ainda deixam margens para pensarmos algumas questões que abrem perspectivas para novas investigações, tais como:

- Trabalhar com construção de uma nova lógica (e)cognitiva?
- Produzir meios para que os sujeitos possam intervir no contexto e transformá-lo para melhorar a condição de todos e, pelo menos reduzir gradativamente o número e os processos de exclusão?
- Mediar uma vivência lúdica e colaborativa, visando construir reflexões e apropriações que resultem em novas aprendizagens?
- Contribuir efetivamente para a inclusão social por meio dessa mediação?

Com base nos resultados, podemos perceber que as práticas e os usos apontam para uma sub-apropriação da rede, no sentido de que, embora aumente constantemente o número de usuários como indicam as pesquisas, os usos que estes fazem da rede não se renovam, ou melhor, se renovam muito lentamente, e os jovens, embora participem e sejam os grandes atores nesse cenário, consomem muito, mas, produzem pouco conteúdo, e a utilização é pensada sempre como ganho individual, seja por divertimento, informação, comunicação, etc. Não existem ainda, em quantidade significativa, práticas voltadas para a transformação e para a melhoria das condições sociais visando à construção de um futuro melhor no interior dessa Mediápolis (Silverstone, 2009).

O computador conectado à internet gera uma potencialização da realidade. Como em um passe de mágica, podemos tocar, arrastar, colar, visitar o passado, encontrar informações e pessoas, visitar lugares distantes que, de certo modo, nos

fazem sentir o ‘dom divino da ubiqüidade’, de estarmos lá e aqui ao mesmo tempo. “De fato, criamos um ambiente desterritorializado”. (Levy, 1995, 51). Mas, assim como o ambiente, a economia contemporânea torna-se também desterritorializada e virtual. Negócios são concluídos, compras e vendas efetuadas, grandes somas de dinheiro trocam de mãos da noite para o dia, bastando para isso o apertar de uma tecla do computador.

O resultado desse simples gesto pode significar o aumento das desigualdades e do fosso entre os que possuem o domínio da ‘cultura da rede’ e aqueles que a utilizam, mas, dela não se apropriam.

Por isso, incluir socialmente, ou combater a divisão digital, arrisco dizer, exige o trabalho de formar nos usuários e, principalmente nos jovens, uma “cultura de acesso”, entendida como uma aprendizagem necessária para o mundo em que vivemos, repleto de tecnologias que carregam consigo o potencial para estabelecer transformações sócio-estruturais, emocionais, de linguagem e de comportamento e que vem impondo aos jovens um conhecimento empírico em direção a um conhecimento mais abstrato e harmonioso.

Sob essa visão, é preciso estimular uma ‘cultura do acesso’ que possibilite ao usuário da rede se apropriar dos conteúdos e das informações, mas, principalmente da estrutura e da lógica de funcionamento da mesma, visando construir novos usos e explorar novas possibilidades de afiliações e de pertencimentos que se reflitam no mundo concreto, posto que, ambos não são dissociados e estão, irremediavelmente vinculados um ao outro. Por meio dessa ‘Cultura’, em minha opinião, se pode pensar e refletir sobre os efeitos no mundo ‘real’ das aprendizagens e das ações vivenciadas no mundo virtual. Desse modo, é então possível que a Internet venha proporcionar o desenvolvimento de novos usos e novas compreensões por parte do usuário, que passa a ter clareza de que suas ações no mundo virtual dão um tremendo potencializador de realidades que, por sua vez, potencializam transformações, desenvolvimento e mudanças tanto no indivíduo, quanto na sociedade

O Netinho, baiano e bom cantor
 Já faz tempo tornou-se um provedor – provedor de acesso
 À grande rede www
 Esse menino ainda vira um sábio
 Contratado do Google, sim senhor
 (Banda Larga Cordel, Gilberto Gil)